

# A INTEGRAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E JOVENS: O FOLCLORE COMO MEDIADOR

Dissertação de Mestrado

Ana Lúcia Pombo Pires

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Doutor José Carlos Laranjo Marques

Leiria, março de 2023

Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

“Sou FOLCLORISTA, troco saídas à noite por ensaios; O estilo pelo SUOR em todo o corpo; Noites de festa por uma ATUAÇÃO; Roupas de moda por TRAJES. Não me importa tudo o que deixei, porque o AMOR e a satisfação de fazer uma EXCELENTE ATUAÇÃO vale mais que tudo e sei que os verdadeiros amigos entendem!”

*(Adaptado, Autor Desconhecido).*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, aos meus pais e irmão por serem sempre o meu porto de abrigo, sobretudo naquela que foi uma das piores fases da minha vida e que coincidiu com o mestrado.

Às minhas avós, por estarem sempre lá, ainda que a vida esteja a mostrar alguma ingratidão para com elas... (Aos meus avôs, que são as minhas estrelinhas)

Ao meu Diogo Rafael, por me ter incentivado, com tanta força, a continuar sempre que eu quis desistir e me proibir de abrir a boca para dizer que o ia fazer. Melhor “enxugador” de lágrimas de sempre!

Ao meu filho Théo, que ainda “escondido” na fase de entrega deste trabalho, foi a minha maior força para concluir o Mestrado.

Ao Professor Doutor José Carlos Marques, pela orientação e disponibilidade.

Aos colegas de mestrado, por todo o apoio que sempre foram dando uns aos outros, no decorrer desta aventura, foram incansáveis e os melhores colegas de sempre!

Aos meus verdadeiros amigos, aqueles que me provaram ser de verdade, por me darem a mão quando eu bati no fundo. Sabem quem são!

Por fim, a todos os que colaboraram comigo e que eu tanto chateei no decorrer do meu estudo, especialmente a Dr.<sup>a</sup> Ana Rita Leitão.

A todos vós, o meu mais sincero obrigado!!!

## RESUMO

Os grupos folclóricos e etnográficos são estruturas organizadas, inspiradas e geradas nos meios rurais e nas vivências de antigamente. Sendo uma tradição cultural muito vinculada ao contexto rural, esta prática também está muito presente em contextos urbanos. Alguns destes grupos têm a sua origem em processos migratórios de pessoas que saíram do meio rural para os centros urbanos e que preservaram as memórias do seu contexto de origem concretizando-as em recriações, como reforço e salvaguarda dos seus alicerces identitários. As tradições culturais continuam a ser uma componente para a construção de identidade individual e coletiva, tanto nos meios rurais como nos urbanos.

Com esta investigação pretendeu-se compreender como o folclore pode contribuir para a integração social de crianças e jovens.

A investigação assume-se como um estudo de caso e o seu foco de estudo em componentes de grupos folclóricos de Portugal, da Região Autónoma da Madeira e uma comunidade de emigrantes portugueses na Suíça. Optou-se por uma metodologia de análise qualitativa e a estratégia para recolha de dados combinou a observação participante e entrevistas.

A junção da revisão da literatura com os dados empíricos forneceu elementos que assinalam a relevância das relações sociais criadas dentro do grupo que lhes confere um sentimento de pertença e identidade, ao grupo e à região. O interesse pelo folclore surge das memórias de infância, das vivências na aldeia, do gosto pela música e pela dança, das relações de parentesco, das amizades e do conceito de família que reconhecem no grupo, sendo também uma ocupação de tempos livres.

**Palavras-chave:** Crianças e jovens; Folclore; Etnografia; Integração Social; Mediação; Empoderamento; Intervenção Social.

## ABSTRACT

Folkloric and ethnographic groups are organized structures, inspired and generated in rural areas and in the experiences of the past. Being a cultural tradition closely linked to the rural context, this practice is also very present in urban contexts. Some of these groups have their origin in migratory processes of people who left rural areas for urban centers and who preserved the memories of their context of origin, materializing them in recreations, as a reinforcement and safeguard of their identity foundations. Cultural traditions continue to be a component for building individual and collective identity, both in rural and urban areas.

This investigation, had the aim of understanding how folklore can help in the social integration of children and young people.

The investigation assumes itself as a case study and its study focus on components of folk groups from Portugal, from the Autonomous Region of Madeira and a community of Portuguese emigrants in Switzerland. A qualitative analysis methodology was chosen and the data collection strategy combined participant observation and interviews.

Combining the literature review with empirical data provided elements that indicate the relevance of the social relationships created within the group that give them a sense of belonging and identity, to the group and the region. The interest in folklore arises from childhood memories, experiences in the village, the taste for music and dance, kinship relations, friendships and the concept of family that they recognize in the group, and it is also an occupation of free time.

**Key Words:** Children and youth; Folklore; Ethnography; Social Integration; Mediation; Empowerment; Social Intervention.

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO .....	iv
ABSTRACT.....	vi
ABREVIATURAS .....	ix
INTRODUÇÃO .....	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....	4
1. FOLCLORE E MEDIAÇÃO .....	5
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FOLCLORE .....	5
2. ENQUADRAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO .....	8
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, CONCEITOS E VERTENTES DO FOLCLORE .....	9
3. INTEGRAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E JOVENS E IMPACTOS NO FUTURO: O CONTRIBUTO DO FOLCLORE.....	14
3.1. INTEGRAÇÃO SOCIAL .....	15
3.2. EMPOWERMENT (EMPODERAMENTO): UMA ESTRATÉGIA FACILITADORA PARA A INCLUSÃO.....	16
3.3. CRIANÇAS E JOVENS – INTEGRAÇÃO NA SOCIEDADE, EM GRUPOS SOCIAIS E NO ASSOCIATIVISMO .....	18
3.4. O FOLCLORE E O SEU CONTRIBUTO.....	22
3.5. A IMPORTÂNCIA DO FOLCLORE NAS COMUNIDADES PORTUGUESAS ....	25
4. MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL COMO MEIOS FACILITADORES PARA A INTEGRAÇÃO SOCIAL .....	26
PARTE II – METODOLOGIA .....	37
5. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO.....	38
5.1. OBJETIVOS DO ESTUDO .....	38
5.2. O PARADIGMA INTERPRETATIVO-FENOMENOLÓGICO: A INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA .....	39
5.3. O MÉTODO DO ESTUDO DE CASO .....	40
6. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	42

6.1. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS .....	42
6.2. SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES .....	43
6.3. TRATAMENTO DOS DADOS.....	45
PARTE III – RESULTADOS .....	47
7. APRESENTAÇÃO DOS DADOS EMPÍRICOS .....	48
7.1. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....	48
7.2. ENTREVISTAS A PESSOAS LIGADAS AO FOLCLORE .....	50
8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	67
CONCLUSÃO .....	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	78
APÊNDICES.....	86
APÊNDICE 1 .....	87
APÊNDICE 2 .....	90
APÊNDICE 3 .....	91
APÊNDICE 4 .....	98
APÊNDICE 5 .....	103
APÊNDICE 6 .....	109
APÊNDICE 7 .....	114
APÊNDICE 8 .....	119
APÊNDICE 9 .....	129
APÊNDICE 10 .....	141
APÊNDICE 11 .....	148
APÊNDICE 12 .....	153

## ÍNDICE DE TABELAS

<b>TABELA 1 - CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA DOS PARTICIPANTES .....</b>	<b>45</b>
---	-----------

## ABREVIATURAS

SNI (Secretariado Nacional de Informação);

GMT (Grupos de Música Tradicional);

INET (Instituto de Etnomusicologia);

OAC (Observatório das Atividades Culturais);

FFP (Federação do Folclore Português);

AGNU (Assembleia Geral das Nações Unidas);

ONU (Organização das Nações Unidas);

CIOFF (Conselho Internacional de Organizações de Festivais Folclóricos e Artes Folclóricas);

INATEL (Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres);

UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

# INTRODUÇÃO

O presente trabalho de investigação enquadra-se no âmbito da dissertação de Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social, da Escola Superior de Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

Num mundo onde está cada vez mais presente a globalização e onde se ouve tanto falar sobre a construção de uma sociedade de conhecimento, deveria haver total interesse em salvaguardar as culturas próprias de cada povo, comunidade e país, com a intenção de não perder a essência da identidade e a possibilidade de partilhar essas mesmas culturas com outros povos de diferentes culturas. Com esse intercâmbio, abre-se uma porta para a cooperação, partilha e colaboração, baseadas no respeito e na valorização da diversidade cultural própria e alheia, que poderão potenciar o contato e o diálogo intercultural.

Tal como afirmou Alves Redol (citado por Aurélio Lopes, in *VI Congresso de Folclore do Ribatejo 1999 – I Congresso Celestino Graça*, p. 166) “Folclore é a retenção de tudo o que o povo preserva do passado e cria no presente, num encadeamento que afirmará a presença constante da inventiva popular na cultura das sociedades.” Ora, sendo que os Ranchos Folclóricos e Etnográficos cada vez têm uma maior expressão no que toca a eventos culturais e a várias dinamizações de carácter social, eles acabam por integrar grupos etários variados, entre os quais crianças e jovens, alguns desde bebés por nascerem no seu seio.

Assim, esta dissertação resulta da análise de um estudo de caso com foco em pessoas ligadas ao folclore, sejam ranchos folclóricos ou grupos de cantares, entre outros, incidindo principalmente, sobre jovens que fazem parte deste meio desde crianças. De modo a perceber a importância da cultura de raiz na construção da identidade e de redes sociais, de convivência e de pertença e nas relações que os grupos estabelecem com os territórios, entendeu-se observar casos espalhados um pouco por todo o país e também em grupos folclóricos em comunidades de emigrantes.

Este estudo pretende compreender, a) as motivações para a participação de crianças e jovens em grupos folclóricos e o papel destes na sua construção identitária, b) compreender de que modo o folclore influencia as crianças e jovens na sua vida pessoal,

c) conhecer as práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas, d) identificar práticas de mediação do folclore com as famílias/crianças. De um modo mais geral, conhecer o modo como o Folclore pode ser mediador na integração social de crianças e jovens.

Sendo o Folclore a forma de expressão de uma cultura, dos seus usos e costumes, pode-se considerar que os envolvidos nestes movimentos conseguem expressar melhor os seus sentimentos e emoções, quer seja através do canto, das danças, das representações, de quadros etnográficos, até mesmo dos instrumentos musicais envolvidos. No que concerne às danças, Garcia e Haas (2003, p. 139) afirmam que “entende-se a dança como uma arte que significa expressão gestual e facial por meio de movimentos corporais e emoções sentidas a partir de determinado estado de espírito”. Castelo-Branco, S. El-Shawan e Branco, J. F. (2003, p. 3) referem que “nas exibições folclóricas encena-se a alegria e o colorido da vivência rural, enquanto pelo fado se transmite dor e sofrimento, que exprimem emoções, personagens, eventos e ambientes urbanos”, o que sustenta as afirmações acima, de que estes movimentos folclóricos são meios para os envolvidos expressarem as suas emoções e os seus sentimentos.

Assim estamos perante a construção de uma identidade própria, partindo da cultura de origem. Pois toda essa partilha de saberes, que envolve expressão e comunicação, dá a cada pessoa ferramentas preciosas que servirão para esta integração na sociedade. Daí este estudo focar-se mais nas crianças e jovens, pois, a longo prazo, já numa idade adulta, estas pessoas terão adquirido competências através do folclore, que poderão usar no seu futuro. Algumas dessas competências são o favorecimento das relações interpessoais, o aumento das atitudes cooperativas e afetivas, e, ainda, o incremento das suas capacidades rítmicas, expressivas, estéticas, comunicativas e de coordenação.

Esta investigação será dividida em três grandes partes. A primeira é sustentada pela revisão da literatura e fundamentação teórica, em que se esclarecem conceitos referentes às questões de base do estudo, sendo que as influências teóricas servirão de ponto de partida para a investigação. A segunda parte deste estudo pretende realizar o enquadramento empírico da investigação. Deste modo, começa por expor a metodologia de investigação desenhada, apresentando o problema de estudo e os objetivos específicos formulados. Para uma contextualização metodológica adequada, engloba

uma abordagem ao paradigma interpretativo-fenomenológico, enquadrando uma metodologia de análise qualitativa. Em termos de estratégia de recolha de dados o estudo recorre ao método etnográfico que combinará a observação participante e entrevistas a pessoas, de várias faixas etárias, ligadas diretamente ao Folclore com o intuito de aprofundar, compreender e analisar de que forma o Folclore pode contribuir para a integração social de crianças e jovens. Seguidamente, esclarece-se a escolha do grupo analisado, as técnicas de recolha de dados utilizadas e o modo como se procedeu ao tratamento dos dados obtidos. Na terceira parte da dissertação, são apresentados os resultados obtidos nas entrevistas realizadas. Segue-se a discussão e análise dos dados obtidos e as conclusões finais.

De um ponto de vista mais específico serão apresentados inicialmente, na fundamentação teórica, os conceitos centrais desta investigação, fazendo pequenas definições de “crianças e jovens”, “folclore”, “etnografia”, “integração social” e “mediação”. Seguidamente é feita uma introdução ao folclore onde é abordada a sua contextualização histórica, o seu conceito e as suas vertentes. De seguida, é analisado o contributo do folclore para a integração social de crianças e jovens e o seu potencial impacto no futuro, dando destaque primeiramente à integração social, pelo que se segue a noção de Empoderamento<sup>1</sup>, de seguida a integração na Sociedade, em grupos sociais e no associativismo, a curto, médio e longo prazo, de crianças e jovens, terminando com o folclore e o seu contributo nessa integração social de crianças e jovens.

Neste estudo, são também abordados os conceitos de mediação e de integração social, o que é essencial para percebermos mais concretamente de que modo o folclore pode ser, então, mediador na integração social de crianças e jovens, com base, também, nos conhecimentos que fui adquirindo ao longo do mestrado e nas diferentes referências bibliográficas utilizadas.

---

<sup>1</sup> Empowerment

## PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

# 1. FOLCLORE E MEDIAÇÃO

De forma a compreender de forma adequada o tema do Folclore, da Mediação e da Integração Social e a relação que se estabelece entre eles, torna-se necessário começar o enquadramento teórico com uma abordagem aos conceitos subjacentes aos temas. Em primeiro lugar, será apresentada uma contextualização histórica do Folclore, fazendo, seguidamente, alusão aos conceitos de Crianças e Jovens, Folclore, Etnografia, Integração Social e, finalmente, de Mediação.

De acordo com aqueles que são os objetivos deste trabalho de investigação, considera-se fundamental aprofundar, sobretudo, o Folclore no seu todo e a Mediação, com os seus diferentes tipos, modos, elementos, bem como as características do Mediador.

## 1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO FOLCLORE

A folclorização é um fenómeno cultural da modernidade. A obra de Castelo-Branco, S. El-Shawan et Branco, J. F. (2003), *Vozes do Povo – A Folclorização em Portugal*, demonstra como o folclorismo conduziu à mobilização e integração das populações rurais na nação.

Segundo o estudo destes autores, desde finais do século XIX assinala-se o empenhamento de grupos de intelectuais em difundir na opinião pública uma matéria, que designam folclore, cultura popular ou tradições populares, pugnando pelo seu aprofundamento na sociedade, dado que consideravam tratar-se de um ato cívico em prol do aportuguesamento da cultura.

Folclore não se confina a tema de ciência, nem a património rural suposto autêntico e arcaico. Existem indicações muito anteriores sobre exibições de cariz folclórico. No Funchal, em 1850, um grupo de camponeses terá atuado numa feira. Outra menção alude a um espetáculo dos Pauliteiros de Miranda do Douro, em Lisboa, no ano de 1898, por ocasião do centenário da largada de Vasco da Gama para a Índia (Mourinho, 1983). Os dois eventos mostram que espetáculos de música e dança populares interpretados por camponeses não são um

fenómeno do século XX. Os resultados do inquérito efetuado, em 1999, aos grupos de música tradicional (GMT) pelo INET em colaboração com o Observatório das Atividades Culturais (OAC) (Castelo-Branco, Neves & Lima 2001) confirmam este dado, ao remeter a formação dos grupos mais antigos para o último quartel do século XIX. (Castelo-Branco, S. et al, 2003, p.19)

O folclore representa todas as tradições de um povo, sobretudo na altura de finais do século XIX, princípios do século XX, época marcada por processos migratórios, sobretudo aqueles em que as pessoas iam trabalhar para o campo, fora da sua região (ex: apanha da azeitona, ceifa, etc.). Essas tradições, que nessa altura eram o dia-a-dia de quem labutava para o seu sustento e da sua família, já integravam os jovens na sociedade, pois estes começavam a trabalhar desde muito cedo com os pais, alguns a partir dos doze anos de idade. Era nos campos, a trabalhar, que faziam amizades e se formavam futuros casamentos.

Segundo Castelo-Branco, S. *et al* (2003), desde finais de mil e oitocentos, aumentava o gosto na organização de bailes e serões musicais, nos meios burgueses e aristocráticos, onde se podiam vislumbrar vestes de inspiração popular. Foram feitas recolhas orais de cancioneiros e romanceiros, contos e lendas para fins pedagógicos, sendo que em 1857 foi editado o primeiro cancioneiro de que há conhecimento, por João António Ribas, que teria sido diretor da orquestra do Teatro de São João, no Porto. No decorrer do século XX, foram publicados cancioneiros com a finalidade de documentar a música tradicional (Castelo-Branco, S. *et al*, 2003).

Em 1932 foram lançados vários eventos, em que é concedida uma relevância crescente à prática folclórica: em Lisboa, iniciam-se as Marchas Populares (Melo, 2001), no Funchal (Câmara, 1994), as festas de São Silvestre, e em Vila Franca de Xira, as do Colete Encarnado. Estes acontecimentos alcançaram uma grande receptividade que ficou comprovada pelas rivalidades regionais que, entretanto, se desencadearam, por exemplo ao surgir, em 1945, a festa do Barrete Verde, em Alcochete (Mota, 1998), em concorrência com a de Vila Franca. (Castelo-Branco, S. *et al*, 2003)

Paralelamente, num meio de juventude burguesa, crescia o interesse pela descrição dos “usos e costumes” populares, contribuindo para uma “ciência do povo”. Já um pouco cansados da vida urbana, começaram a fazer escapadas, ficando ao relento, longe de casa, por montes e vales, frequentando arraiais e romarias, numa aprendizagem das convivências que se proporcionam durante os folguedos camponeses. (Castelo-Branco, S. *et al*, 2003)

Em finais dos anos 30, é institucionalizada a prática do folclore, essa representação de tradições e da cultura de um povo, dotado de instrumentos e mecanismos de regulação e produção, de modo a efetuar exposições públicas, no campo do traje, da música e da dança. Surgem ainda nessa altura, outras vertentes do folclore, sem ser os grupos folclóricos e etnográficos. Temos como exemplo o cante alentejano e os grupos urbanos de recriação (Castelo-Branco, S. *et al*, 2003).

Com a institucionalização da prática do Folclore, esta iniciativa estimula e oficializa a exposição ruralista, moldada nas tradições recuperadas pela história (as datas, as figuras, os monumentos) e no folclore (a memória, os artefactos, as gentes). Surge, então, uma representação visual e sonora do país. As territorialidades que se criam são definidas pelos atributos expressos no desempenho folclórico: as vestes, os cantares, as danças, as melodias. São panoramas de naturezas vivas. Em 1940, na exposição dos centenários, é apresentado ao país um folclorismo já edificado em linguagem interpretativa da nação; no Museu de Arte Popular, em 1948, fixam-se as respetivas linhas consideradas definitivas. A inauguração deste museu foi a confirmação do processo de Folclorização lançado com o concurso das aldeias, que surgiu em 1938 com o intuito de eleger a aldeia mais portuguesa de Portugal; ao mesmo tempo, a divulgação pública do universo artefactual homologado no âmbito da institucionalização do folclore (Castelo-Branco, S. *et al*, 2003).

Seguida da institucionalização do folclore, vem a propagação da sua prática. A difusão dos ranchos folclóricos e de outros grupos engrossa o movimento folclórico.

Ainda na linha de estudo de Castelo-Branco, S. *et al* (2003), a partir de 1959, algumas personalidades empenhadas na causa do folclore decidiram reunir-se e debater a desfiguração patente na sua prática predominante. Defenderam o estabelecimento de regras para impedir aquilo que consideravam a adulteração da indumentária (o garrido

de cores a ser substituído por tons pálidos, as saias descidas até ao tornozelo, etc.), do repertório (adoção de conteúdos “arcaicos” sem autoria conhecida, etc.), da gestualidade (posturas corporais distintas das do teatro de revista) e da sonoridade (por exemplo, a substituição do acordeão pela concertina). A dinâmica criada por estes estudiosos e entusiastas do folclore é a origem remota da Federação do Folclore Português (FFP), que se viria a constituir em 1977.

Com esta estrutura associativa, no quadro do regime democrático, passa a existir uma instância de regulação voluntária no movimento folclórico. A FFP depressa adquire um papel preponderante na (re)configuração do folclore no país e nos meios da emigração: ela define os parâmetros de autenticidade e dita os métodos a aplicar. A admissão na federação é a certificação dessa autenticidade reconhecida a um grupo, o que por sua vez vai aumentar as oportunidades de exibição. (Castelo-Branco, S. et al, 2003, p.23)

## 2. ENQUADRAMENTO E CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETOS DE ESTUDO

Neste ponto será feita, inicialmente, uma abordagem aos conceitos que são as palavras chave desta investigação, começando por fazer uma breve descrição dos conceitos *crianças e jovens*, pois é neste público alvo que focamos esta investigação. Seguem-se os conceitos de *folclore*, *etnografia*, e, por fim, de *integração social*.

Feita uma breve definição dos conceitos que guiarão este trabalho, será feita uma abordagem mais direta e pormenorizada ao conceito de Folclore, começando com uma contextualização histórica e constituição do vocábulo, passando pelas várias vertentes do Folclore e vários pontos de vista.

Este ponto considera-se importante e fundamental para percebermos de que modo o Folclore pode ser mediador na integração social de Crianças e Jovens e qual o papel na construção identitária destes, pois só sabendo o que é o Folclore na sua essência, poderemos compreender melhor o seu papel.

## 2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, CONCEITOS E VERTENTES DO FOLCLORE

### *Crianças e jovens*

Segundo Áries (1981), uma criança é um ser humano no início do seu desenvolvimento. Antes do século XV, a criança era vista como um adulto em miniatura. Não existia, ainda, uma conceção de infância definida. As crianças eram rapidamente introduzidas no mundo dos adultos, chegando até a serem vestidas como eles. A falta de uma ideia de infância, impossibilitou, por muitos anos, a criação de direitos e deveres próprios para as crianças, considerando as suas características e fases de desenvolvimento. Desde muito cedo as crianças iam para o campo trabalhar com os pais e aprendiam outros ofícios com os mesmos. (Áries, P., 1981)

Embora não exista uma definição oficial aprovada, a Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU), entende como jovem todas as pessoas que se situam entre os 13 e os 24 anos de idade, inclusive. Para o ser humano, esta designação refere-se ao período entre a infância e a maturidade, podendo ser aplicada a ambos os sexos, havendo também variações no período de idade que ocorre de acordo com a cultura.

### *Folclore*

Segundo a Enciclopédia Portuguesa Ilustrada, em 1900, o folclore era visto como a “ciência do povo” (folk significa povo e lore, ciência). O folclore integraria o “ramo da arqueologia que recolhe a literatura, as tradições e os usos populares”. O germânico folk era usualmente visto como o equivalente da palavra latina vulgus, que significa a multidão, a plebe. A literatura e as tradições dos folcloristas não eram os da cultura académica, reconhecida com a antiguidade grega e romana. “Os folcloristas recolhiam as “antiguidades populares”, termo pelo qual, aliás, o folclore era conhecido em Inglaterra no princípio do século XIX” (Castelo-Branco, S. et al, 2003, p.38).

### *Etnografia*

Para Vidal (2009), a Etnografia significa descrição cultural de um povo (do grego ethnos, que significa nação e/ou povo e graphein, que significa escrita); é uma metodologia das ciências sociais, principalmente da disciplina de Antropologia, em que o principal foco é o estudo e a descrição dos costumes e tradições de um grupo social, permitindo, em pormenor, o conhecimento da identidade, das práticas e dos mitos de determinada cultura.

A etnografia implica ainda a observação participante e um contato efetivo com a comunidade. Por vezes, esta observação exige uma participação nas atividades, para recolha de informações e de um conhecimento minucioso das tarefas e práticas de cada elemento, ou seja, da cultura em estudo.

### *Integração Social*

A integração social é vista como um conjunto de procedimentos utilizados para que todos os elementos de uma sociedade dialoguem e existam relações sociais pacíficas de modo a garantir que todos os elementos da sociedade sejam incorporados nela, afiançando a sua coesão.

Ocasionalmente, a integração social é entendida como forma de gerar oportunidades e direitos idênticos para todos os indivíduos de uma sociedade.

Porém, integração social não indica que os indivíduos da sociedade se tornem todos iguais, mas sim que consigam coabitar pacificamente tendo as suas diferenças. Isto é, a integração social também se refere ao poder de podermos ser o que e quem pretendemos.

A integração social não está relacionada somente com questões económicas, mas também culturais, políticas e sociais. Dado que as sociedades estão constantemente em transformação, o processo de integração social nunca termina.

### *Folclore: Conceito, contextualização e vertentes*

Como já referido anteriormente, o termo *folclore* é a forma aportuguesada do vocábulo inglês *folklore*, constituída por dois componentes, de origem saxónica sendo que *folk*, significa povo e *lore*, estudo. Esta palavra foi aplicada pela primeira vez por William John Thom, arqueólogo inglês, em 1846, num artigo publicado na revista londrina *Athenaeum* e em substituição da expressão popular *antiquities* (antiguidades populares), usada até então.

Do ponto de vista de Damasceno (2010), o vocábulo Folclore surgiu em Portugal em 1875 num estudo de Adolfo Coelho, publicado na Revista Ocidental de Lisboa. Na sua opinião, o Folclore é considerado o estudo das tradições populares, onde se inclui lendas, superstições, canções, adágios, jogos, festas e medicina tradicional.

Na visão do autor, (Vidal, 2009), “folclore é a ciência etnológica que estuda os usos, costumes e tradições imateriais, seculares e milenares de um povo ou grupo social, que deixou de ser primitivo e vive, hoje, em padrões evoluídos, mercê das conquistas técnicas universais.<sup>2</sup>”

O folclore tem como objeto de estudo as manifestações populares presentes no traje, festas e romarias, trabalhos, feiras e mercados, culinária, religião, danças e canções, instrumentos musicais, medicina popular e magia, lendas, contos e "estórias", poesia popular, adivinhas, jogos e brincadeiras.

Atualmente o folclore vive da tradição, mas também da reinterpretação e recriação das vivências e costumes dos antepassados. Se assim não fosse, estar-se-ia a negar ao povo a capacidade de criar e reinterpretar factos do património cultural comum e até mesmo acontecimentos que têm origem na cultura erudita, desde que haja aceitação coletiva dos mesmos.

A etnografia e o folclore têm em comum o método de recolha e investigação, baseado no trabalho de campo e de gabinete.

O trabalho de campo consiste na investigação e recolha de elementos de estudo, dados e informações, objetos e documentos etnológicos. Faz-se nas aldeias e aglomerados

---

<sup>2</sup> Consultado no artigo “A etnografia e o folclore”:

<https://dica.madeira.gov.pt/index.php/desenvolvimento-rural/248-a-etnografia-e-o-folclore>

rurais. Tem como princípio o "saber ver, saber ouvir e saber reproduzir", com isenção e objetividade.

As recolhas realizam-se através de conversas, que devem ser registadas, da fotografia e filme. Este é o modo privilegiado na recolha de danças, práticas sociais e de trabalho coletivo e do artesanato, pois permite a noção de movimento, as expressões musicais, orais e dialéticas.

O termo “folclore” tanto é usado entre nós enquanto sinónimo aproximado de “cultura popular” como serve para designar o estudo ou ainda a figuração dessa cultura. É do folclore neste último sentido que falarei. Refiro-me, mais especificamente, ao folclore dos ranchos folclóricos, dos desfiles de trajes tradicionais e de outras mostras performativas e museográficas de âmbito local ou regional (Vasconcelos, 2001, p. 399).

Seguindo o pensamento de Richard Handler, podemos considerar que “a engrenagem da exibição das danças folclóricas é tão cultural como as danças que se exibem” e que, na medida em que “ambas são cultura, cultura moderna, são ambas passíveis de análise antropológica” (Handler, 1993, pp. 67-68).

Segundo Vasconcelos (2001), existem várias formas de conceber a cultura expressiva do folclore, pelo que podemos encontrar vários tipos de discursos de diferentes autores. O termo folclore é encorajado quando se usa como sinónimo aproximado de cultura popular, ou, em alternativa, para designar o estudo, ou ainda, a figuração dessa mesma cultura (Vasconcelos, 2001).

O folclore é entendido enquanto objeto definidor de um campo social no sentido que Bourdieu atribui a esta noção,

Compreender a génese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos

dos produtores e as obras por eles produzidas e não, como geralmente se julga, reduzir ou destruir (Bourdieu, 1989, p. 69).

Vasconcelos (2001) alega que o facto de muita gente ser indiferente a esta prática é indício inicial da existência de um campo folclórico. Quando fala em indiferença, o autor refere-se, não a uma total ausência de opinião, mas sim a uma falta de interesse pelos produtos deste fenómeno e uma incapacidade de distingui-los uns dos outros. Este desinteresse remete para a existência de um campo autónomo que trate da economia desses produtos (Vasconcelos, 2001).

Mediante isso, será viável apurar no domínio do folclore uma particularidade que se insere noutros domínios, como por exemplo, nas artes plásticas ou na alta-costura. Os inexperientes tendem a combinar aspetos que os jogos de poder no interior dos campos específicos tratam de distinguir (Vasconcelos, 2001).

Do ponto de vista antropológico do autor, a afirmação deste campo social do Folclore é influenciada por vários fatores. Podem-se destacar entre esses fatores, o facto de existirem, em Portugal, mais de duas mil Associações Culturais e Recreativas, locais e regionais, que usam o adjetivo Folclórico para se auto denominarem, para além das centenas de Ranchos Folclóricos federados na Federação do Folclore Português, a existência de um mercado bem estabelecido de exibição e de “consumo” do folclore, impulsionado por mediadores e entidades oficiais de âmbito municipal, regional e nacional que estimulam e apoiam o trabalho dos grupos folclóricos, quer seja através de aconselhamento pelos Conselhos Técnicos Regionais da Federação do Folclore Português, quer seja através de apoios logísticos e financeiros, normalmente através das autarquias (Vasconcelos, 2001).

Desde os anos 30 até ao presente, é possível encontrar na origem dos discursos acerca do folclore português uma polarização entre duas formas de gerar este facto (Vasconcelos, 2001).

Ainda Vasconcelos (2001) afirma que esses pontos de vista relativamente ao folclore português diferenciam-se entre um padrão da recomposição que faz com que o folclore se converta numa representação o mais fiel possível dos usos e costumes de antigamente, e um modelo da estilização que torna o folclore num objeto em si que se

manifesta num mercado adequado, em que as suas propriedades devem ser reguladas por essa respetiva inclusão.

Do ponto de vista deste autor, ambos os modelos estabelecem desenvolvimentos opostos de uma tensão intrínseca à própria representação do folclore e, desse modo, norteiam planos de ação limitados pelas particularidades objetivas do fenómeno que está a ser falado.

Segundo o mesmo autor (Vasconcelos, 2001), os discursos relativamente ao objeto em questão, são instrumentais nas competições entre grupos concorrentes no interior do campo e, no que concerne aos centros disciplinares, a mudança de um para o outro foi proporcionada por transformações sociais que sucederam, não só no interior, mas também no exterior do campo após a Revolução de 25 de Abril de 1974.

Vasconcelos (2001) assegura ainda que surgiu um discurso recente, em termos sociológicos, sobre o Folclore, estreitamente ligado à antropologia, com conceitos como cultura local, identidade local e memória coletiva associadas. Este discurso é concretizado de forma peculiar em textos cujos autores têm um posicionamento influente nas áreas do folclore e das políticas culturais de âmbito local ou regional com uma formação académica na área das ciências sociais.

### 3. INTEGRAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E JOVENS E IMPACTOS NO FUTURO: O CONTRIBUTO DO FOLCLORE

Após a caracterização e contextualização histórica dos conceitos abordados nesta investigação, importa de seguida perceber o contributo do folclore na integração social de crianças e jovens e os impactos que esse contributo terão no futuro, sendo que, para tal, será necessário abordar a integração social, o empoderamento como uma estratégia facilitadora para a inclusão, a integração de crianças e jovens na sociedade, em grupos sociais e no associativismo, o folclore e o seu contributo, e, por fim, a importância do folclore nas comunidades portuguesas.

### 3.1. INTEGRAÇÃO SOCIAL

Segundo Pires (2012, p.56), “integrar significa, em português corrente, tornar inteiro. Em sociologia, o termo integração é usado com um sentido idêntico para designar o conjunto de processos de constituição de uma sociedade a partir da combinação das suas componentes, sejam elas pessoas, organizações ou instituições.”

Convém, por isso, distinguir entre integração social e integração sistémica. No plano social, integração é o modo como indivíduos autónomos são incorporados num espaço social comum através dos seus relacionamentos, isto é, como são constituídos os laços e símbolos de pertença coletiva. No plano sistémico, integração é o modo como são compatibilizados entre si subsistemas sociais especializados, isto é, como são constituídas as interdependências entre subsistemas de um mesmo sistema. Em termos mais gerais, integração social é a ordenação das relações entre indivíduos, agrupamentos de indivíduos, atos individuais e atos coletivos. Por sua vez, integração sistémica é a ordenação das relações entre papéis, instituições, lugares e hierarquias. (Pires, R. 2012, p.56)

Outra definição assume a integração social como um “processo dinâmico que se constrói na interação entre diferentes atores. Integrar significa acolher aquele que chega, conhecer as suas experiências e potencializá-las para que sejam promotoras de enriquecimento mútuo e de aproximação, contrapondo-se à ideia de que a diferença é fraturante e que cria distanciamento.” (Branco, J. 2021, p.316)

A integração social consiste na inclusão e na participação de todos os indivíduos numa sociedade pelo que, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), a integração social visa criar uma sociedade inclusiva, dotada de mecanismos que acolham a diversidade e permitam que os mais diferentes indivíduos participem ativamente da vida política, económica e social, independentemente da raça, género, classe social, idade, crenças, nacionalidade, etc.

Assim, a integração social permite que todas as pessoas desfrutem de equidade de oportunidades, de forma a conseguirem atingir o seu potencial máximo, o que cria qualidade de vida e confiança mútua, além de um sentimento de pertença e de interconexão na sociedade.

### 3.2. EMPOWERMENT (EMPODERAMENTO): UMA ESTRATÉGIA FACILITADORA PARA A INCLUSÃO

De acordo com algumas perspetivas, a proveniência do conceito de empowerment tem raízes nas lutas pelos direitos civis, no movimento feminista e na ideologia da ação social. Trata-se de um conceito multidimensional que pode ser definido de várias formas. (Piedade, 2009 *in* Barros, 2013)

Para Perkins e Zimmerman o empowerment é:

“um constructo que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de ajuda e comportamentos proativos com políticas e mudanças sociais. Trata-se da constituição de organizações e comunidades responsáveis, mediante um processo no qual os indivíduos que as compõem obtêm controle sobre suas vidas e participam democraticamente no quotidiano de diferentes arranjos coletivos e compreendem criticamente seu ambiente”. (Perkins & Zimmerman, 1995, *in* Horochovski & Meirelles 2007, p. 2)

Pinto (2001) também partilha que o termo é definido como um procedimento que permite reconhecer, criar e utilizar recursos e instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, “em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder – psicológico, sociocultural, político e económico – que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania.” (Pinto, 2001, p.247)

O mesmo autor (Pinto, 2001) refere ainda que o conceito visa a “libertação dos indivíduos relativamente a estruturas, conjunturas e práticas culturais/sociais que se

mostram injustas, opressivas e discriminadoras, através de um processo de reflexão sobre a realidade da vida humana” (Pinto, 2001, p.247).

Muitas vezes indivíduos passam por situações de stress ou inadaptação ao contexto onde se encontram inseridos por inúmeras razões, principalmente quando confrontados com obstáculos ou incertezas, fomentando a ideia de que o meio não contribui para a sua integração neste. De acordo com Weber (2011, p.86), empowerment significa “dar poder ou autoridade, tornar capaz, permitir”.

É fulcral referir que, segundo Pinto (2011, cit *in* Fazenda, 2005, p.1), “a definição de empowerment permanece avessa a conceitos, sendo, na vasta literatura sobre o tema, tal como nas várias áreas em que este processo é empregue, como a gestão, reabilitação ou trabalho social, contestada e polémica como a sua base: o poder.”

“O empowerment tem sido aplicado nas mais diversas áreas, tais como: minorias étnicas e migrantes, mulheres, desempregados, sem-abrigo, doentes mentais, vítimas de violência ou abuso sexual, promoção de direitos e cidadania, desenvolvimento sustentável e intervenção comunitária”<sup>3</sup> (Fazenda, 2005, p.2).

Para que o processo atinja o objetivo pretendido é necessária uma distribuição do poder. Nesta abordagem do empowerment, o poder é oriundo de diversas fontes: sociais, económicas, políticas e culturais, sendo que pode ser gerado e disseminado através das interações sociais.

Segundo Pinto (2001, cit. *in* Fazenda, 2005), o poder é uma forma de interação entre dois sujeitos dominador/dominado, que pode ser alterada através da redistribuição do poder. Deste modo, segundo a autora o poder é compreendido como a capacidade e autoridade para:

- Influenciar o pensamento dos outros – poder sobre;
- Ter acesso a recursos e bens – poder para;
- Tomar decisões e fazer escolhas – poder para;
- Resistir ao poder dos outros se necessário – poder.

---

<sup>3</sup> Consultado no artigo “Empowerment e Participação, uma estratégia de mudança”, <https://www.adeb.pt/files/upload/artigos/empowerment-e-participacao-fazenda.pdf>

Em suma, o processo de empowerment permite capacitar os indivíduos para o desenvolvimento dos tipos de poder acima citados.

Ainda segundo Fazenda (2005, p.6), “o empowerment pode desenrolar-se em várias fases, que podem ser descritas do seguinte modo:

- Tomada de consciência pelos indivíduos ou grupos da sua situação de exclusão e falta de poder;
- Identificação com outros indivíduos ou grupos em situação semelhante;
- Levantamento de competências e recursos necessários para maior controlo das suas vidas;
- Decisão de agir em áreas concretas.”

O empowerment pode ser também descrito em três tipos distintos (Barros, 2013):

- Empoderamento individual: processo de apropriação do poder por uma pessoa ou grupo;
- Empoderamento organizacional: processo de apropriação do poder por uma organização;
- Empoderamento da comunidade: processo através do qual a comunidade aumenta o seu poder coletivo.

### 3.3. CRIANÇAS E JOVENS – INTEGRAÇÃO NA SOCIEDADE, EM GRUPOS SOCIAIS E NO ASSOCIATIVISMO

O’Neill (1997) referiu que as crianças não vão bem entre nós, considerando-as um tesouro e, simultaneamente, um refugio. Estamos habituados a imaginar a infância de uma forma distinta da existente. Além disso, determinamos para essa idade, assinalada como sendo da inocência, todas as esperanças para o desenvolvimento da humanidade.

Porém, o facto de depositar esperanças sobre a infância não garante, por si só, o desenvolvimento da sociedade e, sequer, o do ser humano. É preciso mais para além disso, como a garantia de que a infância e as crianças participam e que elas sejam consideradas como parte do conjunto da sociedade. Tal significa entender que as várias

decisões adotadas no plano cultural, económico, político e social afetarão a vida das crianças e, conseqüentemente, a evolução atual e futura da sociedade. (O'Neill, 1997)

Para Lansdown (1994), deve ficar claro que, quando salientamos a importância da participação da infância na sociedade, não queremos dizer que cada criança deva manifestar-se sobre questões que envolvam as esferas estruturais. Consideramos que as crianças precisam de proteção diante da sua vulnerabilidade natural, a qual é inerente à sua condição e diminui conforme elas crescem, assim como, da mesma forma, sabemos que as crianças atuam em diferentes sectores, como na família, na escola, em grupos de amigos e na igreja, modificando-os a partir das relações e interações estabelecidas com os outros participantes.

As crianças e jovens são, efetivamente, parte integrante da sociedade, sendo que participam, atuam, relacionam-se e interagem com outros indivíduos. Quando pensamos sobre qual é a função das crianças na sociedade, deparamo-nos com a ideia de desenvolvimento do indivíduo e esquecemo-nos que todos somos atores sociais. Também perdemos de vista a categoria e tentamos compreender um único indivíduo, dando mais relevo ao seu comportamento, ao seu futuro e às suas atividades. Essa forma de atuar pode levar-nos a supor uma certa passividade infantil, ou seja, como se as crianças não intervissem no seu tempo e meio sociocultural. Arendt (1987), diz que é preciso esclarecer que, ao afirmar que as crianças são atores sociais, compreende-se que o ator é agente do ato e autor das suas palavras.

Segundo Giddens (2005), qualquer ator social tem uma história e propriedades que indicam os seus interesses e princípios, compostos a partir de permutas coletivas. Posto isto, os atores têm ações criativas, moldam a realidade, de forma contínua, por meio das decisões que tomam e das atitudes que adotam a partir das interações que estabelecem. Desse modo, a afirmação de que as crianças desempenham atividades importantes nos espaços onde podem participar, ou seja, na família e na escola é, efetivamente, verdadeira.

A tendência de os adolescentes formarem grupos proporciona novas experiências e pode dar origem a grupos de cariz cultural, religioso e desportivo (Pavía, *et al.*, 1995). Esses grupos produzem subculturas identificadas com distintos estilos, muitas vezes

estimuladas por preferências estéticas e musicais, mas também fortemente relacionadas com a realidade social que as rodeia (Feixa, 1988).

Podemos definir os grupos sociais, nos quais as crianças e os jovens participam, em dois tipos: grupos formais e grupos informais. No primeiro estão os grupos oficiais, com patentes, objetivos definidos e ligações regulares, aptos a proporcionar mais estrutura, com padrões fortes e maiores expectativas nos seus membros, como, por exemplo, grupos de escoteiros, grupos de dança, e ainda grupos de jovens vinculados a instituições religiosas. Por outro lado, os grupos informais são menos bem definidos, sendo baseados na amizade, organização de estudo ou ocupações de tempos livres. Assim sendo, os membros de grupos formais tendem a sentir menos autonomia pessoal nos grupos onde estão inseridos, mas também maior clareza acerca do seu grupo, comparado a outros (Sheldon & Bettencourt, 2002).

Segundo Augusto (2006), existe uma construção negativa do conceito de juventude, dado que a imagem que é delineada está relacionada com uma fase imatura, inconsistente ou desorganizada. Contudo, se há esta visão negativa da juventude, porque vemos cada vez mais os jovens introduzirem mudanças e serem mais dinâmicos nos seus atos?

De acordo com esta perspetiva, a juventude é interpretada como uma fase que retira as possibilidades do presente, tornando as realizações pessoais e sociais possíveis apenas no futuro. Este parecer contribui para a construção da imagem de juventude ligada ao problema, em relação ao emprego, família, educação, e até mesmo, ao comportamento associativo.

A participação dos jovens na vida associativa é considerada menor que a dos adultos, pelos estudos clássicos. Porém, esta circunstância deve-se, segundo esta perspetiva, a uma incapacidade temporária de os jovens participarem ativamente na sociedade. Será que os jovens possuem mesmo esta incapacidade de participar ou possuem formas de participar diferentes das que estamos familiarizados? Do ponto de vista de Galland (2001, p. 105) “as trajetórias não são mais que as trajetórias de idade ou de papéis numa dada estrutura social”. Assim, os jovens, à medida que se tornam mais responsáveis, abandonam a irresponsabilidade que os caracterizava e ajustam-se a uma nova posição no ciclo de vida.

O facto de pertencer a associações é, geralmente, tomado como indicador do grau de coesão de uma sociedade, isto é, “uma forma organizada de promover a ligação e a cooperação entre os membros” (Delicado, 2002, p. 2) e, também, da vitalidade da cultura cívica de uma sociedade, porque, segundo a mesma autora, “a participação permite a entrada em redes de sociabilidade, a aquisição de informação de competências de debate e influência sobre as decisões coletivas” (Delicado, 2002, p. 2).

Costa (2004) considera o associativismo como “forma de os grupos e das comunidades se encontrarem e de se organizarem de modo a fazer face a problemas que lhes dizem diretamente respeito nos variados segmentos” (Costa, 2004, p. 36).

De acordo com o mesmo autor, a conceção de associativismo varia consoante o grau de formalidade e de institucionalização. Assim sendo, as associações podem ter um carácter mais formal e institucionalizado, ligadas ao poder político, ou um carácter mais informal, distanciando-se das lógicas institucionais.

Segundo Freire (2003, p. 303), os estudos demonstram que a participação associativa dos jovens é mais baixa do que a dos mais velhos. Todavia, o associativismo jovem tem características específicas, como, por exemplo, o facto de ser exercido em associações abertas à população em geral e em organizações exclusivas, como é o caso das associações de estudantes e das associações juvenis.

Delicado (2002, p. 10) sugere que, a pertença a associações é influenciada por algumas características sociais, nomeadamente, a classe social, o grau de escolaridade, a profissão, a etnicidade, a situação familiar, o lugar de residência, a mobilidade geográfica e social, a perceção do ambiente social, o modo de integração do indivíduo no seu contexto. Foi constatado que as taxas de mobilização associativa dos jovens portugueses, são mais elevadas entre os homens, nos grupos mais escolarizados e nos estudantes e trabalhadores mais do que nos desempregados e domésticas.

Um aspeto muito importante a ter em conta, nesta temática do associativismo, é o facto de as pessoas que fazem parte das associações serem voluntários, que se disponibilizam, sacrificando a sua vida pessoal e profissional, em prol de um projeto que serve uma comunidade, não obtendo quaisquer lucros.

Assim sendo, Dolnicar e Randle (2007) referem que é importante entender as motivações dos voluntários, ou seja, os motivos que levam os jovens a ser voluntários em associações, para que possa haver uma readaptação entre o voluntário e a atividade exercida. Assim, as próprias associações precisam de se ajustar às diversas motivações dos voluntários para que haja benefícios em ambas as partes envolvidas no processo.

Do ponto de vista de Hustinx e Lammertyn (2003), o voluntariado tradicional é conhecido como um compromisso exigente e para toda a vida, o chamado “amor à camisola”. Recentemente os esforços dos voluntários aparentam ocorrer em bases casuais, provisórias. Atualmente, a boa vontade para fazer voluntariado demonstra estar mais dependente dos interesses e necessidades pessoais do que dos serviços éticos e o sentido de obrigação para com a comunidade. Demonstra que os voluntários estão mais motivados para a procura da realização própria.

Dolnicar e Randle (2007, p. 5) aditam que “enquanto o altruísmo pode estar presente em muitos tipos de voluntariado, as pessoas ultimamente estão motivadas para outro grupo de fatores hedonistas, isto é, por benefícios que recebem por estar envolvidos”.

Podemos encontrar diversas motivações para a prática do voluntariado, visto que envolve uma maior adesão, dispêndio de tempo e recursos, com menos benefícios para o indivíduo. Entrevistas realizadas a voluntários, permitiram realizar uma identificação de um conjunto de motivações, algumas delas comuns a todos os tipos voluntários, tais como, o gosto de ajudar os outros, a crença religiosa e uma ocupação de tempos livres. Entre as motivações presentes nos voluntariados mais velhos podemos considerar o combate à solidão e o isolamento e a identificação com a instituição ou localidade em que se está inserido. As motivações mais comuns nos voluntários mais jovens são o imperativo cívico, a obtenção de formação ou experiência para uma profissão e o gosto pela atividade (Almeida *et al*, in. Delicado, 2002, p. 12).

### 3.4. O FOLCLORE E O SEU CONTRIBUTO

Um dos maiores contributos que o folclore poderá trazer, relaciona-se com o facto de, através do mesmo, ser possível compreender aspetos do passado que permitem desenvolver uma identidade e consciência histórico-cultural.

O folclore tem assumido uma crescente visibilidade como património cultural do nosso país. São muitos os conceitos inerentes a este tema, e sobretudo, aos contributos que o folclore, bem como o património, poderão ter para o desenvolvimento de consciência cultural das crianças e jovens.

Vemos de seguida outros contributos do folclore, mais a nível de lazer:

Nas noites de verão, em muitas cidades e vilas portuguesas, com especial incidência nas zonas de afluência turística, organizam-se programas de animação ao ar livre, que cativam residentes, turistas e emigrantes de férias na terra natal. O programa inclui um espetáculo folclórico. Comparado com as outras práticas performativas que, ao longo da noite, se irão suceder no palco, o folclore ocupa menos tempo; a atuação não excede em regra os 20 minutos. A presença no palco de ranchos folclóricos faz parte da expectativa da assistência, embora não proporcione o ponto alto da noite. É mera componente num programa, que culmina com a presença dum cançonetista ou dum fadista, anunciados como cabeça de cartaz. Para além destas ocasiões, os grupos folclóricos dispõem de um circuito especializado de exposições, com agenda preenchida por festas, festivais, concursos e encontros de folclore, atuações em restaurantes e hotéis. (Castelo-Branco & Branco, 2003, p. 3).

Nas exposições folclóricas encena-se a alegria e o colorido da vivência rural (...). Desde finais do século XIX faz-se notar o empenhamento de grupos de intelectuais em difundir na opinião pública uma matéria, que designam folclore, cultura popular ou tradições populares, pugnando pelo seu aprofundamento entre nós. Para eles, trata-se de um ato cívico em prol do aporuguesamento da cultura. Folclore não se confina a tema de ciência, nem a património rural

suposto autêntico e arcaico. Existem indicações muito anteriores sobre exibições de cariz folclórico. (Castelo-Branco & Branco, 2003, pp. 3-4).

A primeira citação acima apresentada, de Castelo-Branco e Branco (2003) descreve a prática performativa do folclore inserida num contexto de apresentação e o respetivo público. A segunda citação, ainda dos mesmos autores, define as dinâmicas inerentes ao fenómeno do folclore, frisando o facto desta prática performativa não se confinar à autenticidade.

Segundo Sarmento (2010), a institucionalização do folclore veio modificar o carácter da dança como momento de ócio e interação social, no meio rural, em particular, passando a ser praticada por uns e vista por outros que nela só participam como comuns espetadores. As exposições públicas, apresentadas por ranchos ou grupos etnográficos são apoiadas em recriações etnográficas, de carácter revivalista, invocando símbolos e recordações do passado e que tanto se dirigem ao público residente como a outros espetadores de fora. No decorrer destes eventos, em festas e romarias, “os papéis confundem-se é cada vez mais difícil distinguir os turistas dos locais, pois estes podem comportar-se como turistas no seu próprio espaço.” (Sarmento, 2010, p.58)

Assim, como podemos observar, para os espetadores, o Folclore é um espetáculo que se pode apreciar, onde, para alguns é um reavivar de memórias de tradições, usos e costumes, para outros é um espetáculo onde se assimila essas tradições, para muitos, desconhecidas. Por outro lado, para aqueles que estão inseridos no folclore, nos grupos, ou que possuem alguma ligação a estes, o contributo que eles podem retirar do folclore, é o facto de poder apresentar a diversos públicos todas as vivências de há mais de cem anos, as profissões, o dia-a-dia, os cantares, os dançares, as histórias, lendas, toda uma variedade de tradições da zona onde estão inseridas. Também há outros contributos que o folclore traz, como, viagens, conhecer lugares diferentes, outras pessoas, até outras culturas. Será que podemos afirmar que o folclore traz mais benefícios para quem participa nele do que para quem apenas é espetador? É um assunto a estudar nesta investigação.

### 3.5. A IMPORTÂNCIA DO FOLCLORE NAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

O folclore é uma constante na vida das comunidades de emigrantes. É no último quartel do século passado que, tanto nos EUA como na Europa comunitária, se começam a adotar políticas de integração orientadas numa perspetiva da etnicização ou do multiculturalismo. A atividade folclórica fora de portas articula-se com as políticas de diáspora do país gerador das correntes migratórias e com as de imigração nos de destino. Os agrupamentos folclóricos são um dos veículos de projeção de portugalidade nas comunidades lusas, na medida em que produzem um recurso necessário à integração e diferenciação na sociedade de acolhimento. A prática folclórica fomentada nos meios referidos assenta na transposição de repertório e numa emulação assumida da prática performativa da região de origem (visionamento de vídeos feitos durante as férias, rádios locais em português, gastronomia); em alguns casos, opta-se por uma seleção *ad-hoc* de estereótipos retirados do “mapa folclórico do país”. (Castelo-Branco e Branco, 2003)

A FFP teve o papel determinante de orientar, enquadrar e autenticar o folclore praticado na emigração, tanto diretamente (ex: França, Brasil), como indiretamente. Enquanto a atuação desencadeada fora do país se desenrolou sem a concorrência de outras estruturas com as mesmas finalidades, dentro do país a sua ação é alvo de objeção crescente pelas associações de natureza regional. (Castelo-Branco e Branco, 2003)

Os pontos abordados pelos mesmos autores revelam uma visão centrada nas comunidades de emigrantes. Contudo, há que considerar a perspetiva nativa. Os destinos europeus da emigração são comunidades que geram correntes turísticas direcionadas para os países de origem dos migrantes. Ao regressar às origens, os turistas procuram manter vivas as memórias das férias, frequentando restaurantes e espetáculos que lhes recordem o ambiente por eles vivido nos países visitados. As incessantes experiências de férias passadas no estrangeiro repercutem-se numa atitude, apresentando familiaridade com alguns produtos culturais dos países produtores das correntes migratórias.

Por outro lado, os migrantes sentem a necessidade de ter algo que os faça sentir-se em casa. Assim, veem no folclore um refúgio e juntam o útil ao agradável, digamos assim,

dando, aos nativos do país onde estão, um espetáculo que é, geralmente, apreciado e bem aceite, e dando a si mesmos o gosto de representar as tradições, usos e costumes da sua terra de origem.

## 4. MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL COMO MEIOS FACILITADORES PARA A INTEGRAÇÃO SOCIAL

### *A Mediação*

De acordo com o problema de investigação aqui discutido, considera-se necessário refletir sobre a mediação e a intervenção social, pois figuram-se como áreas de grande interesse e atuação no que diz respeito à integração social de crianças e jovens, seja na sociedade em geral, seja em grupos.

Em Portugal, a referência temporal que marca as origens da mediação centra-se na década de 90 com a entrada de Portugal na União Europeia, o que permitiu o acesso a projetos internacionais que possibilitaram uma maior proximidade a outros contextos e organizações sociais onde a estratégia de mediação é fundamental. (Freire & Oliveira, 2009).

De acordo com Capul & Lemay (2003), a mediação é, uma arte “entre-deois” em que o mediador funciona como intermediário privilegiado. Realizada num carácter individual prevê a criação de melhores condições possíveis para que um sujeito possa beneficiar das múltiplas ocasiões da vida quotidiana.

Torremorell (2008), refere que a mediação pressupõe um pequeno empurrão na direção da desejada coesão social, pois promove a compreensibilidade, defende a pluralidade e contribui para a participação democrática. Os processos de mediação, isoladamente, não irão construir a ponte social para um futuro mais humanizado, mas irão dar um enorme contributo no assentar de uma das pedras que nos ajudará a cruzar o rio em ambos os sentidos. Contudo, Torremorell (2008) narra que esclarecer o que é ou não a mediação desencadeou, até ao momento, mais controvérsias do que pontos de consenso, existindo

muitas interrogações fundamentais sobre o que é a mediação e em que é que se converte quando é empregue em novos contextos sociais e praticada por um grande leque de pessoas com diferentes antecedentes e preparação.

Desde o seu início, a mediação é um movimento polifacetado, variado e pluralista, considerando-se importante falar sobre esta de quadro modos diferentes:

- 1 – História da satisfação: realça a urgência de resolver necessidades humanas, evitando custos económicos, emocionais e temporais;
- 2 – História da justiça social: fundamenta a utilização da mediação na autodeterminação e independência dos cidadãos, fortalecendo a comunidade;
- 3 – História da opressão: pretende informar das possíveis perversões do processo mediador, como: desequilíbrio de poder, privatização dos problemas, manipulação encoberta e exploração dos mais débeis;
- 4 – História da transformação: representa a promessa de evolução e crescimento do indivíduo e da sociedade em geral, com base na revalorização e no reconhecimento das pessoas, (Torremorell, 2008).

O objetivo primordial da mediação deve centrar-se na capacitação do indivíduo para que cada um utilize a sua força pessoal para enfrentar o conflito, para se corresponsabilizar pela situação e para criar e reparar uma rede de relações que se baseie no respeito mútuo, e na direção da transformação individual e social (Reis, 2012).

De acordo com o tema, deve dar-se especial ênfase à mediação social, mediação sociocultural e mediação comunitária. A mediação social tem por finalidade prevenir a exclusão social e a segurança urbana, com o objetivo específico de fomentar uma melhoria de qualidade de vida, visando a reconstrução de laços sociais e a reinserção social (Oliveira *et al.*, 2005).

A mediação sociocultural, por sua vez, surge ligada a contextos multiculturais, principalmente à imigração e minorias étnicas, como estratégia de reforço do diálogo intercultural e da coesão social, contudo, apresenta-se atualmente como uma estratégia mais abrangente, sendo que não se limita a origens étnicas e culturais, alargando-se a

outros contextos onde exista a necessidade de reforçar a dimensão da interculturalidade e da coesão social (Oliveira *et al.*, 2005).

Por fim, a mediação comunitária visa de modo principal a regulação e a integração social através da cultura da participação: *empowerment*, entendido como um movimento intencional e dinâmico, centrado na comunidade local, que envolve respeito mútuo, reflexão crítica, participação, valorização de recursos, acesso e controlo sobre os mesmos (*Idem*).

Segundo Oliveira *et al.* (2005), a mediação social e a mediação comunitária constituem tentativas de respostas aos novos problemas sociais. A mediação constitui um modelo de suporte a práticas inovadoras no domínio das políticas sociais que respeitam e promovem valores da dignidade humana e cidadania (Reis, 2012).

Ainda em contexto comunitário, podemos evidenciar que a mediação tem finalidades muito além da simples resolução de conflitos através da reconstrução do diálogo.

Os tipos de mediação acima referidos expandem os seus conhecimentos para ações dirigidas para o desenvolvimento da cidadania, da democratização e o enfrentamento das condições de exclusão social, distribuição desigual de poder e desrespeito aos direitos humanos, através de uma aprendizagem da forma construtiva de resolução de conflitos, em detrimento do uso da violência, no sentido de alcançar a paz social (Reis, 2012).

Muzskat (2003, citado in Reis, 2012) afirma ainda que a mediação é um meio de transformação social, quer a nível restrito de uma comunidade, quer para a sociedade num todo, tendo um papel importante na mudança étnica e cultural, na consciencialização das pessoas para que sejam autónomas, empoderadas e com autorresponsabilização.

Em relação ao surgimento da Mediação Sociocultural, como afirmam Vieira e Vieira (2016), esta “surge na década de 90, impulsionada pelos programas comunitários vocacionados para a inserção socioprofissional de grupos sociais desfavorecidos [...]” (Vieira, R. et Vieira, A., 2016, pp. 27-28) e é neste âmbito que surgem os primeiros projetos levados a cabo por instituições “que introduzem o conceito e a prática de mediação sociocultural” (Almeida, 2010, citado in Vieira *et al.*, 2016).

Desde então que a mediação está presente em diversos contextos, e com variados grupos, assumindo um importante e necessário papel na intervenção social, alargando-se com o passar do tempo a formas de intervenção promotoras da coesão, da cidadania e dos laços sociais.

Segundo o Alto Comissariado para as Migrações (2016) “a expressão das práticas de Mediação Social e Intercultural têm estado associadas, nas duas últimas décadas, a projetos e programas com incidência em contextos de diversidade cultural significativa, concretamente em escolas e comunidades.” Neste contexto, Almeida (2010, citado in Vieira *et al*, 2016) defende a existência e a necessidade do mediador no sistema de educação e de formação, “uma vez que a dinâmica social se joga nas intermediações dos processos de reprodução e de transformação das relações sociais de que é feita a vida escolar.” Como tal, é visível o papel fundamental que a escola (cada vez mais multicultural) e a educação representam, não só na promoção da igualdade de oportunidades (favorecendo o acesso e sucesso escolar daqueles alunos, e facilitando os processos de inclusão), como no reforço dos valores.

Atualmente a mediação afirma-se como “método de transformação social e cultural”, como “modo de regulação social” ou como “meio alternativo de resolução de conflitos” (Almeida, 2001), pelo que coexistem uma variedade de práticas numa sociedade cada vez mais heterogénea, quer do ponto de vista social, cultural, quer do ponto de vista étnico.

Mediar é um conceito bem mais complexo do que a definição simplificadora que o sintetiza no dicionário da Língua Portuguesa. É um conceito multidimensional que, não só transpõe diferentes discursos, como também é permeável à apropriação por uma grande diversidade de domínios ou áreas de interesse (Vieira, 2013).

Num exercício básico de pesquisa do termo “mediação”, em qualquer motor de busca disponível no vasto espólio da Internet, são múltiplas as áreas de intervenção que a ela surgem associadas. Vieira (2013) elenca várias tipologias da Mediação que ilustram a sua versatilidade e ajustabilidade a várias áreas disciplinares e de intervenção, designadamente: familiar, judicial, laboral, de conflitos, intercultural, escolar, comunitária, cultural, educacional, formadora, entre outras.

Prova da transversalidade da Mediação, em diferentes âmbitos de ação e saberes, é a sua integração nos currículos lecionados em variados cursos de Ensino Superior (não exclusivamente), com especial destaque para as áreas das Ciências Sociais e Humanas (embora não somente) (Vieira, 2013).

Vieira (2013) procede a um levantamento completo e a uma análise multifocal de múltiplos elementos que têm vindo a ser incorporados nas diferentes conceptualizações atribuídas à Mediação. Trata-se, salvo melhor entendimento, da convocatória de ideias comumente associadas à definição - ou definições, para melhorar precisar – de Mediação.

Na linha da premissa reflexiva supra delineada, Gutiérrez (1998, cit. por Vieira, 2013, p. 106) integra na matriz da Mediação a combinação de “uma atitude cultural com um manejo de técnicas”, remetendo para uma dupla dimensionalidade da Mediação: por um lado a componente técnica e, por outro, o revestimento cultural.

Clarificar a origem da Mediação é mergulhar num passado historicamente longínquo, já que, conforme observável na transcrição do ensaio de Montaigne sobre a educação, os Filósofos Clássicos, impulsionadores das Ciências Sociais e Humanas, transpunham para as reflexões as suas inquietudes dialógicas e de mediação (Vieira, 2013).

Na linha reflexiva de Six (1990, cit. por Vieira, 2013, p. 105), “a mediação sempre existiu”, não sendo conhecida História da Humanidade sem ações de mediação. Sabe-se, historicamente, que a sua génese remonta para a China obrigando-nos a recuar mais de dois mil anos para situar no tempo o seu brotar (Vieira, 2013).

A Mediação configura, simultaneamente, “uma técnica e uma arte” (Six, 1990, cit. por Vieira, 2013, p. 106). A fase embrionária da Mediação, sobretudo pela não tecnicidade da sua prática, vem acentuar a sua vertente artística, existindo um terceiro elemento, exterior ao conflito, que objetiva o alcance de acordo entre as partes. O mediador configura, neste âmbito, um sujeito razoável com ambições de justiça, que dispende de aptidão para promover o diálogo e de senso comum relacional, impulsiona uma ação conciliadora e (re)estruturante face a conflitos que lhe são alheios (Vieira, 2013). É, neste sentido, uma prática milenar vigente desde sempre, no cerne das comunidades,

que coloca indivíduos, enquadrados no perfil supra descrito, como mediadores de conflitos de outros.

Verifica-se, no entanto, uma “indefinição conceptual, improvisação ideológica, confusão terminológica e mistura incongruente de procedimentos”, justificável por dois aspetos causais: a origem popular dos procedimentos da Mediação e a apropriação da mesma por múltiplas áreas disciplinares (Torremorell, 2008, cit. por Vieira, 2013, p. 105). Tal acarreta, inevitavelmente, o perigo de aplicação inconsciente do conceito de Mediação, isto é, uma utilização massiva e abusiva do termo, indiscriminadamente em todas as circunstâncias, pela inexistência de uma definição única, universal e absoluta (Vieira, 2013).

A Mediação, observada enquanto processo ou técnica, é oblíqua a uma série de profissões, “como uma filosofia hermenêutica” (Vieira, 2013, p. 103), que coloca as partes em interação, mediante declaração de vontade prévia, para tradução sistemática dos seus interesses através da comunicação interpessoal. A Mediação, revestida da componente técnica, concorre para a finalidade de empowerment, isto é, perspectiva a autonomia de pessoas, grupos, instituições, países, entre outros, sustentando-se numa hermenêutica multitópica que pretende materializar os direitos e interesses das partes em interação (Vieira, 2013).

Trata-se, nesta linha de concetualização, de um processo dinâmico capaz de gerar mudança, que firma um desafio aos profissionais com funções de intervenção social que, através da Mediação, trabalham as diversidades/ diferentes identidades de forma a providenciar condições para a emancipação (Vieira, 2013).

A Mediação prevê práticas conciliadoras e, numa tendencial convergência concetual, tende a ser interpretada como uma estratégia alternativa de resolução de conflitos. Esta tendência deverá, segundo Torremorell (2008), ser contrariada, de modo a serem superadas conceções redutoras que resumem a Mediação a uma instância ou alternativa ao/do processo judicial.

Face ao exposto, reconhece-se, como Vieira (2013) e Torremorell (2008), que a

Mediação não deve ser designada como alternativa, já que assume um papel fulcral de concertação comunitária. De destacar, neste sentido, que Mediação e Justiça são conceitos com operatividade e papéis diferentes: “a mediação está destinada a dar coesão às nossas sociedades plurais em vez de segregar pessoas”, recusando qualquer prática ou imposição violenta (Torremorell, 2008, cit. por Vieira, 2013, p.106).

Não obstante, Torremorell (2008, cit. por Vieira, 2013) reforça os pressupostos transformadores e humanísticos da Mediação: ela extrapola a resolução de conflitos, funcionando como reguladora social e metodologia de desenvolvimento sociocultural. O carácter camaleónico da Mediação advém, assim, da sua adaptabilidade a múltiplas formas e propósitos em consonância com as circunstâncias e características/ perspectivas do mediador.

Um dos propósitos da Mediação assenta na prossecução da coesão social promovida, na ação mediadora, pela (Vieira, 2013):

- I - Inclusão das partes na superação do conflito;
- II - Promoção da capacidade de compreensão, reconhecendo que para um acontecimento;
- III - Reconhecimento de diferentes verdades válidas;
- IV - Defesa da pluralidade;
- V - Contribuição para a participação democrática, através do fomento da livre tomada de decisão.

A Mediação firma-se, na lógica do que vem a ser explanado, como um processo que alcatroa um futuro mais humanizado e que, não sendo a fórmula para o alcançar, é parte dela (Vieira, 2013).

Da revisão bibliográfico-concetual empreendida por Vieira (2013), resulta, ainda, o destaque e reflexão dos seguintes elementos, tendencialmente recrutados para definir Mediação, suscetíveis de apreciação:

- a) A Mediação enquanto técnica de Resolução de Conflitos – não deve ser

interpretada como eliminação dos conflitos (visto que tal erradicação é impossível!), mas entendida numa lógica de gestão de conflitos;

b) O Mediador como “terceiro” – figura (pessoa ou equipa) que firma a ponte/ ligação entre as duas partes existentes e protagonistas do conflito. Trata-se do sujeito que “rompe a dualidade em que os dois se encontram envolvidos”, devendo estar aberto e recetivo às perspetivas, eventualmente, divergentes face ao mesmo acontecimento;

c) O Mediador e a neutralidade – a postura do mediador deve ser equilibrada e equidistante dos protagonistas, de molde a asseverar que o processo não é viciado e que a sua intervenção não assenta em preconceitos e ideias formuladas previamente. A neutralidade carece de consensualidade entre os autores já que, de acordo com várias correntes teóricas, esta é inalcançável. Deste modo, opta-se pelo recurso a terminologias alternativas como “imparcialidade”, não tomar partido, ou “multiparcialidade”, tomar partido de todos.

No que concerne ao mediador, e independentemente da terminologia associada, importa que este se aproprie de independência e empatia, sendo o segundo um termo não consensual entre os teóricos que concebem a empatia como contraproducente com a neutralidade. De ressaltar que o mediador intervém no processo e não no conflito: em última instância, o seu papel é, segundo Torremorell (2008, cit. por Vieira, 2013, p. 107), garantir “a horizontalidade e o intercâmbio comunicativo”, asseverando que as decisões acerca do acordo são propostas e aceites pelas duas partes protagonistas.

Segundo Freire e Oliveira (2009), a mediação tem vindo a ganhar uma importância cada vez mais acentuada em vários países e em diversificados domínios, desde o político, ao laboral, judicial, educacional, comunitário e das relações interculturais. Neste sentido, podemos afirmar que existiu uma recuperação do conceito de mediação, apresentando atualmente diferentes aceções e funções sociais, já não se afirmando apenas como meio alternativo à resolução de conflitos, mas também como, modo de regulação social ou como método de transformação social e cultural. Deste modo coexistem uma multiplicidade de práticas, numa sociedade cada vez mais heterogénea sob o ponto de vista social, cultural e étnico.

Inicialmente a mediação surge, como referido atrás, associada a um procedimento de resolução de conflitos, que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia e imparcial em relação a um conflito (Jarez, 2002). Hoje, podemos afirmar que existiu uma recuperação do conceito de mediação, apresentando atualmente diferentes aceções e funções sociais, já não se afirmando apenas como meio alternativo à resolução de conflitos, mas, sobretudo, como modo de regulação social ou como estratégia de transformação social e cultural. Deste modo consubstancia-se numa multiplicidade de práticas, numa sociedade cada vez mais heterogénea sob o ponto de vista social, cultural e étnico.

A mediação sociocultural constitui-se hoje como um recurso organizado, que pretende contribuir para melhorar a comunicação e as relações entre pessoas ou grupos de um determinado território ou de uma determinada cultura e, portanto, para a integração intercultural. Como forma de intervenção quer, portanto, facilitar a comunicação, fomentar a coesão social e promover a autonomia e a inserção social a partir de uma dimensão coletiva, constituindo-se como um “terceiro” entre dois (Oliveira & Freire, 2009).

A epistemologia ou ideologia que sustenta este conceito contém em si uma orientação transformadora dos indivíduos e das relações entre eles, com base em valores positivos, como a solidariedade, a participação, o compromisso, a cooperação, o respeito, a criatividade, a perseverança, a paciência, a confidencialidade e o diálogo (Oliveira & Freire, 2009).

A emergência da mediação corresponde ao florescer de uma nova técnica de intervenção social, que devido aos conflitos e problemas sociais atualmente existentes na sociedade, tem vindo a ocupar um papel importante no campo do trabalho social.

No que concerne ao vasto campo da intervenção social, devemos começar por defini-la. Segundo Robertis (2011, p.137), definimos intervenção como a vontade de agir, de intervir numa questão, isto é, fazer parte voluntariamente de uma ação a fim “de a determinar, de a inflétir, de se tornar mediador e de interpor a sua autoridade”.

O trabalhador social age de modo consciente e voluntário com vista à alteração da situação do utente, prestando-lhe o devido apoio ao longo do todo o percurso. Esta

intervenção pode assumir diferentes formas. Contudo, antes de se definir um percurso de intervenção deve-se, previamente, identificar os elementos-chave que irão permitir ao trabalhador social traçar um plano de intervenção.

As profissões associadas ao trabalho social referem-se a uma variedade de ocupações, como por exemplo, o serviço social; ação social; educação social; psicologia social e apoio juvenil e comunitário. Resumidamente pode dizer-se que estes cargos abrangem profissionais que detêm o papel de trabalhar junto de pessoas que necessitam de orientação, abrangendo um conjunto de valores, cujo objetivo é dar especial importância à mudança individual e social, ao respeito pela diversidade e pela diferença, bem como, incentivar à responsabilidade (Cardoso, 2014).

É neste sentido que a intervenção social e a mediação se cruzam e trabalham em conjunto para o alcance da desejada coesão social. “Ao longo do tempo, têm vindo a surgir vários tipos de mediação, como a mediação comunitária, social, cultural e sociocultural, sendo que todas elas não são definidas apenas, como meios de resolução de conflitos, mas também, como estratégias de intervenção social em problemáticas de integração na sociedade” (Reis, 2012). Segundo Muzskat (2003, citado in Reis, 2012), “dirigem-se à prevenção de conflitos, à promoção da saúde no tecido social e à convivência positiva, pressupondo o mundo como multicultural e multifacetado.”

De acordo com Carmo (2001, citado in Pereira, 2016), a intervenção social é compreendida como um processo onde determinada pessoa se assume como recurso social de outra pessoa, organização, comunidade, grupo ou rede social, com o objetivo de apoiar na colmatação de um determinado conjunto de necessidades sociais.

Ainda segundo a mesma autora, a prática da intervenção social tem sido associada ao conceito de empoderamento, numa lógica de defesa do cliente relativamente ao sistema, já o empoderamento, como foi referido anteriormente, visa libertar os sujeitos que se encontram com a sua capacidade de ação diminuída e capacitá-los no sentido de darem sentido à sua própria realidade de vida (Carmo, 2001, citado in Pereira, 2016).

Assim sendo, e sempre que possível, a intervenção social pode e deve ter práticas fundamentadas na mediação, ou seja, na comunicação, na negociação e não na imposição de um modelo de vida único (Vieira, 2014).

O trabalhador social emerge como um mediador entre os grupos sociais e as mais diversas instituições públicas e privadas, com fim à concretização dos direitos e dos interesses dos grupos e sujeitos em causa na interação, sendo a finalidade do processo de mediação a autonomia desses grupos e pessoas, ou seja, o empoderamento (Vieira, 2014).

Neste sentido, os contributos da mediação e da intervenção social para a inclusão social dos grupos desfavorecidos na sociedade é de grande interesse e relevância, pois possibilita o acesso a diversas formas de intervir, tendo sempre em vista um objetivo comum que se prende pela emancipação das minorias existentes na sociedade, pressupondo que os mesmos se sintam incluídos na sociedade atual. Contudo, tal como referido anteriormente, a própria sociedade dificulta ainda este processo, não estando preparada para ser verdadeiramente inclusiva.

## PARTE II – METODOLOGIA

## 5. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

Após uma análise documental, exploratória e a realização de uma revisão de literatura, é necessário contextualizar a parte empírica da investigação realizada e a respetiva metodologia utilizada.

A presente investigação teve por base a pergunta de partida “de que forma o Folclore é um Mediador na Integração Social de Crianças e Jovens?”.

Pretendeu-se compreender o impacto que o folclore tem na vida das pessoas, a curto, médio e longo prazo, neste caso específico nas crianças e jovens, seja no âmbito da sua vida pessoal ou até profissional. Para tal, foi necessário analisar não só a visão e experiências dos envolvidos, mas também dos sistemas que fazem parte do contexto em que as crianças e os jovens se encontram inseridos de modo a aprofundar questões que possibilitem compreender quais as expectativas destes jovens, tal como, de que forma o Folclore contribui ou não para a integração social dos mesmos.

O presente estudo decorreu em vários grupos folclóricos, espalhados por todo o país, incluindo numa comunidade portuguesa na Suíça e na Região Autónoma da Madeira, com jovens e adultos que se envolveram no folclore desde muito cedo, sendo que alguns “nasceram” mesmo já inseridos em grupos folclóricos.

Embora a ideia desta investigação tenha surgido no contacto pessoal com o Folclore, é importante salientar que o estudo não foi desenvolvido em contexto pessoal, de modo a manter o distanciamento necessário para o seu desenvolvimento e obter os melhores resultados conclusivos.

### 5.1. OBJETIVOS DO ESTUDO

Uma das fases mais importantes na investigação, prende-se com a definição de objetivos que permitam ao investigador conduzir o estudo centrado nos aspetos que se pretende estudar. Neste sentido, os objetivos do presente estudo consistiram em:

- Compreender de que modo o folclore influencia as crianças e jovens na sua vida pessoal;

- Conhecer as práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas;
- Identificar práticas de mediação do folclore com as famílias/crianças;
- Compreender as motivações para a participação de crianças nos grupos folclóricos.

## 5.2. O PARADIGMA INTERPRETATIVO-FENOMENOLÓGICO: A INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Com a intenção de realizar uma aproximação profunda a uma determinada realidade e de acordo com os objetivos delineados para o presente estudo, decidiu-se seguir uma investigação assente no paradigma interpretativo-fenomenológico, utilizando uma abordagem qualitativa.

Segundo Amado e Boavida (2006), o paradigma interpretativo-fenomenológico considera que a natureza dos fenómenos sociais resulta de um sistema rico e variado de interações, ou seja, múltiplas realidades em interação. O investigador e o objeto fazem parte da realidade social a investigar, sendo que estão inter-relacionados e, deste modo, influenciam-se mutuamente.

No que diz respeito aos métodos e à natureza do conhecimento, segundo os mesmos autores, estes partem de uma conceção filosófica que considera o homem como criador de significados através da linguagem e dos conceitos por ela transportados. Deste modo, a investigação das realidades sociais centra-se no modo como as mesmas são interpretadas, entendidas, experienciadas e concebidas pelos próprios atores. Assim, pretende “passar do conhecimento, ou melhor, do registo descritivo e da análise dos factos, à interpretação” (Amado e Boavida, 2006, p. 94).

A expressão investigação qualitativa tem sido usada para designar todas as formas de investigação que se centram sobretudo na utilização de dados qualitativos e que se inserem no paradigma interpretativo-fenomenológico. Compreende métodos de investigação como a etnografia, a investigação naturalista, os estudos de caso, a etnometodologia, a metodologia de histórias de vida, aproximações biográficas e a investigação narrativa (Rodríguez, *et al.*, 1999 citado por Meirinhos e Osório, 2010).

Do ponto de vista de Faria e Vieira (2016), esta abordagem interpretativa-fenomenológica é privilegiada, na mediação, pela investigação, onde se insere a abordagem qualitativa. Como salientam os autores, esta metodologia foca-se na descrição, na indução, na teoria fundamentada e no estudo das perceções pessoais.

Também segundo os mesmos autores, qualquer cientista social admite que as deliberações produzidas nesta fase não são definitivas. Destaca-se a dialética entre os objetivos definidos para a pesquisa e as pistas que o pesquisador vai encontrando, “quer pelo acesso a outras reflexões, quer pelo contacto com a realidade e com os atores que se quer conhecer” (Faria & Vieira, 2016, p.119).

Os dados adquiridos neste tipo de estudo são abonados em fenómenos descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, sendo que as questões em investigação não são estabelecidas mediante a operacionalização de variáveis, e sim de acordo com a pretensão de analisar fenómenos com toda a sua complexidade num contexto natural (Bogdan e Bilken, 1994). De acordo com Aires (2015), os investigadores qualitativos, como referido anteriormente, estudam os fenómenos nos seus contextos naturais e a investigação que desenvolvem é considerada um processo interativo figurado pela biografia, género, classe social, etnia e pelas histórias de vida.

Assim, a investigação qualitativa é considerada um campo interdisciplinar e transdisciplinar que atravessa ciências humanas e físicas. Dado que não possui um conjunto fechado de metodologias exclusivas, os investigadores qualitativos podem socorrer-se da narrativa, dos métodos e técnicas etnográficas, entrevistas, psicanálises, estudos culturais, observação participante, entre outros (Aires, 2015). O mesmo autor (2015) considera que “a investigação qualitativa é uma perspetiva multimetódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do sujeito em análise” (p.14).

### 5.3. O MÉTODO DO ESTUDO DE CASO

Tendo em consideração os objetivos deste estudo, a natureza da temática – processo de construção identitária e integração social – e as características do território e dos sujeitos, deu-se preferência a uma abordagem do estudo de caso por se considerar que permite uma compreensão aprofundada sobre a realidade que se escolheu analisar.

Este método, insere-se na investigação qualitativa e é caracterizado por um método que nos revela maiores potencialidades, pois estando inserido no paradigma interpretativo-fenomenológico, trabalha com valores, crenças, hábitos, opiniões, e outros que, segundo Watson (1988, citado por Marcelino Lopes, 2011), “consiste em descrições detalhadas de situações, eventos, pessoas, interações e comportamentos, que são observáveis (...) incorpora o que os participantes dizem, as suas experiências, atitudes, crenças, pensamentos e reflexões” (p.328).

O estudo de caso rege-se por uma lógica que guia as sucessivas etapas de recolha, análise e interpretação da informação dos métodos qualitativos, com a particularidade de que o objetivo da investigação é o estudo aprofundado e intensivo de um ou poucos casos. Portanto, apresenta a vantagem da sua finalidade se centrar em situações humanas e em contextos da vida real, isto é, o seu valor consiste no facto de não estudar só um fenómeno, como também o seu contexto (Meirinhos e Osório, 2010).

Segundo Yin (2005, citado por Meirinhos e Osório, 2010), no que concerne à utilização de estudos de casos em investigação, este é um processo não facilitado, pois, contrariamente a outras estratégias de investigação, os estudos de caso não se encontram ainda sistematizados. Deste modo, esta estratégia sendo pouco sistematizada é abrangente, determinando que as características dos estudos de caso não sejam completamente coincidentes, podendo sofrer variações conforme as abordagens, as opções metodológicas e os aspetos a que cada investigador atribui mais importância.

Do ponto de vista do mesmo autor, a concretização de estudos de caso emerge da necessidade existente de estudar fenómenos sociais complexos. Assim, ainda conforme com o mesmo autor, o estudo de caso deve usar-se quando lidamos com condições contextuais, sendo essas condições pertinentes na investigação. Ainda, para os estudos de caso, o desenvolvimento da teoria como fase inicial da investigação, é essencial para que seja possível identificar qual o propósito do estudo de caso, isto é, desenvolver ou testar a teoria (Yin, 2005 citado por Meirinhos e Osório, 2019).

Os estudos de caso mais comuns são os que evidenciam apenas uma unidade de análise, como um indivíduo, um pequeno grupo, uma instituição, um programa ou um evento. Também é possível o desenvolvimento de estudos de casos múltiplos, como por

exemplo várias instituições que estejam a desenvolver um projeto igual, de forma a haver alguma diversidade, considerada relevante para o estudo (Mazzoti, 2006).

## 6. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

De acordo com Stake (2000, citado por Mazzoti 2006) o estudo de caso como estratégia de pesquisa caracteriza-se pelo interesse em casos individuais e não pelos métodos de investigação que podem ser os mais variados, tanto qualitativos, como quantitativos. Porém, o autor alerta para o cuidado de que nem tudo pode ser considerado um caso, afirmando que, para ele um caso é uma unidade específica, um sistema delimitado, cujas partes são integradas.

Para que o estudo de caso seja aceite pela comunidade académica, deve constituir, portanto, uma investigação de uma unidade específica, situada em seu contexto e selecionada de acordo com determinados critérios, utilizando múltiplas fontes de dados, de modo a fornecer uma visão holística do fenómeno estudado (Mazzoti, 2006).

### 6.1. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Relativamente às técnicas de recolha de dados a utilizar, optou-se, de início, pela utilização da observação direta, seguindo para entrevistas individuais.

A observação direta é uma técnica baseada na observação visual. Caracteriza-se por um método que capta comportamentos quando eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho (Quivy e Campenhoudt, 1988). A observação direta será fundamental na fase exploratória, enquanto forma de aproximação ao terreno, especificamente, no Rancho Folclórico e Etnográfico de Casais de Revelhos (Abrantes), em festivais e atuações.

A técnica da entrevista destaca-se pelo uso de processos fundamentais de comunicação e de interação humana. Se aplicada de forma correta, possibilita ao investigador retirar

informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. Presume um contato direto entre o investigador e os interlocutores (Quivy e Campenhoudt, 1988).

O tipo de entrevista utilizada neste estudo será a entrevista semiestruturada, pois, do ponto de vista de Ghiglione e Matalon (2001), o entrevistador na entrevista semiestruturada conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reações por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá apresentar são deixados ao seu critério, fixando apenas uma orientação para a entrevista.

A entrevista semiestruturada<sup>4</sup> será aplicada a pessoas pertencentes a grupos folclóricos em Portugal, na Região Autónoma da Madeira e numa comunidade portuguesa na Suíça, selecionadas como objeto de estudo.

## 6.2. SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

A seleção dos casos não se constitui por acaso, mas em função de características específicas que o investigador pretende investigar. Neste sentido, a amostra pode ser: acidental, intencional, por quotas, formando uma amostra teórica, não probabilística. Tendo em atenção o tipo de investigação presente, não podemos falar de amostragem, mas sim de um universo de análise qualitativa que pretende dar conta da diversidade de situações face a critérios considerados relevantes para o estudo (Guerra, 2006).

As características da análise qualitativa dificultam uma definição, à priori, do universo de análise, pois, este tipo de pesquisa é maleável, o objeto evolui e a amostra pode alterar-se ao longo do percurso. Por outro lado, considera-se difícil definir uma amostra sem ter em atenção o processo de construção do objeto, deste modo é quase impossível definir uma amostra em análises qualitativas, tendo em conta a diversidade de objetos e métodos (Guerra, 2006).

Deste modo, o estudo partirá através da constituição de um grupo, de forma intencional e não probabilista, de acordo com os objetivos específicos da mesma. Constituirá o foco do estudo um grupo de dez pessoas inseridas em grupos de folclore. As características

---

<sup>4</sup> Ver guião da entrevista no Apêndice 1

sociodemográficas dos participantes no estudo encontram-se sintetizadas na tabela seguinte.

	Género	Idade	Habilitações Literárias	Naturalidade	Grupo Folclórico	Função / Papel
Entrevistado 1	Feminino	55	6º Ano de Escolaridade	Alferrarede	RFE Casais de Revelhos (Abrantes)	Bailadora, Diretora Técnica
Entrevistado 2	Masculino	22	12º Ano de Escolaridade (a terminar licenciatura)	Alferrarede	RFE Casais de Revelhos (Abrantes)	Bailador
Entrevistado 3	Masculino	52	9º Ano de Escolaridade	Gabela, Angola	RFE Casais de Revelhos (Abrantes)	Bailador, ensaiador, diretor
Entrevistado 4	Feminino	31	Mestrado	Alferrarede	RFE Casais de Revelhos (Abrantes)	Bailadora, Membro da Assembleia Geral
Entrevistado 5	Masculino	46	12º Ano de Escolaridade	Abrantes	RFE Casais de Revelhos (Abrantes)	Bailador, Cantador, Membro da Assembleia Geral
Entrevistado 6	Feminino	42	Mestrado	Coimbra	Grupo Típico de Ançã (inativa no momento)	Bailadora, Membro da Direção
Entrevistado 7	Masculino	65	Mestrado	Santarém	Grupo Académico de Danças Ribatejanas	Presidente da Direção

Entrevistado 8	Masculino	27	Licenciatura	Alferrarede	RFE Casais de Revelhos	Bailador, Membro do Conselho Fiscal da Associação
Entrevistado 9	Masculino	40	9º Ano de Escolaridade	Alferrarede, Abrantes	Rancho Folclórico de AArburg (Suíça)	Bailador
Entrevistado 10	Feminino	35	12º Ano de Escolaridade	Funchal, Madeira	Grupo C.R.C.P. Santo António da Serra (Madeira)	Bailadora, Cantadeira, Tocadora

**Tabela 1** - Caracterização Sociodemográfica dos participantes

### 6.3. TRATAMENTO DOS DADOS

No que respeita ao tratamento dos dados, em concordância com a tipologia de técnicas aplicadas, o método de análise seguido assenta no recurso à análise de conteúdo do tipo categorial.

Segundo Quivy e Campenhoudt (1988), a análise de conteúdo, incide numa diversificação de mensagens como obras literárias, programas audiovisuais, artigos de jornais, declarações políticas, documentos oficiais, atas de reuniões ou relatórios de entrevistas pouco diretivas. A predileção dos termos utilizados pelo locutor, a sua constância e o seu modo de organização, a construção do discurso e o seu desenvolvimento são fontes de informação a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento.

A análise de conteúdo não corresponde a um método, mas sim a uma técnica. Emprega o procedimento normal da investigação, isto é, o confronto entre um quadro de referência e o material empírico recolhido, assim, a análise de conteúdo tem uma dimensão descritiva que tem como objetivo dar conta do que foi narrado ao investigador

e uma dimensão interpretativa que resulta das interrogações do investigador face ao objeto de estudo (Guerra, 2006).

No que diz respeito à análise das entrevistas e histórias de vida, sugere-se a realização dos seguintes passos no tratamento dos dados: transcrição, leitura das entrevistas, construção de sinopses das entrevistas, e a análise descritiva (Guerra, 2006).

No final será fundamental proceder à apresentação e triangulação dos dados obtidos com as diferentes técnicas para discussão e reflexão dos resultados, pois toda a informação recolhida incide sobre o foco da investigação, ou seja, para chegar às conclusões finais é necessário complementar a pesquisa bibliográfica com a observação direta e as entrevistas.

## PARTE III – RESULTADOS

## 7. APRESENTAÇÃO DOS DADOS EMPÍRICOS

O presente estudo é caracterizado pela aplicação de procedimentos metodológicos e técnicas de investigação que possibilitaram a obtenção de dados para uma melhor interpretação dos factos, relativa ao objeto de estudo exposto. Coutinho (2011) refere que o investigador que opta por uma metodologia “qualitativa ausculta as opiniões individuais” através de entrevistas, observação participante e “pressupõe ser fundamental atender às características individuais dos intervenientes” porque tudo depende da forma como estes participam. (Coutinho, 2011, p. 204). A única forma de compreender o papel dos grupos folclóricos na integração social de crianças e jovens, com especial foco nos participantes no estudo, foi estar com eles por um período de tempo, conhecê-los e ser reconhecida por eles de forma a concretizar a recolha de dados, que combinou a observação participante com a entrevista, facilitando o melhor conhecimento dos grupos observados. Deste modo considerou-se que a observação participante seria a mais conveniente para os objetivos do estudo, dado que esta é a melhor forma de entender totalmente a maneira como vivem os indivíduos pertencentes a um determinado grupo social.

### 7.1. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Durante a observação foram recolhidas notas de campo, em diversos momentos de contato com os grupos que contribuíram para um maior conhecimento, individual e coletivo e que permitiu uma reflexão mais sólida. A anotação das notas de campo, consequentes da observação, foi feita posteriormente. De acordo com Quivy (1994), não sendo sempre possível, nem desejável, tomar notas no momento em que ocorre o contato, o recurso encontrado consistiu em reproduzir os comportamentos observados imediatamente após a observação (Quivy, 1994).

Tal como poderemos verificar no ponto seguinte, também nesta fase da observação foi feita uma divisão categorial:

*Categoria 1 – Relação com o folclore*

Ao longo do período de observação foi possível identificar um conjunto de elementos que aparentam reforçar a ligação simbólica e sociocultural das crianças e jovens aos grupos folclóricos. Entre as mais significativas podemos apresentar a relação que o grupo folclórico permite estabelecer com o território de origem, o reforço das redes sociais e familiares que o grupo proporciona durante os ensaios e eventos e o papel que essas estruturas têm na construção de uma identidade associada a quem pertence (por sangue ou terra).

Verificou-se que em alguns grupos existem bastantes crianças e jovens, sendo que o principal motivo é o facto de terem, irmãos, pais, tios, primos e/ou avós no grupo. Ou seja, as ligações familiares dentro dos grupos folclóricos são um fator determinante que justifica a pertença aos mesmos. Vêm-se já alguns bebés a integrar os grupos de folclore, o que nem sempre foi assim, pois evitava-se levar crianças de colo para cima dos palcos.

Ali as crianças crescem, fazem amigos da mesma faixa etária e constroem relações futuras, que se manterão, haja, ou não, corte com o grupo. Acabam por ir um pouco por arrasto dos adultos responsáveis por eles, logo, por norma, estão sempre presentes em ensaios e eventos.

Pode-se observar, também, que os mais velhos têm gosto em ter elementos mais novos nos grupos e nota-se que os acolhem e mantêm de forma muito particular, quase como uma verdadeira família. Brincam, contam histórias, cantam, bailam, isto fora do contexto de atuação, em ambiente de pura descontração.

### *Categoria 2 – Motivações*

Nos momentos de observação, pôde-se constatar que as pessoas ingressaram no folclore, maioritariamente, porque já tinham família ou pessoas conhecidas, como amigos ou simplesmente conhecidos, o que significa que as pessoas são motivadas por outras pessoas e não pela essência do próprio folclore, daquilo que significa e representa.

Por outro lado, podemos verificar a alegria de quem pertence a um grupo de folclore, os momentos de partilha e convívio que se proporcionam no decorrer das atividades.

Durante as representações, é evidente a alegria de quem está em cima do palco a representar as tradições culturais da sua região, a forma como aprenderam a construir um amor por essas mesmas tradições, a forma séria como a maioria encara o facto de pertencer a um grupo folclórico e, também, podemos verificar que o folclore beneficia muito a vida das pessoas, facilitando o diálogo com outras pessoas, uma maior abertura e o desenvolvimento de várias competências.

### *Categoria 3 – O Folclore como mediador*

Em contexto de observação participante, torna-se um pouco difícil de perceber a opinião das pessoas ligadas ao folclore, relativamente ao folclore como mediador na integração social de crianças e jovens. Mas pelo que se pôde apurar, o folclore é um bom meio para todos os seus componentes, não só crianças e jovens, se integrarem num grupo, formarem outros grupos, conhecer pessoas novas e estabelecer novas relações. Alguns grupos, quando vão para atuações em outras terras, nas denominadas permutas em festivais de folclore, convivem muito, não só entre si, mas também com elementos de outros grupos. Há sempre um espaço de tempo que permite que se conheçam uns aos outros, que partilhem experiências e, em muitos casos, existe troca de contactos, estabelecendo-se, ali, relações para o futuro. São feitas atividades que permitem uma certa descontração dos elementos do grupo e uma parceria com elementos de outros grupos ou até mesmo meros espetadores.

## **7.2. ENTREVISTAS A PESSOAS LIGADAS AO FOLCLORE**

De modo a compreender a opinião individual e motivações de cada indivíduo para aclarar algumas questões, com o intuito de obter os dados indispensáveis para a discussão dos resultados, foram realizadas entrevistas a pessoas ligadas ao folclore, de forma mais ativa e menos ativa.

Na opinião de Bogdan e Biklen (1994) em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante ou mesmo com a análise documental e outras técnicas. A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos no discurso do próprio sujeito, o que permite ao investigador desenvolver uma ideia “sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” (Bogdan e Biklen 1994, p.134). A vantagem de conjugar a observação e entrevista na recolha de dados, na opinião de Silvestre e Araújo (2012), é o facto de permitir controlar o risco de subjetividade do investigador, ou deixar-se influenciar mais pelo seu ponto de vista ou experiência na interpretação de dados, “do que pelo ponto de vista e experiência dos sujeitos de pesquisa”. A grande vantagem na recolha de dados por entrevista é permitir obter “dados com grande riqueza e profundidade e a partir do ponto de vista dos sujeitos de pesquisa, (...) transmitida ao pesquisador na linguagem do próprio” (Silvestre e Araújo 2012 p.155).

Foi criado um guião de entrevista semiestruturado com perguntas abertas que ajudaram a orientar a entrevista e torná-la mais objetiva.

A presente análise categorial visa expor os resultados da entrevista realizada a membros de grupos folclóricos (Ver quadro 1 do ponto 6.2).

### *Categoria 1 – Relação com o folclore*

Neste ponto, podemos observar que os entrevistados se envolveram no folclore desde muito cedo, uns nasceram no seio dos grupos. Como exemplifica um dos entrevistados,

*Desde que me lembro que ando no rancho (...) começaram logo a levar-me, desde que nasci, praticamente (...) (entrevistado 2).*

Outros entraram crianças ou até já na fase de adolescência. Como refere outro participante,

*Era miúdo, devia ter uns 13/14 anos talvez... (entrevistado 9).*

Relativamente à forma como tiveram conhecimento do grupo, podemos observar distintas respostas, pois, na verdade é uma questão que varia de pessoa para pessoa. O conhecimento do grupo pode vir através dos pais, de pessoas de família, de amigos, de

conhecidos, ou até mesmo por o grupo ser da terra e despertar a curiosidade. Como relata um dos entrevistados,

*Era da terra e toda a gente andava... gostava de ir a festas e... e de dançar e ia para o grupo. (entrevistado 1).*

Segundo outro ponto de vista,

*(...) através de pessoas amigas, quase como familiares, que pertenciam ao grupo, que eram tocadores e o, então, Diretor Técnico era meu amigo e ao falar com o presidente do grupo na altura e que ainda é, o Senhor Padre Manuel Jesus, convidaram-me para, pronto, para começar a participar nas atividades do grupo. (entrevistado 6).*

Curiosamente, em relação às relações de parentesco, podemos verificar que a maioria dos entrevistados tem familiares no grupo folclórico a que pertence, segundo outro testemunho,

*(...) foi toda uma família sempre ligada ao folclore. (entrevistado 2).*

Porém, uma pessoa respondeu que não tinha qualquer relação de parentesco no grupo e outra afirmou ter apenas a companheira, que conheceu já no grupo. Esta diferença no que toca a ter, ou não, familiares no grupo, também se pode verificar de acordo com o grupo ser de um meio pequeno ou maior, pois como se sabe, existem grupos de folclore, tanto em cidades grandes, como nas aldeias mais pequeninas.

Da participação em eventos e ensaios, praticamente todos se envolvem muito ativamente nas atividades, sendo que apenas um não consegue neste momento participar muito, devido a estudos no ensino superior. Este tem sido um entrave que, no entanto, não se pode considerar problemático. O facto de alguns elementos jovens estarem focados nos seus estudos, tira-lhes algum tempo para se dedicarem ao folclore e a participar nos eventos e nas atividades do seu grupo. Também alguns empregos são entrave a uma maior dedicação às atividades dos grupos, mas o que se verifica é que, quando se gosta realmente do folclore, consegue-se sempre um espaço de tempo para estar presente.

No que diz respeito à colaboração com o grupo, a conclusão é praticamente a mesma que na questão anterior. A maioria dos entrevistados colabora muito ou totalmente, sendo que apenas uma pessoa não está tão colaborante neste momento.

*Todos os dias... todos os dias há coisas para fazer.* (entrevistado 7).

Podemos observar que o folclore contribui bastante para o enriquecimento pessoal dos entrevistados. Seja porque é uma distração ou um hobby, permite adquirir vários conhecimentos e saberes, conhecer pessoas, conhecer outros lugares e culturas, ajuda na socialização, no desenvolvimento pessoal ou construção de identidade e permite conhecer as tradições culturais e a história do seu meio, bem como de outras regiões. Como narra um dos participantes,

*(...) leva-me a conhecer outras culturas, outras pessoas, outras terras e outros países.* (entrevistado 1).

Ou, de acordo com outra experiência,

*(...) é um hobby (...) permite-me distrair-me de outras coisas, dos estudos e da vida profissional (...) além da prática da atividade física que é sempre bom.* (entrevistado 2).

Estas contribuições do folclore, traduzem-se, também, em motivações para pertencer a um grupo folclórico, pois isso permite aos membros certos estatutos e determinados privilégios que, provavelmente, não teriam se não integrassem um grupo de folclore, como por exemplo poder viajar pelo país e até ao estrangeiro, pois alguns dos entrevistados chegaram a afirmar que só conhecem determinado lugar ou país por terem tido atuações que possibilitaram esse facto.

Em relação aos possíveis aspetos negativos que possam existir relativamente à pertença a um grupo folclórico, a maioria considera que não existem aspetos negativos. No entanto, podemos observar outras opiniões como a dificuldade de conciliação com a vida pessoal e profissional, pelo facto de por vezes ter de se fazer escolhas, entre o grupo folclórico e a vida pessoal. Tal podemos observar nos exemplos que se seguem:

*Sim... mexe, mexe um pouco, quer se queira quer não, com a vida das pessoas porque é necessário tempo e compromisso também.* (entrevistado 3).

*A dificuldade de conciliação com o trabalho e com a vida pessoal por vezes. Não é fácil. (entrevistado 4).*

*Em si mesmo, e só pelo facto de uma pessoa pertencer a um grupo folclórico, eu não acho que haja nenhuma circunstância negativa. Agora, admito que dentro de um grupo de folclore, onde estão 50 pessoas, cada qual a pensar da sua maneira, a terem de respeitar uma determinada conduta que é imposta pela direção, que possam haver pessoas que não se sintam bem, que não se integrem e enquadrem completamente na forma de ser e de estar no grupo. Agora, por si mesmo, o facto de se pertencer a um grupo, não traz nenhum aspeto negativo, muito pelo contrário. (entrevistado 7).*

Relacionada com esta questão, surgiu na categoria seguinte uma outra muito semelhante que se refere a malefícios que o folclore lhes tenha proporcionado. Posto isto, os entrevistados não apontam malefícios que o folclore lhes tenha trazido à vida pessoal e profissional, apenas dois apontam a dificuldade em conciliar com a vida profissional, sendo que não é necessariamente um malefício, como podemos observar abaixo,

*Só a dificuldade por vezes de conjugar e as trocas que obriga a fazer por vezes no trabalho. (entrevistado 4).*

*Não propriamente, mas um dos motivos para não ter feito o ensino superior foi a falta de tempo que teria para o grupo. Foi uma escolha minha e não estou nada arrependida. (entrevistado 10).*

Normalmente quando um adulto vê uma criança ou um jovem ingressar no seu grupo folclórico, ou o próprio grupo, acolhe-o da melhor maneira possível, dando-lhe as boas vindas, tentando perceber a sua forma de ser para o integrar de acordo com a sua personalidade, transmitem todos os conhecimentos sobre o grupo, a história do grupo, as tradições que representam, fazem ensaios, convívios, privilegiam a ajuda em tudo, ensinam a danças, a cantar, e criam laços que se tornam quase laços familiares. Segundo os relatos dos entrevistados,

*Tentamos acolhê-lo da melhor maneira possível e encaminhá-lo para aquilo que ele se vem proposto a fazer ou que nós queiramos que ele faça. Mas se for uma*

*criança ainda se calhar ainda não tem muita noção de... pronto, é uma escola... acaba por ser uma escola para ele. Para eles. (entrevistado 5).*

*Bom naturalmente que fico sempre muito feliz, eu no meu grupo tenho uma secção infantil, portanto tenho um grupo de dança infantil, e naturalmente que sempre que entram componentes novos fico muito satisfeito. E a nossa preocupação é integrar o miúdo no seio do grupo, porque nós somos muito rigorosos em termos de conduta comportamental, disciplinar e tudo isso. E, portanto, os miúdos que estão no grupo, de resto como os adultos, têm de respeitar a conduta que é norma dentro do grupo, e, por outro lado, tento transmitir-lhes alguns conhecimentos, para além da própria interpretação das danças ou das cantigas, no sentido que eles tenham consciência do que é que estão a fazer no seio do grupo. Compreendem o aspeto etnográfico, o significado da região do Ribatejo, das distintas sub-regiões etnográficas, pelo discurso que nós, digamos que de uma forma muito doseada, sem pressas, sem correrias, mas que nós vamos tentando fazer com que as crianças compreendam porque é que umas danças são de uma maneira, outras são de outra, uns trajes são escuros, outros são mais vivos, temos sempre a preocupação de que os componentes do nosso grupo, incluindo as crianças, tenham a consciência do que é que estão a fazer no seio do grupo. (entrevistado 7).*

*Eu costumo fazer o que sempre fizeram comigo, acolher bem, pô-los à vontade e ajudar no que for preciso. Já ensinei muita gente nova a dançar e gosto disso, sinto-me mais útil por ajudar. O grupo geralmente faz o mesmo, ensina tudo o que há para ensinar e acolhe bem toda a gente, nunca colocando ninguém de parte. (entrevistado 9).*

Na parte final desta categoria – relação com o folclore – todos consideram muito importantes as práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas. Nos grupos podemos destacar algumas dessas práticas como, brincadeiras, espécies de praxes, momentos de lazer, convívio e partilha, as próprias atividades do grupo, ensaios, atuações, entre outras. A partir das experiências descritas,

*(...) Costumamos começar logo a falar com as crianças, costumamos integrá-las nas nossas brincadeiras, brincar com elas... às vezes faço praxá-las de uma forma divertida, claro. (...) (entrevistado 2).*

*Penso que são enriquecedoras, como qualquer outro movimento onde, onde haja comunhão e partilha das atividades. (...) Fazê-los respeitar os outros, fazê-los crescer na vertente social também, um pouco por aí... (entrevistado 3).*

## *Categoria 2 – Motivações*

No que concerne às motivações dos entrevistados para terem ingressado no Folclore, as respostas dividem-se em várias, como o gosto pela dança e pelas tradições, o conhecimento e a divulgação dessas tradições, o facto de ter família e amigos no grupo, permite conhecer outras pessoas, outros lugares, outras culturas, pode constituir, também, uma forma de ter alguma atividade física, para socializar e ter uma boa integração social e para sair da rotina. Segundo relatam os entrevistados,

*Primeiro porque gostava de dançar, depois mais tarde comecei a compreender o que é que era realmente o folclore e comecei a fazer recolhas... do que era o povo em 1900, o que é que trajavam, o que é que dançavam, como era o viver e comecei-me a interessar por isso e gostava de falar com as pessoas mais velhas para elas me ensinarem essas coisas. (entrevistado 1).*

*Olha, a motivação inicial para quem tem 11 anos, basicamente era estar com outras pessoas que eu já conhecia (...) ter uma experiência, de algum modo (...) na altura não pensava que era uma experiência de grupo ou uma experiência social, mas era, era sair de casa para algo específico, que era ensaiar e dançar, porque eu sempre gostei de dançar, e a motivação foi de alguém que já me conhecia, que eu já conhecia e de quem até gostava particularmente, me convidar para ir para um grupo para dançar, semanalmente e depois até termos atuações. E a motivação foi essencialmente essa, a amizade por algumas pessoas que me convidaram (...) para dançar. (entrevistado 6).*

Entre as atividades que são mais apreciadas no folclore, ou nos grupos de folclore, os entrevistados enumeraram várias, como as recolhas de tradições e confeção de trajes, as festas, as danças, os momentos de convívio e lazer, as atuações, a aprendizagem ou os ensaios, os festivais de folclore e, ainda, há quem goste de todas as atividades em igual medida, dada a importância que o folclore tem para si. De acordo com a opinião de dois dos entrevistados,

*Gosto das festas, gosto de... gosto obviamente de dançar, mas gosto da parte do convívio... de... de sair, das atuações, de... das festas, de estar a divertir-me com amigos, porque tenho vários amigos dentro do grupo. (entrevistado 2).*

*Bom, eu gosto de todas, não é? As atividades que me dão muito gosto é estar num palco, a representar o folclore do Ribatejo perante um público que eu tento conquistar. Eu, enquanto apresentador do grupo e o grupo no seu todo, tentamos conquistar a atenção do público para aquilo que lhes estamos a mostrar. (...) Também para mim é aliciante contactar com as pessoas mais idosas para fazer pesquisas e recolhas etnográficas, como forma de ficar a conhecer melhor a região, valorizar a representação do grupo, desse ponto de vista. E há ainda um terceiro aspeto que me agrada muito, que é a realização do Festival Internacional através do Folclore, que me permite conhecer mais grupos estrangeiros, mais grupos portugueses, novos, desvendar, digamos que, desvendar novas realidades, novas culturas e, portanto, digamos que essas são as três vertentes da minha relação com o folclore que mais me entusiasma ainda hoje. (entrevistado 7).*

Relativamente à permanência dos entrevistados nos grupos de folclore em que estão inseridos, as respostas são variadas, como, por gosto ou por amor ao grupo e ao folclore, por causa da família, para transmitir as tradições culturais aos mais novos e ao público, por ser um refúgio ou um escape, pela responsabilidade que acarreta, pelo compromisso e pelo facto de o grupo ser uma segunda família. Segundo expressam dois participantes,

*Mantenho-me no grupo porque penso que é bom saber de onde viemos e para onde caminhamos e conhecer as nossas raízes culturais e passar isso também para os mais novos. (entrevistado 3).*

*(...) as coisas que eu gosto mais e acaba por ser em homenagem aos nossos antepassados, a tudo o que eles passaram, porque eles no entanto, eles eram felizes a dançar, a cantar, as desfolhadas, tudo, tudo isso fazia com que as pessoas vivessem as coisas com uma alegria, uma satisfação, e acho que isso, isso é o que me faz manter no grupo e gostar do grupo, porque posso dizer que uma das músicas quando a oiço, sei que era, quem a retratou foi um familiar meu e quando oiço o nome do familiar, não o conheci, mas ainda me dá mais força para dançar aquela música e danço com uma entrega e acaba por ser um bocadinho por aí. (entrevistado 8).*

Questionados sobre se já tinham pensado em algum momento deixar o grupo e porquê, os entrevistados, curiosamente, responderam, à exceção de três e de uma pessoa que neste momento está afastada do seu grupo, que sim, já pensaram deixar o grupo, por motivos como, a saúde e o cansaço, a dificuldade em conciliar com outras prioridades e a dificuldade de gestão do tempo. São, de facto, grandes desafios que estão presentes na vida destas pessoas e que colocam um pouco em risco o futuro dos grupos de folclore, como relatam os entrevistados,

*Justamente pela dificuldade de conciliar por vezes com a vida pessoal e com a vida profissional. (entrevistado 4).*

*Não, não tenho motivos para isso. Em Portugal estive em dois. O primeiro deixei porque o grupo acabou, o segundo, deixei por ter vindo para aqui. (entrevistado 9).*

Em relação a se já estiveram inseridos em outros grupos, metade dos entrevistados respondeu que sim, sendo que a outra metade respondeu não.

No que concerne à proximidade entre elementos, se era maior com elementos da sua idade ou com quase todos, a maioria dos entrevistados afirmou que sente proximidade com quase todos ou mesmo todos sem exceção, sendo que uma minoria respondeu que sente maior proximidade com os da sua faixa etária e outros com elementos mais velhos. Destacamos aqui as opiniões de três participantes:

*Mais da minha idade, mas todos praticamente. (entrevistado 1).*

*Agora é mais ou menos igual porque, deixaram várias pessoas da minha idade, que também neste momento não têm tempo, mas há 1 / 2 anos atrás era mais com as pessoas da minha idade, tinha lá vários amigos, pessoas com quem saio regularmente. (entrevistado 2).*

*Normalmente se calhar dos mais velhos. (entrevistado 5).*

De facto, sendo os grupos de folclore uma agregação de pessoas com idades que podem ir dos zero aos cem anos, é esperado que todas as atividades envolvam todas as faixas etárias, embora nem todas as pessoas tenham a capacidade de conseguir participar nas atividades de igual forma, pois cada um terá as suas limitações, quer ao nível físico quer a outros níveis, dependendo, também, da disponibilidade e entrega de cada um.

Questionados sobre se consideram o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres, os participantes na maioria responderam, na maioria, algo mais sério ou completamente sério, sendo que um participante respondeu que era uma ocupação de tempos livres e outro que considerava as duas coisas em igual medida.

Em relação à existência de outras ocupações de tempos livres, todos os entrevistados, à exceção de um, revelam ter outras ocupações de tempos livres, tais como desporto, futebol, estudos, pintura, tocar instrumentos, voluntariado, artes, rádio, jornal, ensino, agricultura, leitura, sair à noite, ouvir música e fazer compras. Como exemplificam os entrevistados,

*Sim, sempre fui muito ligado, por exemplo, à vertente do futebol. (entrevistado 3).*

*Eu faço parte da direção de uma escola de música, de uma escola de artes... também a título voluntário e... e para além dessa experiência diretiva, de associativismo voluntário a nível educativo, de escola de artes, faço também... faço desporto. (entrevistado 6).*

Entre várias razões que fazem uma pessoa pertencer a um grupo de folclore, os participantes apontaram como razões mais fortes o gosto pelas tradições que estão a ser representadas, as relações que se estabelecem, o folclore em si, a responsabilidade pelo grupo, o convívio e as viagens. Segundo relatam os entrevistados,

*A responsabilidade, a paixão por aquilo, a história, no fundo, daquilo que estamos a representar. E tenho de dizer a verdade, o continuar a conhecer um pouco do nosso país e neste momento é gratificante eu conseguir olhar para um grupo e conseguir dizer de onde é que ele é sem saber, só olhando para os trajas e pronto. (entrevistado 4).*

*Bom, hoje é a responsabilidade que tenho em cima das costas, digamos assim, de fazer todo o possível para que o grupo se possa engrandecer e ter sempre futuro. Portanto, digamos que essa é a preocupação maior. Daí a minha presença em todos os ensaios, em todas as atividades, e até de conseguir condicionar, digamos que, a minha própria vida pessoal em relação ao grupo, nomeadamente em termos de marcação de férias, em deslocações muitas vezes de férias para acompanhar o grupo numa atividade, e portanto, digamos que essa é a grande preocupação, é assegurar que o grupo tem uma atividade correta, uma atividade, enfim, de acordo com os nossos objetivos, que o grupo faça boa figura onde quer que se apresente, que as pessoas todas se sintam bem no grupo e que sejam bem tratadas em todas as circunstâncias em que estejam a representar o grupo, portanto, essa digamos que é a principal razão de eu, de facto, estar muito presente no próprio grupo. Depois, digamos que é o próprio espólio que o grupo já criou, inclusivamente em termos museológicos, e que me obriga também a continuar esse projeto do museu do grupo no sentido de que, de facto, possa constituir uma mais valia, não apenas para o próprio grupo, mas inclusivamente para a própria cidade. (entrevistado 7).*

Na questão seguinte, podemos verificar de forma clara que todos os entrevistados se identificam completamente com as tradições culturais da sua região, pois todos responderam afirmativamente, sem hesitações.

Relativamente aos benefícios que o folclore já tenha trazido à vida pessoal dos participantes, estes apontam os conhecimentos e aprendizagens que se adquirem, as amizades, o convívio, o conhecimento de outras culturas e do país e o desenvolvimento de competências pessoais. No que diz respeito à vida profissional, os benefícios são o desenvolvimento de competências que ajudam na construção do perfil profissional, como a facilidade de comunicação que se adquire. Outras aprendizagens relacionadas

com o folclore podem também ser úteis à profissão, mas, sobretudo, existe a construção de um repertório de competências que ajuda em vários aspetos também da vida profissional, como declaram os entrevistados:

*A facilidade de comunicar com as pessoas. (entrevistado 4).*

*Ajudou-me a perder a timidez, aprendi muita coisa, adquiri muitas competências... acho que a pessoa que sou hoje, em grande parte devo ao folclore. Em termos profissionais, ajudou-me muito também porque eu sou esteticista e a minha carteira de clientes é em grande parte colegas do grupo e pessoas que eu conheci através do grupo. Portanto só tenho coisas boas a dizer. (entrevistado 10).*

### *Categoria 3 – O Folclore como mediador*

Nesta categoria pretendeu-se perceber, através das respostas dos entrevistados, o papel do folclore enquanto mediador para a integração social de crianças e jovens. Isto é, quis-se verificar o papel do folclore como ponte, ou como meio condutor, para as crianças e jovens se conseguirem integrar na sociedade ou em grupos, bem como relacionar-se com os seus pares.

Os entrevistados foram questionados, primeiramente, sobre o facto de o folclore poder ajudar na integração social de crianças e jovens, ao que todos concordaram, dando depois, cada um a sua justificação, expondo o seu ponto de vista em relação ao assunto.

Pelo que foi apurado, as crianças e os jovens interagem com todos, aprendem brincadeiras, brincam, interagindo também entre si, formando grupos de amigos, integrando-se, assim, numa vertente social. Também o conhecimento que se adquire no folclore é fundamental para a construção identitária e, conseqüentemente, dar lugar à integração social. Por outro lado, também o conhecimento da sua história, das suas raízes, ajuda as crianças e os jovens a envolverem-se mais na sociedade. Temos um exemplo que retrata isso:

*Porque o folclore tem a parte identi... a parte... o traço da identidade e sobretudo da identidade local. E a identidade local é a fina linha que nos liga a*

*todos dentro de uma comunidade e... e trazer esta, este conceito para crianças e jovens é integrá-los, ainda que possa não ser diretamente, mas é integrá-los dentro da sua própria história enquanto pessoas naquela comunidade.*  
(entrevistado 6)

Outro dos participantes contribuiu de acordo com a sua experiência:

*Pela experiência que eu tive e pelo que vejo dos meus colegas de grupo. Principalmente os jovens que integram o nosso grupo. Alguns que entram meio tímidos, meio acanhados... passado um tempo ficam mais soltos, mais participativos, mostram mais iniciativas... vê-se um progresso brutal neles. Depois é vê-los, também, a ensinar novos elementos, a integrá-los no grupo (...).* (entrevistado 10)

Relativamente a práticas ou atividades, no folclore, tanto com as famílias como com as crianças e jovens, para que se consiga realizar uma integração social, os entrevistados apontaram os ensaios, os eventos, as próprias viagens para as atuações, as convivências, os convívios, recriações de quadros etnográficos, formações (palestras, workshops), jogos tradicionais, sendo que em todas estas atividades, por norma os pais e outros familiares acompanham as crianças, ainda que não façam parte do grupo, como corroboram os entrevistados:

*As atividades em geral, os convívios que normalmente são feitos... toda a atividade de um grupo folclórico envolve convívio, envolve as pessoas estarem juntas, portanto facilita sempre a integração da pessoa.* (entrevistado 4)

*Como já referi, além de lhe ensinarmos no que consiste o grupo, as tradições e tudo o que eles devem aprender, ajudamos em tudo o que for preciso para a integração deles cá. Depois temos os ensaios, os eventos, os convívios, as atuações (...).* (entrevistado 9)

A questão seguinte não é muito diferente da anterior, porém tinha também de ser feita, de modo a tentar perceber as diferenças entre a convivência das crianças e dos jovens com as suas famílias, ou com pessoas mais velhas. Todos os participantes afirmaram que sim, existem práticas e atividades que promovem a convivência dos mais jovens com os mais velhos, sendo elas todas as atividades que já foram enumeradas

anteriormente. Podemos inserir aqui, também, uma atividade que são as recolhas de tradições, que promovem a convivência entre os mais jovens com os mais velhos. Segundo os pontos de vista de quatro participantes:

*Tudo... (...) tudo promove a convivência dos mais jovens com os mais velhos, quando estamos em festas, quando estamos a organizar eventos... (...) os mais jovens procuram sempre perceber o que é que é... o que é que têm de fazer, onde é que têm que trabalhar com os mais velhos que os ensinam... e pronto.* (entrevistado 2)

*Os mais novos com os mais velhos acabam por interagir sempre, porque a própria atividade e tudo o que envolve a atividade do folclore, que não é só ensaiar, cantar, dançar, passear... não é isso que se trata..., mas sim, acaba por haver interação entre várias faixas etárias.* (entrevistado 3)

*Sim, nós, nós no grupo fazemos os ensaios no mesmo dia. Os ensaios das crianças são apoiados pelos componentes do grupo académico. Portanto, os componentes do grupo académico, digamos que são os transmissores dos conhecimentos para as crianças. Ajudam-nos, ensinam-nos, apoiam-nos, fazem com eles alguns movimentos específicos das próprias danças e, portanto, há aqui uma grande interação. Em muitos ensaios durante o ano, prolongamos os ensaios e fazemos uma jornada de convívio. Para petiscarmos um bocadito, para conversarmos, para estarmos em conjunto... e, portanto, são atividades que, promovem, digamos que, a aproximação, entre as crianças e a juventude ou até os mais velhos. E, portanto, quer no próprio ensaio, quer nos convívios, quer, inclusivamente, nas deslocações que fazemos para participar em festivais ou coisa assim, há sempre uma interação grande entre os mais novos e os mais velhos.* (entrevistado 7)

*Todas as que mencionei, todas as nossas práticas e atividades promovem a convivência entre todas as faixas etárias, porque o folclore não tem uma idade específica para os envolvidos, o folclore é de todos e é para todos. Todos fazemos de tudo um pouco.* (entrevistado 10)

De seguida, todos os intervenientes confirmaram que já estiveram inseridos mais ativamente nas atividades mencionadas, sendo que alguns afirmaram estar em todas,

dando respostas como: “*Sim. Em todas.*”, “*(...) Sim... normalmente sim... os mais novos e os mais velhos vão sempre interagindo e vão aprendendo (...)*”, “*Isso mesmo, sim, sim.*” e, até mesmo, “*Eu estou em todas.*” Normalmente estas pessoas que estão mais envolvidas, mais disponíveis, conseguem fazê-lo devido à faixa etária a que pertencem, normalmente são pessoas já com alguma idade, com empregos de horários fixos, que não estejam em estudos, algumas, até, sem emprego, pois não basta apenas a vontade ou o querer, é necessária uma grande disponibilidade para toda essa entrega e presença.

Por fim, a última questão foi um pedido para os entrevistados dizerem qual a importância das práticas nos grupos de folclore, do seu ponto de vista pessoal e de acordo com a sua experiência. Esta foi talvez a questão em que os participantes se puderam exprimir de forma mais completa, diversa e não com respostas tão semelhantes às dos outros participantes.

Do ponto de vista dos entrevistados, essas práticas são importantes para a sua vida pessoal e profissional.

Da parte pessoal, estão os conhecimentos, as aprendizagens e as competências que adquirimos e desenvolvemos, os novos lugares que conhecemos, as novas culturas, as pessoas, relações de várias naturezas que se estabelecem, aprende-se a interagir e a estar em grupo e na sociedade.

Do lado profissional, temos também algumas competências que são adquiridas e que poderão ser postas em prática numa denominada profissão. Também se pode ganhar vontade de enveredar numa profissão que já não é tão comum nos dias de hoje, como alguma que seja retratada no grupo, uma profissão antiga que, aos dias de hoje, esteja praticamente em vias de extinção ou que esteja mesmo extinta. Segundo atestam três dos participantes nas entrevistas:

*Estas práticas são importantes porque, por um lado, fazem-nos integrar de um modo mais informal no grupo, e fazem criar relações de proximidade com os diferentes elementos do grupo, numa dimensão informal na preparação da atividade, mas também ao usufruirmos da própria atividade. Por isso é que a recreação é importante. E do meu ponto de vista é também muito importante a parte formativa, porque me ensina que... me ensinou, quando começou e ainda*

*ensina, muitos pontos diferenciadores se for... se for uma recriação de uma... de uma colheita... não é?... porque, por exemplo, do final do ciclo do vinho nas vindimas, métodos, práticas... antigas, que se perderam por algum motivo, até, às vezes, até de... da própria evolução da ciência e da técnica, não é?!, e isso tudo traz-me e trouxe-me, ainda, muita parte formativa, aprende-se ainda muito, ainda há muito para aprender dentro das práticas de recriação. (entrevistado 6)*

*É assim, sendo a última pergunta, acaba por ser uma reflexão de tudo o que eu disse para trás. Ou seja, é não deixar perder estas tradições, mantermos com que as crianças acabem por dar um bocadinho de valor à sociedade e às coisas que têm hoje (...) a cultura em si (...) as raízes, as suas tradições, desde o... aliás nós já temos feito algumas atividades de fazer bolos lêvedos, o amassar do pão, todas essas coisas hoje em dia são importantes porque uma criança hoje em dia vai à padaria, sabe que ali está o pão, hoje é tudo mais industrial, já não é o tão tradicional de que qualquer pessoa cozia o seu próprio pão... o encher as morcelas, as farinheiras, todas essas coisas... a matança do porco, hoje em dia uma criança nunca vai saber o que é que é a matança do porco, hoje em dia não podemos ter um porco à porta de casa, ou seja, a criança... ou seja, todas essas coisas que neste momento nós já não temos a capacidade de o fazer, pelo menos, contar-lhes que vivemos isto, vivemos aquilo, para que eles possam, no futuro, transmitir aos seus filhos, um pouco de todas essas tradições que é tão nosso, que é tão português e que é importante para a nossa sociedade. (entrevistado 8)*

*Essas práticas são importantes, para as pessoas adquirirem mais conhecimento, desenvolver as competências pessoais, aprenderem a estarem em grupo, que é importante para saber estar na sociedade, para se construírem ou reconstruírem enquanto pessoas. Do meu ponto de vista, pertencer a um grupo folclórico só traz benefícios. Acho que quem disser o contrário é porque não vive ou não viveu o folclore na sua plenitude. (entrevistado 10)*

Houve oportunidade de fazer ainda três questões extra a alguns dos entrevistados. Uma das questões foi se consideravam que o folclore tem um papel importante na construção

identitária das crianças e jovens, ao que os entrevistados responderam que sim, como se pode verificar:

*Sim, acho que sim, acho que, que ajuda muito, até pessoas, até jovens mais, mais tímidos como eu próprio sou... soltam-se mais e podem ganhar mais confiança, com o folclore, além das amizades, que é sempre o que muita gente procura. (entrevistado 2)*

Segundo este exemplo podemos verificar que o grupo de folclore, por si só, dá um certo empoderamento aos seus membros, dotando-os de competências, poderes e liberdades. Como já foi referido anteriormente em outros exemplos, certos eventos permitem que sejam delegadas tarefas e certas responsabilidades aos elementos, ou seja, estamos perante um processo de empoderamento, pois segundo Weber (2011), empoderar é dar poder ou autoridade, tornar a pessoa capaz e consentir.

Questionado se considerava que o folclore tem um papel importante na integração social de crianças e jovens, o entrevistado 3 manifestou-se:

*Sim, tem uma ação mesmo muito importante na formação dos nossos jovens e temos visto isso ao longo dos anos, quando se diz que, por exemplo, que os jovens não têm tempo para estudar... temos imenso orgulho como diretores do grupo, que muitos jovens tiram licenciaturas e sempre integrando o grupo e muitos deles ainda voltam depois de serem licenciados.*

Segundo Pires (2012), como mencionado na revisão da literatura, a integração social é feita de relações entre indivíduos, agrupamentos, atos coletivos e individuais. Posto isto, o facto de uma pessoa, seja criança, jovem, ou até mesmo adulto, ingressar num grupo folclórico, é um processo de integração social, pois o grupo é constituído por pessoas, que socializam entre si, que estabelecem compromissos e relações de diversas naturezas.

Aproveitando que entrevistei um membro de um grupo folclórico de uma comunidade portuguesa no estrangeiro, mais propriamente na Suíça, questionei-o sobre o que ele pensa a respeito do papel de um grupo desses na integração social de crianças e jovens, pois achei que seria importante ficar com uma noção, afinal falamos de um grupo folclórico no estrangeiro que retrata tradições portuguesas. A sua resposta deu para

entender um pouco daquilo que é a experiência de um emigrante que integra um grupo folclórico no estrangeiro e daquilo que se sente ao início e mais tardiamente.

*Bem, desde que aqui estou já acolhi no grupo várias crianças e vários jovens que, entretanto, vieram também para cá com a família. O que penso disso é que o folclore é uma mais valia para eles se integrarem na terra, enfim, no país. Não os ajudamos apenas no que diz respeito ao grupo e ao folclore, mas também em tudo o resto, o que for necessário para uma boa adaptação à nova realidade... é um país diferente, são pessoas que não conhecem, uma língua nova... ajudamos em tudo o que for preciso que pudermos. Pelo que sei de outras comunidades portuguesas em outros países, onde tenho família e amigos, os grupos folclóricos funcionam muito assim, e é uma boa forma de integração, não só para crianças e jovens, mas também para os próprios adultos que vêm já numa idade mais tardia. (entrevistado 9)*

É necessário sublinhar que, o pouco que se falou ao longo desta investigação acerca da emigração, é totalmente necessário, uma vez que se pretendeu, desde o início, perceber os benefícios de fazer parte do folclore numa comunidade portuguesa no estrangeiro, tendo, para isso, entrevistado um emigrante que faz parte do folclore numa comunidade portuguesa na Suíça.

## 8. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados alcançados na investigação concretizada no presente trabalho, pretendem dar resposta aos objetivos traçados e delineados, de acordo com a pergunta de partida inicialmente levantada: *de que forma o Folclore contribui enquanto instância mediadora no processo de integração social de crianças e jovens?*

A discussão de resultados apresentada de seguida vai de encontro aos objetivos definidos na contextualização metodológica da presente investigação e aos contributos teóricos apresentados na contextualização teórica do trabalho.

O primeiro objetivo definido consistiu em *compreender as motivações para a participação de crianças e jovens em grupos folclóricos e o papel destes na sua*

*construção identitária.* Pelo que se pôde apurar na investigação, as pessoas que entram no folclore, por meio de um grupo folclórico, fazem-no por diversos motivos.

A relação com o grupo folclórico é muito sustentada, primeiro, pelo vínculo familiar existente no grupo. A maioria das pessoas entra para o folclore nos primeiros anos de vida, sendo que alguns nascem já no seu seio, devido a terem os seus pais no grupo. Quando não é pelos pais, pode ser porque têm outros familiares próximos, como, primos, tios e avós. Também uma das motivações é terem amigos no grupo, conhecidos que os aliciam a experimentar o contato direto com o folclore. Depois há ainda as pessoas que gostam de representar, seja a cantar, bailar ou a tocar algum instrumento, gostam das tradições culturais da terra e de aprender mais sobre isso, o convívio que lhes é proporcionado, as deslocações que levam a conhecer outros lugares, outras pessoas, a aquisição de conhecimentos e sabedoria e a possibilidade de criar novas relações pessoais e, em alguns casos, profissionais.

Depois temos a parte do papel do grupo de folclore na construção identitária, sendo que é evidente que a identidade de cada indivíduo emerge das relações e interações que o mesmo vai estabelecendo, influenciada pelos lugares onde passa ou vive e, por consequência, intervêm na formação da sua identidade. O conhecimento das tradições culturais dos seus antepassados também é fundamental nesse processo, porque, muitas vezes, estando em contato tão direto com essa realidade, faz com que a pessoa crie uma identidade baseada nessas tradições, por exemplo, ao nível profissional, mas também ao nível pessoal, se vamos usar as competências adquiridas na nossa convivência com a sociedade ou com os seus pares.

Há atividades específicas que também promovem a construção identitária, se prestarmos atenção, nos festivais de folclore anuais que cada grupo costuma organizar. Nesse momento os jovens têm oportunidade de desempenhar um papel diferente do habitual, este com responsabilidades acrescidas, que é ser guia de um grupo, isto é, fica responsável por receber e acompanhar um dos grupos convidados durante todo o evento. Este é um reconhecimento do seu mérito no grupo, mas também uma oportunidade de ganhar mais sentido de responsabilidade, dado tudo aquilo que a função acarreta.

Um dos aspetos que podemos identificar nesse processo de construção de identidade é o empoderamento. O facto de o folclore dotar os seus elementos de competências diversas e responsabilidades, é um processo de empoderamento. Esse empoderamento pode desenrolar-se em várias fases (Fazenda, 2005) e pode ser individual, organizacional, e/ou ao nível da comunidade (Barros, 2013), como foi estudado na revisão da literatura da presente investigação.

Outro aspeto que se destaca é o companheirismo e o convívio que se encontra nos grupos e a oportunidade de conhecer outras pessoas e outras regiões do país ou, até mesmo, do estrangeiro. O respeito que existe pelos mais novos e pelos mais velhos e o espírito de entreajuda, são particularidades que também estão muito presentes e fazem com que se consiga conviver com todas as faixas etárias. As atuações contribuem para a desinibição daqueles que eram mais inibidos, o que também torna os jovens mais responsáveis e ativos. Pelo que se pode constatar, também a participação num grupo de folclore ajuda a melhorar as relações com o outro, sendo que é no convívio que se conhece o outro e se fortalecem relações de amizade ou até mesmo laços familiares.

O folclore confere, então, às crianças e jovens, várias capacidades, para a sua construção identitária e desenvolvimento pessoal, o que constitui claramente um grande aspeto impulsionador à integração social. Tal remete-nos para o segundo objetivo traçado, *compreender de que modo o folclore influencia as crianças e jovens na sua vida pessoal*.

De acordo com a perspetiva de Augusto (2006) em relação à visão do conceito de juventude, é nesse patamar que se retira o que se adquire do presente para as realizações do futuro. Tal contribui para a construção da imagem relacionada com o emprego, a família, a educação, e os comportamentos sociais.

Já vimos anteriormente que o folclore dá competências, aos que dele fazem parte, que serão muito úteis para a construção identitária e o desenvolvimento pessoal, bem como para melhorar a forma de se relacionarem com outras pessoas, dentro e fora dos grupos que integram.

A influência do folclore na vida pessoal das crianças e dos jovens, acaba por ser bastante elevada, dada a sua participação em ensaios e eventos do grupo, pois, como pôde ser observado, as pessoas dedicam muito tempo da sua vida ao folclore, e se se

tratar de crianças e jovens, para além da escola, será no grupo de folclore onde passam mais tempo da sua vida, aprendendo as tradições, representando-as e participando nos eventos.

Isto porque, como se tem vindo a observar, os laços familiares contribuem para a forte participação que se verifica nos eventos, sendo que é neles que existem os momentos de convívio entre família e amigos.

Se os progenitores integram o grupo, a criança, praticamente é obrigada a estar no grupo e a participar nas atividades e nos eventos, mas, como se apurou na observação participante e nas entrevistas, os componentes já adultos que integram o grupo desde crianças, demonstram uma grande disponibilidade e vontade de colaborar nas atividades, pois existe um grande sentimento de pertença ao grupo e ao folclore. Há alguns casos em que a vida profissional e/ ou a pessoal, não permitem tanta entrega, mas o sentimento de união ao grupo permanece.

Concluindo este objetivo, as crianças e os jovens no folclore, acabam por se relacionar fora do grupo da mesma forma que se relacionam dentro do grupo, com outras pessoas, pois encontram-se em processo de construção do seu eu e a criar laços e relações, fortalecendo outros já existentes. Todavia, é claro que durante o crescimento e tendo em conta vários fatores externos, a pessoa adapta-se às circunstâncias e muda a sua forma de ser, estar e pensar, em relação a vários aspetos, seja da sua vida pessoal, profissional, ou até mesmo da sociedade.

Outro dos objetivos deste estudo passou por *conhecer as práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas*, sendo que, como pudemos observar, elas são várias, sendo que as mais valorizadas são as atuações no geral e as atividades de convívio que o grupo proporciona. Alguns grupos têm práticas específicas para integrar os novos elementos, tendo em conta se são crianças e jovens, ou se são já adultos, pois há certas brincadeiras de iniciação, ou uma espécie de praxe<sup>5</sup>, digamos assim, que não servem a qualquer faixa etária e também há que tentar conhecer um pouco a pessoa, primeiramente, para perceber quais as melhores práticas de iniciação a realizar.

---

<sup>5</sup> Praxe: Uso estabelecido; prática habitual. Sistema ou conjunto de formalidades ou normas de conduta. Conjunto de regras, costumes e práticas que governam as relações académicas entre alunos de uma instituição de ensino superior, baseado numa relação hierárquica (ex.: *praxe universitária*).

Depois, há que ensinar as tradições aos novos elementos, contar-lhes histórias antigas, realizar os ensaios, onde eles aprendem a bailar as modas, a cantá-las ou a tocar um dos instrumentos do grupo, transmitindo-lhes, conseqüentemente, o reportório musical.

Existe ainda a parte da indumentária, pois há toda um preceito que se estabelece ao nível do trajar de antigamente e os grupos não podem fugir a isso, pois, como refere Cohen (1985), existe uma propensão natural para se buscar a valorização e a autenticidade de uma determinada região nas raízes de um passado cultural específico. A preservação desses valores regionais e tradicionais no presente implica uma produção de signos de uma ruralidade firmemente conotada com um passado remoto que, na verdade, em pouco ou nada se adequam à atual realidade quotidiana. No entanto, é essa cultura popular e regional que corresponde àquilo que é considerado como tradicional e autêntico em contraposição à cultura cosmopolita e global que equivale ao modernismo e à exterioridade. Isto para dizer que a formação ao nível do trajar é uma forma de integrar as crianças e os jovens, dado que lhes confere mais conhecimentos, pois assim ficam a perceber o porquê de envergarem determinado traje e o que é que ele representava concretamente na altura em que era usado diariamente pelos antepassados.

Também as tarefas que são delegadas nos jovens, como ser guia de um grupo participante no festival de folclore organizado pelo seu grupo, acabam por integrá-los e envolvê-los ainda mais nas atividades, porque os jovens sentem que são importantes ao verem, em si, delegadas certas responsabilidades em que eles terão de ser muito ativos, empenhados e dedicados.

Todas estas práticas, direcionadas para a integração das crianças e dos jovens num grupo folclórico, levam-nos ao último objetivo específico desta investigação que consistiu em *identificar práticas de mediação do folclore com as famílias e as crianças*.

Para além de todas as atividades e práticas que já foram mencionadas anteriormente, existe um pormenor muito importante que é o facto de permitirem a participação de quaisquer faixas etárias, pois no grupo todos convivem com todos, sejam da sua idade, mais novos, ou mais velhos. Há aqui um sentido de oportunidade que, à partida, pode até ser visto como uma obrigação, mas, de facto, não o é. A verdade é que, o folclore, como disse o Dr. Ludgero Mendes num Congresso de Folclore e Etnografia, “*permite que os mais novos interajam com os mais velhos e vice-versa, fazendo com que todos se*

*sintam próximos de todos em igual medida*”<sup>6</sup>, quer isto dizer que o folclore ajuda as pessoas a relacionarem-se com pessoas das diferentes faixas etárias, pois privilegia a participação de todos e promove o convívio entre todos.

Sendo assim, todas as atividades e práticas, promovidas pelos grupos, são práticas mediadoras, na medida em que permitem às crianças e aos jovens aprender o máximo sobre folclore, sobre as tradições, as representações, permite que eles se expressem livremente, sejam proativos e dinâmicos, que acarretem responsabilidades, e cumpram tarefas em si delegadas, para com isso se desenvolverem a nível pessoal, desenvolverem novas competências, bem como, reforçar relações existentes e criar, também, novas relações.

Também todas essas práticas são uma ponte, ou um meio, para combater o isolamento e a monotonia de certas pessoas que são ou eram mais fechadas, mais isoladas, e que não tinham qualquer tipo de atividade.

É importante, ainda, reforçar que as razões mais fortes para uma pessoa continuar ligada ao folclore são, o facto de ser uma tradição dos seus antepassados ou da região onde nasceram e vivem ou viveram e de se identificarem com ela, os laços familiares dentro do grupo, as relações de amizade que se estabelecem, o gosto pela representação e a permissão de adquirir mais conhecimentos, sejam lúdicos, geográficos e até mesmo pessoais.

Podemos assim partir para uma conclusão em relação ao objetivo geral desta investigação que é *perceber como o Folclore pode ajudar na integração social de crianças e jovens*.

Assim, pela análise efetuada, julgamos que se pode afirmar que o Folclore é mediador entre as crianças e jovens e ajuda na sua integração social através de todas as atividades e práticas promovidas pelos grupos folclóricos, podemos dizer que o Folclore é uma segunda escola, pois se é na escola que as crianças e jovens adquirem conhecimentos, se desenvolvem e constroem para o futuro e criam laços que poderão perdurar para toda a vida, no Folclore não é dissemelhante, com a diferença que aqui eles não são sujeitos a

---

<sup>6</sup> Esta citação não tem fonte bibliográfica, foi proferida pelo Dr. Ludgero Mendes e registada por mim num Congresso de Folclore e Etnografia.

uma avaliação individual, mas sim grupal. Falando mais concretamente em grupos folclóricos filiados ou membros efetivos da FFP, que ficam sujeitos a avaliações pontuais, que ditam a continuidade na filiação, ou que permitem que os grupos sócios aderentes passem a efetivos, mediante o trabalho que têm desenvolvido e se estão a respeitar ao máximo e com a maior fidelidade às tradições culturais que estão a representar.

É, também, importante abordar este assunto dado que todos os componentes dos grupos, do mais novo ao mais velho, têm uma missão deveras importante a cumprir: dar o seu máximo pela reputação e pelo reconhecimento do grupo.

Por outro lado, a FFP tem a principal função de “desenvolver uma ação de saneamento dos grupos folclóricos, de acordo com solicitação da direção da federação, com vista a conseguir a pureza que a federação pretende que seja atingida por todos os grupos nela federados.” (Estatutos da FFP, 1978)

## CONCLUSÃO

A presente investigação teve como objetivo o estudo e análise do contributo do Folclore na integração social de crianças e jovens, concentrando-se, para o efeito, em componentes de grupos folclóricos de Portugal, da Região Autónoma da Madeira e de uma comunidade de emigrantes portugueses na Suíça. Deste modo, tornou-se necessária uma abordagem à questão da pertença a um grupo de folclore como um fator de integração social de crianças e jovens.

O Folclore representa as tradições culturais dos antepassados de cada região, vivências de há mais de cem anos atrás, constatando-se que, apesar de estar bem implementado, não só no país, mas também um pouco por todo o mundo, existe ainda muita falta de conhecimento no que diz respeito ao Folclore e ao que ele pode fazer à vida das pessoas que dele fazem parte, nomeadamente os benefícios que advêm da pertença a um grupo folclórico.

Temos a perceção que são abordados neste estudo conceitos que estabelecem uma ligação a outros tempos passados e a realidades diferentes que reavivam práticas culturais dos antepassados. Porém, essas práticas continuam a ser reinventadas por coletivos de indivíduos que preservam um sentimento de pertença a uma cultura de referência, baseada nas tradições culturais da região dos seus antepassados e que pode ser também a sua região de origem e onde se mantêm. Posto isto, procuram avivar essas tradições através da sua representação, “algo que reenvia (diretamente) para a importância da memória coletiva e do papel das associações na preservação – (reconstrução) e celebração desta.”, como refere Pereira (2002, p.112).

Os grupos podem ter um papel diferenciador neste procedimento de difusão e transmissão, do que são ou do que foram as tradições culturais e ajudar a compreender que os tempos de hoje são diferentes do que eram no período retratado. Os comportamentos e as vivências da sociedade atual não podem ser uma cópia dos padrões de vida dos antepassados, o que não impede a continuação de manter viva a memória de usos e costumes do passado e trazê-los para o presente.

A combinação dos dados empíricos com a revisão da literatura, forneceu elementos que apontam o conceito de família como uma componente da criação dos grupos folclóricos,

desde os seus primórdios, baseando-se numa prática familiar, pois, em muitos casos, pode-se mesmo dizer que o grupo folclórico é uma extensão da família. O facto de os elementos terem ingressado no folclore durante a infância poderá ter sido uma escolha da família, mas a razão de continuarem constitui uma escolha pessoal que terá de ser feita mais perto da idade adulta ou a partir daí.

Apesar dos laços familiares, que permanecem em vários grupos, existem muitos jovens que não sentem a integração no rancho como uma tradição de família, pois fazem-no por opção ou pelo gosto que foram obtendo ao longo do tempo. Nesse sentido, os jovens foram encontrando traços identitários que lhes permitiram reunir-se de forma afetiva e emocional ao grupo, tendo como referência a região de origem dos seus antepassados e que opera como um vínculo de pertença, de fraternidade, de convívio e de proteção.

Assim, concluiu-se que os motivos que estão na origem da participação dos jovens no rancho folclórico remontam, em grande escala, ao convívio e às amizades que estabelecem nas atividades do grupo, por encontrarem pontos em comum e por ser uma tradição da região dos seus antepassados e/ou da sua região, que os remete para memórias que guardam desde crianças. Lembranças da povoação e das vivências de infância e o contato com a natureza e a simplicidade de uma zona que lhes traz recordações de práticas e tradições relatadas pelos seus antepassados.

O convívio e as amizades estabelecidas, que lhes confere um sentimento de família que encontram e reconhecem no grupo, sustentam e completam o sentimento de pertença e identidade ao grupo e à região. Aqueles que, a certa altura, se desvincularam do folclore, ou que pensam vir a fazê-lo, têm como fundamento as dificuldades de conciliação com estudos, vida profissional, ou até mesmo incompatibilidades com a vida pessoal, sendo que essas situações raramente acontecem.

Em relação à ocupação de tempos livres, verificam-se algumas disparidades. Quase todos os participantes mantêm outras atividades durante os tempos livres e estão inseridos em contextos e grupos sociais distintos, por conseguinte, convivem e relacionam-se com vários contextos, apropriações identitárias e pertenças diferentes. Podemos dizer que as suas identidades se ajustam, tendo em conta os contextos ou grupos em que estão inseridos.

Por outro lado, para outros participantes, pela ausência de oportunidades para participarem noutras atividades de tempos livres, o rancho desempenha dois papéis, o de representar a cultura local e o de ser uma alternativa à ocupação de tempos livres, que lhes permite quebrar o isolamento e a monotonia vivenciados nas regiões do interior e, por sua vez, com menos oportunidades para adquirir outros traços identitários e pertenças distintas.

A partir deste estudo de caso, concluímos que os grupos folclóricos desempenham funções diferentes, mas adicionais, na vida das crianças e dos jovens, ou seja, permitem a possibilidade de vastas identificações sendo o grupo folclórico uma base no procedimento de construção identitária e de desenvolvimento pessoal. Por outro lado, o grupo confere uma possibilidade de abertura, cooperando para o contacto e integração de outras realidades e práticas culturais.

Dado que o folclore é, então, um mediador que ajuda na integração social de crianças e jovens, podemos dizer que é um interventor social. Posto isto, é necessário expor que a intervenção social deve ser compreendida como a escolha de atuar, ou seja, de integrar uma ação de forma voluntária, com o propósito “de a determinar, de a infletir, de se tornar mediador e de interpor a sua autoridade” (Robertis, 2011, p.137).

Assim sendo, há que realçar que o objetivo desta intervenção se concentra na capacitação de cada indivíduo para a aplicação da sua resistência própria. O sujeito deve gerar e compor uma rede de relações ou conexões, baseada no respeito mútuo, com vista à transformação individual e social (Reis, 2012).

O presente estudo alcançou resultados que foram bastante ricos e possibilitaram uma aproximação à realidade das crianças e dos jovens que participam em grupos folclóricos, assim como ao trabalho desenvolvido pelos grupos de folclore em prol da sua integração social.

De acordo com os alicerces revelados e os resultados atingidos, torna-se claro que o papel desenvolvido pelos grupos folclóricos com as crianças e jovens, consiste, embora de forma não propriamente pretendida, num processo de intervenção social, centrado na mediação entre as crianças e os jovens e a sociedade, no âmbito do qual se promovem, circunstancialmente e despropositadamente, ações de capacitação, na forma de

atividades do grupo, permitindo a criação de uma ponte entre as partes, com a intenção de facilitar o processo de integração social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aires, L. (2015) *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Porto: Universidade Aberta.

Almeida, H. N. (2001). *Conceptions et Pratiques de la Médiation Social. Les modèles de médiation dans le quotidien professionnel des assistants sociaux*. Coimbra: Fundação Bissaya-Barreto e Coimbra Editora, Lda.

Almeida, R. (1957) *Inteligência do Folclore*. Livros de Portugal.

Alves, V. (2003) *O SNI e os Ranchos Folclóricos*. In Castelo-Branco, S. & Branco, J (ED.) *Vozes do Povo, A Folclorização em Portugal* (pp.191-205) Celta Editora.

Arendt, H. (1987) *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

Áries, P. (1981) *História social da criança e da família*. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC.

Augusto, N. (2006), *Novos actores sobre velhos palcos: Juventude, Política e Ideologias no Portugal Democrático*, Covilhã, Universidade da Beira Interior (Tese de Doutoramento).

Azevedo, J. (1992). *Perspetivas psicossociais no estudo da identidade*. Sociologia, 111-119. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/238.pdf>, consultado a 05 de outubro de 2021.

Barreto, A. (1995) *Portugal na periferia do centro: mudança social, 1960 a 1995, Análise Social*, vol. XXX (134): <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223388784X1kPT5fa3Yr88TD2.pdf>, consultado a 05 de outubro de 2021.

Barros, P. (2013). *A prática do empoderamento no rendimento social de inserção*. Tese de Doutoramento não editada. Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa: Braga.

Benjamin, R. – [www.arteducacao.pro.br/Cultura/Folclore.htm](http://www.arteducacao.pro.br/Cultura/Folclore.htm), consultado a 20 de dezembro de 2021.

Boavida, J. & Amado, J. (2006). *A especificidade epistemológica das ciências humanas*. In Boavida, J. e Amado, J. (2006), *Epistemologia, Identidades e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 73-128.

Bogdan, Robert; Biklen, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994. cap. 1 e 2, p. 48-52.

Bourdieu, P. (1989). *O Poder Simbólico*. (F. Tomaz, Trad.) Lisboa: Difel.

Branco, J. H. (2021) *Da integração de saberes... para a integração social...* in Ferreira, N. M. & Nunes, C. (2021) (Eds.) *Diversidades, educação e inclusão*. (pp. 313-331) Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa: <https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.107>, consultado a 02 de fevereiro de 2023.

Câmara, J. M. B. (1994) “*Francisco de Lacerda: Um Olhar sobre a Madeira*” in F. Lacerda. *Folclore da Madeira e Porto Santo. Introdução e fixação do texto por J. M. Bettencourt da Câmara*, 5-20. Lisboa: Edições Colibri.

Capitão, C. et Heloani, R. (2007) *Identidade como grupo, o grupo como identidade*. Aletheia, n. 26.

Capul, M., e Lemay, M. (2003). *Da educação à intervenção social*, vols. I e II. Porto: Porto Editora.

Caria, T. (2003), *A construção etnográfica do conhecimento em Ciências Sociais: reflexividade e fronteiras*, in: Telmo Caria, *Experiência Etnográfica em Ciências Sociais*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, pp. 9-20.

Cardoso, A. (2014). *Conflitos e dilemas éticos no trabalho social: uma análise do trabalho dos técnicos de infância e juventude da segurança social*. Dissertação de Mestrado não editada. Universidade Católica Portuguesa: Porto.

Castelo-Branco, S. EL-Shawan et Branco, J. F. (2003), *Vozes do Povo – A Folclorização em Portugal*. Lisboa: Etnográfica Press.

Castelo-Branco, Salwa El-Shawan, José S. Neves & M.<sup>a</sup> João Lima (2001) “*Representações da Memória: Primeiros Resultados do Inquérito aos Grupos de*

*Música Tradicional em Portugal*” OBS Publicação Periódica do Observatório das Atividades Culturais, 10: 11-22.

Cohen, A. (1985) *The Symbolic Construction of Community*. Londres: Horwood & Tavistock.

Costa, A. (2004) - *Será a sociologia profissionalizável?* in Carlos Manuel Gonçalves, Eduardo Rodrigues e Natália Azevedo (coords.). *Sociologia no Ensino Superior: Conteúdos, Práticas Pedagógicas e Investigação*. Porto: Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Coutinho, M. C. (2011) *Métodos de investigação em Ciências Sociais*. Coimbra. Almedina.

Crespo, A. (2013). *Deficiência Mental Moderada e Empowerment: Um estudo de caso na CERCIGuarda*. Dissertação de Mestrado não editada. Universidade da Beira Interior: Covilhã.

Damasceno, J. (2010) *Museus para o povo português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0195-3>, consultado em 01 de março de 2022.

Delicado, A. (2002), «*Associativismo, Voluntariado e Cidadania: os jovens em Portugal e na Europa*», comunicação apresentada no *Colóquio Internacional. Movimento estudantil: dilemas e perspectivas*, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Dolnicar, S. e Randle, M. (2007), «*What Motivates Which Volunteers? Psychographic Heterogeneity Among Volunteers in Australia*», in: *International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, pp. 1-17.

Faria, S. & Vieira, R. (2016). *Epistemologia e Metodologia em Mediação e Ciências Sociais*. In R. Vieira, J., Marques P., Silva, A., Vieira & C. Margarido (Orgs.). *Espaços e Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 105-124.

Fazenda, I. (2005), *Empowerment e participação, uma estratégia de mudança*, Centro Português de Investigação e História e Trabalho Social, <http://www.cpihts.com/PDF/EMPOWERMENT.pdf>, consultado em 03 de maio de 2022.

Feixa, C. (1988). *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Ariel.

Freire, A. (2003), «*Pós-materialismo e comportamentos políticos: o caso português em perspectiva comparativa*», in: Vala, Cabral e Ramos (eds), *Valores Sociais: Mudanças e Contrastes em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS, pp. 295-361.

Freire, M. (2009). *Agentes de Socialização no Desporto Adaptado: o caso Português do basquetebol em cadeira de rodas*. Monografia de Licenciatura em Sociologia do Desporto não editada. Universidade de Coimbra: Coimbra.

Galland, O. (2001), *Sociologie de la jeunesse*, Paris, Armand Colin.

Garcia, A. et Haas, A. (2003) *Ritmo e Dança*. Canoas: Ulbra.

Ghiglione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito*. Oeiras: Celta Editora.

Giddens, (2005). *Mundo em descontrolo*. Rio de Janeiro: Record.

Guerra, I. C. (2006). *As diferentes funções e formas de utilização*. In Guerra, I. C. *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e formas de uso*. Cascais: Principia, pp. 35-60.

Handler, R. (1993). *Fieldwork in Quebec, scholarly reviews, and anthropological dialogues*. (C. B. Bretell, Ed.) *When They Read What We Write: The Politics of Ethnography*", 67-74.

Horochovski, R. e Meirelles, G. (2007) - *Problematizando o conceito de empoderamento*. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, p. 2. Florianópolis: ANAIS, 2007. Disponível em: [www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo\\_horochovski\\_meirelles.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf), consultado em 02 de fevereiro de 2023.

Hustinx, L. e Lammertyn, F. (2003), «*Collective and Reflexive Styles of Volunteering: A Sociological Modernization Perspective*», in: *International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, vol. 14, nº 2, pp. 167-187.

Jarez, X. (2002). *A Mediação. Educação e Conflito: guia de educação para a convivência*, Lisboa: Asa Editores, 149-173.

Lansdown, G. (1994). *Children's rights*. In: MAYALL, Berry (Ed.). *Children's childhoods: observed & experienced*. London: The Falmer Press.

Lopes, A. et al. (2001). *VI Congresso de Folclore do Ribatejo 1999 – I Congresso Celestino Graça*. Edição: Região de Turismo do Ribatejo.

Lopes, A. et al. (2004). *VII Congresso de Folclore do Ribatejo 2003 – II Congresso Celestino Graça*. Edição: Região de Turismo do Ribatejo.

Lopes, M. (2011). *Metodologias de investigação em animação sociocultural*. Chaves: Intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.

Mazzotti, A.J.A (2006). *Usos e abusos dos estudos de caso*, in *Cadernos de Pesquisa*, vol. 36, nº 129, pp. 637-651.

Meirinhos, M. e Osório, A. (2010). *O estudo de caso como estratégia de investigação em Educação*. EDUSER: revista de educação, Vol. 2, pp. 49-65.

Melo, D. (1997). *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa /tese de mestrado / [2001, *Salazarismo e Cultura Popular, 1933-1958*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais].

Melo, D. (1999) “*O associativismo popular na resistência cultural ao salazarismo: a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio*” *Penélope Fazer e Desfazer História*, 21: 95-130.

Mota, M. J. (1998) *Análise da organização de uma associação local de práticas lúdicas: o aposento do Barrete Verde e das salinas, na freguesia, sede de concelho e centro da vila de Alcochete*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa (Tese de mestrado).

Mourinho, António Maria (1983) “*O Museu Mirandês, ou Museu da Terra de Miranda (Razões da sua existência e do seu futuro)*” *Brigantia*, 3: 23-46.

Mourinho, António Maria (1983a) *Grupo Folclórico Mirandês de Duas Igrejas (Pauliteiros de Miranda)*: Prémio Europeu de Arte Popular. Duas Igrejas: Ed. do Autor.

Oliveira, A; Galego, C; Goudinho, L. (2005). *A mediação sociocultural: Um puzzle em construção*. Observatório da Emigração: Alto-Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas.

Oliveira, A. & Freire, I. (2009). *Sobre... a mediação sócio-cultural*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acidi).

O’neill, J. (1997) Is the child a politic subjetc? *Childhood*, Sage Publications, v. 4, n. 2, May.

Pavía, V., Gerlero, J. et Apendino, J. (1995). *Adolescencia, grupo y tiempo libre*. Buenos Aires: Humanitas.

Pereira, I. (2002). *Identidades em rede: construção identitária e movimento associativo*. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (40), pp. 112.

Pereira, A. (2016). *Prática profissional do Assistente Social no contexto da Incapacidade Intelectual*. Dissertação de Mestrado não editada. Escola Superior de Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria: Leiria.

Perkins, D.D., Zimmerman, M.A. (1995). *Empowerment meets narrative: listening to stories and creating settings*. *American Journal of Community Psychology*. Oct. v. 23. n. 5. p. 569-579.

Pinto, C. (2000). *Empowerment, uma prática de serviço social* (In Barata, Política Social). Lisboa: ISCSP

Pinto, A. C. (2001). *Memória, cognição e educação: Implicações mútuas*. In B. Detry e F. Simas (Eds.), *Educação, cognição e desenvolvimento: Textos de psicologia educacional para a formação de professores* (pp. 17-54). Lisboa: Edinova

Pinto, C. (2009). *Serviço social na modernidade tardia: que empowerment é possível?* Lusíada: Intervenção Social, nº 35, pp. 339-410.

Pinto, C. (2011). *Representações e Práticas do Empowerment nos trabalhadores sociais*. Tese de Doutoramento não editada. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa: Lisboa.

Pires, R. (2012) - *O problema da integração Sociologia*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIV, pág. 55-87.

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1988). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva: Lisboa.

Quivy, R e Campenhoudt, L. (1994) *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.

Robertis, C. (2011). *Metodologia da Intervenção em Trabalho Social*, Porto: Porto Editora.

Reis, I. (2012). *Intervenção social com famílias multiproblemáticas: Diálogos entre a sistémica e a mediação*. Dissertação de Mestrado não editada. Faculdade das Ciências Sociais e Humanas da Universidade Fernando Pessoa: Porto.

Sarmiento, C. (2010) *A cultura popular portuguesa e o discurso do poder: práticas e representações do moliceiro*. e-Cadernos CES. <http://journals.openedition.org/eces/607>, consultado a 03 de outubro de 2022.

Sheldon, L. M. & Bettencourt, B. A. (2002). *Psychological need-satisfaction and subjective well being within social groups*. British Journal of Social Psychology, 41, 25-38.

Silvestre, H. C., & Araújo, J. F. (2012). *Metodologia para a Investigação Social. A recolha de dados: técnicas utilizadas* (pp. 147-155). Lisboa: Escolar Editora.

Torremorell, M. (2008). *Cultura da mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora.

Vasconcelos, J. (2001). *Estéticas e políticas do folclore*. Análise Social, XXXVI, 399-433.

Vidal, J. (2009). *O que é a Etnografia*. - [www.grupoescolar.com/pesquisa/o-que-e-a-etnografia.html](http://www.grupoescolar.com/pesquisa/o-que-e-a-etnografia.html), consultado a 20 de dezembro de 2021.

Vidal, J. et Vidal. R. (2011). *Políticas do Folclore*. - <https://cintraseupovo.blogspot.com/2011/05/politicas-do-folclore.html?m=1>, consultado a 20 de dezembro de 2021.

Vieira, R. (2011). *Educação e Diversidade Cultural: Notas de Antropologia da Educação*, pp. 181, Edições Afrontamento.

Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Profedições: Porto.

Vieira, A. (2014). *Intervenção social: mediações, prevenção e resolução*, in *Página da Educação*, pp. 32-33.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. et Margarido, C. (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Integração Social*. Edições Afrontamento e Autores: Porto.

Weber, P. (2011). *Dinâmicas e Práticas do Trabalhador Social*. Porto Editora: Porto.

#### **Sites consultados:**

Alto Comissariado para as Migrações (2016) - <https://www.acm.gov.pt/pt/acm> | [http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2374/1/Atas\\_RESMI\\_final.pdf](http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2374/1/Atas_RESMI_final.pdf), consultado a 20 de março de 2023.

Estatutos da Federação do Folclore Português - <https://www.ffp.pt/pub/federacao-estatutos/EFFP.pdf>, consultado a 03 de março de 2023.

“O que é Integração Social” - <https://www.universia.net/pt/actualidad/orientacion-academica/o-que-e-integraco-social-1165568.html>, consultado a 20 de dezembro de 2021.

"Praxe", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/praxe>, consultado a 03 de março de 2023.

## APÊNDICES

## APÊNDICE 1

### Guião de entrevista

Esta entrevista surge no âmbito da Dissertação de Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção social, da Escola Superior de Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, que tem como título “A INTEGRAÇÃO SOCIAL DE CRIANÇAS E JOVENS: O FOLCLORE COMO MEDIADOR”.

Este estudo pretende compreender, as motivações para a participação de crianças e jovens em grupos folclóricos e o papel destes na sua construção identitária; compreender de que modo o folclore influencia as crianças e jovens na sua vida pessoal; conhecer as práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas; e identificar práticas de mediação do folclore com as famílias/crianças. De um modo mais geral, conhecer como o Folclore pode ajudar na integração social de crianças e jovens.

Pretendo que responda a estas perguntas, desenvolvendo de acordo com a sua experiência, de forma a ser feita uma análise qualitativa de todas as entrevistas que irão ser realizadas.

Muito obrigada, desde já, pela participação! 😊

### Relação com o folclore

1. *Que idade tinha quando se “envolveu” no folclore?*
2. *Como teve conhecimento do grupo?*
3. *Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do grupo?*
4. *Com que frequência participa em eventos e ensaios? Costuma faltar?*
5. *Fora dos dias de ensaios costuma colaborar com o grupo?*
6. *De que forma o grupo / folclore contribui para o seu enriquecimento pessoal?*

7. *Considera que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico? Se sim, quais?*
8. *Quando vê uma criança ou um jovem a ingressar no seu grupo folclórico, o que costuma fazer em relação a isso? E o grupo em geral?*
9. *Qual a sua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas? O que costumam fazer no vosso grupo para essa integração?*

### **Motivações**

10. *Por que motivo ingressou no grupo / folclore?*
11. *De que atividades gosta mais (atuações, ensaios, eventos, deslocações)?*
12. *Porque se mantém no grupo?*
13. *Já alguma vez pensou deixar o grupo? Se sim, porquê?*
14. *Já esteve inserido em outro grupo?*
15. *Em relação aos restantes elementos do grupo, sente uma maior proximidade com as pessoas da sua idade ou de quase todos?*
16. *Considera o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?*
17. *Tem outra ocupação de tempos livres? Qual?*
18. *Qual a razão mais forte que o faz pertencer ao grupo de folclore? (Pode dizer várias)*
19. *Identifica-se com as tradições culturais da região?*
20. *Que benefícios o folclore já trouxe à sua vida pessoal/profissional? Algum malefício? Qual?*

### **O Folclore como mediador**

21. *O Folclore pode efetivamente ajudar na integração social de crianças e jovens. Concorda com esta afirmação? Se sim, justifique.*
22. *Consegue identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias como com as crianças e jovens, para que se consiga fazer essa integração social?*
23. *Se respondeu sim à questão anterior, enumere algumas dessas atividades.*
24. *Existem algumas práticas/atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos? Se sim, quais?*
25. *Já esteve inserido(a) mais ativamente em algumas?*
26. *Diga qual a importância dessas práticas, do seu ponto de vista pessoal e de acordo com a sua experiência.*

*Obrigada pela participação! 😊*

## APÊNDICE 2

### **Consentimento Informado, Livre e Esclarecido**

O meu nome é Ana Lúcia Pombo Pires e sou aluna de Mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social, do Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

No âmbito do trabalho final da unidade curricular de Dissertação de Mestrado, encontro-me a realizar uma investigação com o objetivo de compreender de que modo o Folclore contribui para a integração social de crianças e jovens.

Contactei pessoas ligadas ao folclore, de Norte a Sul de Portugal e em Comunidades Portuguesas no estrangeiro (emigrantes).

Neste sentido, venho solicitar a sua participação neste estudo, de forma anónima e confidencial.

Para tal, solicito a sua autorização, compreendendo que:

- ✓ A minha participação neste estudo é voluntária;
- ✓ A minha participação implica aceitar a aplicação de entrevistas para recolha de informação;
- ✓ Posso recusar-me a colaborar nesta investigação, ou retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem quaisquer consequências negativas;
- ✓ Toda a informação obtida no presente estudo será confidencial e os dados recolhidos não serão utilizados para outros fins além da investigação em causa.

Assinatura

---

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

## APÊNDICE 3

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 1

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Então, que idade tinhas quando te envolveste no folclore?

Entrevistado: Quer dizer, no outro grupo... devia ter uns 11 anos quando fui para o primeiro grupo de folclore que havia aí, que havia nos Casais.

Entrevistador: Como é que tiveste conhecimento do grupo?

Entrevistado: Era da terra e toda a gente andava... gostava de ir a festas e... e de dançar e ia para o grupo.

Entrevistador: Tens alguma relação de parentesco com outros elementos do grupo atual?

Entrevistado: Sim, muitas.

Entrevistador: Com que frequência participas em eventos e ensaios?

Entrevistado: Sempre!

Entrevistador: Pronto, então não costumas faltar, esta não se aplica. Fora dos dias de ensaios, costumas colaborar com o grupo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: De que forma o grupo ou o folclore contribui para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: Contribui porque além de gostar das tradições e das coisas antigas e gostar de saber como é que era o viver de antigamente, também leva-me a conhecer outras culturas, outras pessoas, outras terras e outros países.

Entrevistador: Certo. E consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico?

Entrevistado: Acho que não.

Entrevistador: Não?... Quando vês uma criança ou um jovem a ingressar no teu grupo folclórico, o que é que costumavas fazer em relação a isso?

Entrevistado: Fico contente, de as crianças e os jovens se interessarem e tento ensiná-los, orientá-los e fazer-lhes ver porque é que eles... o que é um grupo folclórico.

Entrevistador: E o grupo em geral? O que é que o grupo em geral costuma fazer?

Entrevistado: Costuma acolhê-los e tentar integrá-los no grupo. E ensiná-los também.

Entrevistador: Qual é que é a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas? O que é que costumam fazer no grupo para essa integração?

Entrevistado: Costumamos falar com eles, fazer-lhes ver o que é que o grupo é, as regras que o grupo tem... por ser um grupo federado que não pode... certas coisas que há agora, como pinturas, de olhos e de unhas e piercings e anéis e essas coisas que não se pode usar...

Entrevistador: Mas em relação a integração social...

Entrevistado: Tentamos que eles conheçam as pessoas do grupo e se dêem com elas...

Entrevistador: Ok...

Entrevistado: E outras crianças... que conheçam as outras crianças e que brinquem com as crianças...

Entrevistador: Ok... então, porque motivo é que ingressaste no folclore?

Entrevistado: Primeiro porque gostava de dançar, depois mais tarde comecei a compreender o que é que era realmente o folclore e comecei a fazer recolhas... do que era o povo em 1900, o que é que trajavam, o que é que dançavam, como era o viver e comecei-me a interessar por isso e gostava de falar com as pessoas mais velhas para elas me ensinarem essas coisas.

Entrevistador: De que atividades é que gostas mais? No grupo...

Entrevistado: De recolher, dos trajes, de mandar fazer os trajes, de... ai... de recolher os trajes e de ver como é que eles eram e mandá-los fazer e estudar...

Entrevistador: Porque é que te manténs no grupo?

Entrevistado: Porque gosto do grupo e já estou há muitos anos e pronto é como uma família... para mim. E é também uma maneira de nós se divertirmos e de... pronto, de conhecermos outras pessoas e também de não deixar... não deixar uma coisa acabar que era a nossa terra e as vivências.

Entrevistador: Certo. Já alguma vez pensaste deixar o grupo? Se sim, porquê?

Entrevistado: Sim, porque às vezes a saúde não permite e é muito trabalho, porque além das atuações, é cansativo o trabalho dos eventos que nós fazemos e às vezes a saúde já... os anos passam e já não é como era antigamente.

Entrevistador: Ok. Já estiveste inserida em outro grupo?

Entrevistado: Primeiro fui para outro grupo, depois começou este já com outra... o outro grupo era mais um grupo recreativo, não tinha tradições... depois pensei, quando vi o que era realmente um grupo folclórico, começámos a fazer recolhas e formámos outro grupo que é este e... e pronto.

Entrevistador: Ok. Em relação aos restantes elementos do grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou quase todos?

Entrevistado: Mais da minha idade, mas todos praticamente.

Entrevistador: Consideras o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Algo mais sério.

Entrevistador: Tens outra ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao grupo de folclore? Podes dizer várias.

Entrevistado: Primeiro porque é as vivências do antigamente na nossa terra, para não as deixar acabar... estar sempre a recolher e a fazer recolhas e aprender. E depois também é os tempos livres e... e para ter alguma atividade.

Entrevistador: Identificas-te então com as tradições culturais da região?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Que benefícios o folclore já trouxe à tua vida pessoal e profissional?

Entrevistado: Pessoal, conhecimentos, conhecer certos países e até o país em si, que se calhar se não fosse o grupo não conhecia. E aprender muitas coisas que... que não sabia... a nível de... de agora e até de antigamente, de como era a vida das pessoas, que não sabia bem... pronto o nosso passado...

Entrevistador: Algum malefício?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Então agora vou fazer algumas perguntas em relação ao folclore como mediador. Achas que o folclore pode, efetivamente, ajudar na integração social de crianças e jovens?

Entrevistado: Sim, acho.

Entrevistador: Então justifica...

Entrevistado: As crianças têm... interagem umas com as outras e com os jovens e... e pronto aprendem, acho que aprendem a brincar e a ser até... a desviarem-se de certas coisas menos boas e até... e a ir... em vez de estarem a ver jogos de telemóveis e computadores e isso, é uma maneira até de terem atividades físicas, porque o folclore também proporciona isso e interagem uns com os outros. Principalmente as crianças que aprendem as brincadeiras do antigamente. E os jogos.

Entrevistador: Ok... Consegues identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias como com as crianças e jovens para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: Talvez os ensaios, sei lá... ensaios, eventos, que se fazem, as atuações, conhecem outras crianças muitas vezes... e jovens... às vezes até os jovens arranjam... começam a namorar, conhecem outros de outros grupos e fazem amizades... para toda a vida e agora com as novas tecnologias do facebook e isso, estão sempre a falar com, com pessoas de outros lados que já conheceram no folclore e nunca perderam o contacto com elas.

Entrevistador: Ok. Existem algumas práticas ou atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos? Se sim, quais?

Entrevistado: Sim porque eles vão ao ensaio e dançam com os mais velhos e brincam e conversam e nos eventos que há, há coisas que... das crianças com os mais velhos, aprendem a dar-se e a conversar e a perguntar e assim às vezes vão também... já têm ido crianças e jovens fazer recolhas, falar com os mais velhos e aprender o que, o que é que, como é que é quando se faz as recolhas. Aprender o que é que os mais velhos têm para dizer, com cantigas e danças e trajes e maneira de ser das pessoas de há 100 anos atrás.

Entrevistador: Ok. Já estiveste inserida mais ativamente em algumas dessas atividades?

Entrevistado: Sim. Em todas.

Entrevistador: Ok... Então e por fim, qual a importância dessas práticas do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência?

Entrevistado: A importância acho que... primeiro é nós conhecermos as nossas raízes e ensiná-lo aos mais novos, para que nunca se perca e que fique registado e os mais novos também consigam um dia ensinar aos outros que há-de vir mais novos e não deixar as coisas acabar, as vivências da terra e... pronto, a nível de tudo. O folclore não é só cantar e dançar, é...é recolher tudo desde como era as vivências de antigamente, de como as pessoas viviam, como as pessoas se divertiam, como as pessoas se vestiam... e isso é... ensinar aos mais novos que não sabem. Muitos não sabem o que é certos animais, como é que eram tratados, ou são, como é que as coisas nos campos eram semeadas e o que é que faziam e os mais novos aprendem com o grupo porque até nós quando temos de fazer retratos etnográficos sobre trabalhos agrícolas, eles têm de fazer e têm de saber para que é que era uma foice, para que é que era um ancinho, para que é

que era uma enxada, e aprendem essas coisas que agora, que já não... pronto maior parte deles já não lidam com isso.

Entrevistador: Sim, mas quando falo na importância dessas práticas, quero mais dizer... que importância é que essas práticas têm depois na vida dessas crianças e desses jovens...

Entrevistado: Muitos, depois de estudarem, e aprenderem o que aprendem, podem até gostar de ir para uma profissão dessas que até estão em vias de extinção e podem gostar e... pronto e tirarem um curso especializado nessas coisas e... e com o folclore até aprender... dar-lhe um ensino, um incentivo para eles, pronto, serem... irem para uma atividade dessas que...que agora nem se vê muitos os jovens, nem vão muito para isso... e interessarem-se por essas coisas... por certas profissões que já nem há e coisas assim de... sei lá...

Entrevistador: Pronto isso é de um ponto de vista mais profissional. E de um ponto de vista mais pessoal? O que é que isso pode acrescentar à vida pessoal das crianças e dos jovens que se envolvem no folclore?

Entrevistado: Eu acho que as crianças até podem...

Entrevistador: Num modo de relação umas com as outras, com a sociedade...

Entrevistado: Relacionarem-se melhor umas com as outras e com a sociedade e não... pronto, como se relacionam e conhecem... não irem mais... serem mais pacíficos e não serem tão violentos, como está a acontecer agora, vê-se tudo as pessoas por tudo e por nada partem logo para a violência e eu acho que isso também é uma maneira de as pessoas, como vão lidar com muita gente, porque saem para aqui e para além, para os festivais e isso onde há muita gente e convivem com outros grupos, tanto nas refeições como depois nas atuações... e acho que as pessoas, é uma maneira de conhecerem e serem mais pacientes com os mais novos com os mais velhos e relacionarem-se, terem melhor relacionamento uns com os outros.

Entrevistador: Queres acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistado: Acho que já disse tudo. Acho que o folclore é uma mais-valia para os jovens e crianças, porque mantém-nos ocupados e fora estarem sempre... andarem por

maus caminhos e... e terem... conviverem uns com os outros, terem alguma atividade física e... e é uma maneira de aprenderem o nosso passado, a nossa cultura popular e interessarem-se e não deixarem acabar uma coisa que é o nosso passado e quem não conhece o passado também não conhece o presente nem o futuro.

Entrevistador: Consideras então que o folclore tem um papel importante na construção identitária das crianças e jovens?

Entrevistado: Considero, acho que sim.

Entrevistador: Ok. Pronto chegámos ao fim! Obrigada!

## APÊNDICE 4

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 2

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Que idade tinhas quando te envolveste no Folclore?

Entrevistado: Desde que me lembro que ando no rancho; os meus pais como fundadores e pessoas que estão à frente do grupo... ah... começaram logo a levar-me, desde que nasci, praticamente, nas atuações. Portanto, desde que me lembro que estou nesse mundo.

Entrevistador: Pronto então escusado será perguntar como é que tiveste conhecimento do grupo. Foi através dos pais.

Entrevistado: Sim, exato.

Entrevistador: A pergunta número 3 também é se tens alguma relação de parentesco com outros elementos, além dos pais.

Entrevistado: A minha irmã, anteriormente os meus avós. E pronto foi toda uma família sempre ligada ao folclore.

Entrevistador: Com que frequência participas em eventos e em ensaios? Costumas faltar?

Entrevistado: Neste momento falto um bocado mais, há uns anos estava sempre presente em tudo. Neste momento por motivos pessoais e profissionais, o tempo é um bocado menor, então não sou tão assíduo.

Entrevistador: Fora dos dias de ensaios, costumavas colaborar com o grupo?

Entrevistado: Ahh... neste momento não.

Entrevistador: De que forma o grupo ou o folclore contribui para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: De várias formas, é um hobby... ahh... permite-me distrair-me de outras coisas, dos estudos e da vida profissional... ahh... além da prática da atividade física que é sempre bom.

Entrevistador: Consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico?

Entrevistado: Hmm, não, acho que não.

Entrevistador: Quando vês uma criança ou um jovem a ingressar no teu grupo folclórico, o que é que costumam fazer em relação a isso?

Entrevistado: Nós sempre recebemos bem as pessoas novas, sempre tivemos brincadeiras com elas, até às vezes uma como forma de praxe. Mas sempre nos demos muito bem, sempre tivemos brincadeiras... ahh... no caso de serem miúdos rapazes, sempre jogaram futebol connosco.

Entrevistador: Então e qual é a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas? O que é que costumam fazer no vosso grupo para essa integração?

Entrevistado: É o que eu disse anteriormente. Costumamos começar logo a falar com as crianças, costumamos integrá-las nas nossas brincadeiras, brincar com elas... às vezes faço praxá-las de uma forma divertida, claro. E pronto, é por aí.

Entrevistador: Agora em relação a motivações. A pergunta é por que motivo ingressou no grupo, mas dado que ingressou através dos pais, acho que não... não haverá aqui muito mais a acrescentar. De que atividades é que gostas mais?

Entrevistado: Ligadas ao grupo?

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Gosto das festas, gosto de... gosto obviamente de dançar, mas gosto da parte do convívio... de... de sair, das atuações, de... das festas, de estar a divertir-me com amigos, porque tenho vários amigos dentro do grupo.

Entrevistador: Porque é que ainda te manténs no grupo?

Entrevistado: Neste momento um pouco por motivos familiares e também para ajudar o grupo enquanto posso. Anteriormente mais mesmo por amor ao grupo e por gostar de folclore. Neste momento é um bocado mais complicado.

Entrevistador: Já alguma vez pensaste em deixar o grupo?

Entrevistado: Sim, já. Porque, pronto, às vezes a vida toma um rumo onde é mais difícil conciliar certas coisas e temos de escolher o que é que gostamos mais e qual é a nossa preferência.

Entrevistador: Já estiveste inserido em outro grupo folclórico?

Entrevistado: Não, isso não.

Entrevistador: Em relação aos restantes elementos do grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou de quase todos?

Entrevistado: Agora é mais ou menos igual porque, deixaram várias pessoas da minha idade, que também neste momento não têm tempo, mas há 1 / 2 anos atrás era mais com as pessoas da minha idade, tinha lá vários amigos, pessoas com quem saio regularmente.

Entrevistador: Consideras o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Sempre foi algo mais sério. Agora claro que mais nos tempos livres, mas sempre foi algo mais sério, não era só por andar no grupo.

Entrevistador: Tens outra ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Sim, tenho várias. Ligadas ao desporto.

Entrevistador: Por exemplo?

Entrevistado: Futebol, ginásio... pronto, vários tipos de desportos.

Entrevistador: Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao grupo de folclore? Podes dizer várias.

Entrevistado: É gostar do folclore, gostar de dançar, gostar de estar em cima do palco, gostar de representar o antigamente e os motivos familiares também pesam.

Entrevistador: Identificas-te com as tradições culturais da região?

Entrevistado: Sim, sim, sim. Acho importante mantermos essas tradições e representarmos e mostrarmos às pessoas o que é que elas eram e em que é que consistiam.

Entrevistador: Que benefícios o folclore já trouxe à tua vida pessoal e profissional?

Entrevistado: A nível pessoal vários, várias amizades, várias pessoas que levo para a vida...

A nível profissional, penso que também possa ajudar-me a desenvolver mais na minha área, por exemplo, estar habituado a estar em cima de um palco, é algo que no futuro, na área do desporto, que é a minha área, vou utilizar muito. E pronto, e acho que nesse aspeto é muito importante para mim esse à vontade que criem em cima do palco.

Entrevistador: Algum malefício?

Entrevistado: Ahh não, isso não.

Entrevistador: Agora vou fazer aqui algumas perguntas sobre o folclore como mediador. O Folclore pode, efetivamente, ajudar na integração social de crianças e jovens. Concordas com esta afirmação?

Entrevistado: Sim, acho, acho que pode ajudar muito. Como disse fiz vários amigos no folclore, desde criança que são meus amigos até hoje e sei que vão continuar a ser durante a minha vida toda. E nesse aspeto acho que é muito importante, na integração social.

Entrevistador: Consegues identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias como com as crianças e jovens para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: Ahh, as festas, as atuações, as convivências com outras pessoas, conhecer pessoas de outras regiões e até de outros países às vezes.

Entrevistador: Ahh... pronto era para enumerares algumas mas já o fizeste. Existem algumas práticas ou atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos? Se sim, quais?

Entrevistado: Tudo... ahh tudo promove a convivência dos mais jovens com os mais velhos, quando estamos em festas, quando estamos a organizar eventos... ahh... pronto, os mais jovens procuram sempre perceber o que é que é... o que é que têm de fazer, onde é que têm que trabalhar com os mais velhos que os ensinam... e pronto.

Entrevistador: Já estiveste, então, inserido mais ativamente em algumas?

Entrevistado: Sim, sim, sim, anteriormente estava... estava inserido ativamente em tudo, estava sempre lá disponível.

Entrevistador: Diz qual é a importância dessas práticas do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência.

Entrevistado: Ahh... essas práticas são muito importantes, permite-nos aprender... aprender mais sobre... sobre esses eventos... aprender... pronto, a trabalhar neles. Permite-nos ganhar bases já para o que pode ser no futuro a nossa atuação profissional, lidar com pessoas, etc, e estamos sempre a aprender com as pessoas mais experientes, mais antigas que já vivenciaram essas coisas todas e que nos ensinam sempre várias coisas a esse nível.

Entrevistador: Ok, ahh... já chegámos ao fim da entrevista. Queria só aqui perguntar se consideras então que o folclore tem um papel importante na construção identitária das crianças e dos jovens.

Entrevistado: Sim, acho que sim, acho que, que ajuda muito, até pessoas, até jovens mais, mais tímidos como eu próprio sou... soltam-se mais e podem ganhar mais confiança, com o folclore, além das amizades, que é sempre o que muita gente procura.

Entrevistador: Queres acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistado: Hum, não, acho que não.

Entrevistador: Então obrigada.

Entrevistado: de nada.

## APÊNDICE 5

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 3

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Que idade tinhas quando te envolveste no folclore?

Entrevistado: Sete anos.

Entrevistador: Como é que tiveste conhecimento do grupo?

Entrevistado: Através de atuações na terra.

Entrevistador: Tens alguma relação de parentesco com outros elementos do grupo?

Entrevistado: Sim, sempre, alguns.

Entrevistador: Com que frequência participas em eventos e ensaios? Costumas faltar?

Entrevistado: Semanalmente e às vezes duas vezes por semana e não, não costumo faltar.

Entrevistador: Fora dos dias de ensaios, costumavas colaborar com o grupo?

Entrevistado: Sim, claro. (risos)

Entrevistador: De que forma o grupo ou o folclore contribui para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: Contribui na medida que, sendo o folclore uma atividade do povo e da comunidade, tem sempre um efeito também em termos sociais.

Entrevistador: Consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico? Se sim, quais?

Entrevistado: Não percebi. (risos)

Entrevistador: Se consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico...

Entrevistado: Sim... mexe, mexe um pouco, quer se queira quer não, com a vida das pessoas porque é necessário tempo e compromisso também.

Entrevistador: Quando vês uma criança ou um jovem a ingressar no teu grupo folclórico, o que é que costumás fazer em relação a isso? E o grupo em geral?

Entrevistado: Costuma fazê-lo sentir que está em casa e ensinar-lhes um pouco o que é a parte do folclore.

Entrevistador: Qual é a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas?

Entrevistado: Penso que são enriquecedoras, como qualquer outro movimento onde, onde haja comunhão e partilha das atividades.

Entrevistador: O que é que costumam fazer no vosso grupo para esta integração?

Entrevistado: Fazê-los respeitar os outros, fazê-los crescer na vertente social também, um pouco por aí...

Entrevistador: Agora em relação às motivações. Porque motivo ingressaste no grupo ou no folclore?

Entrevistado: Na altura em que ingressei, ingressei mais na vertente social e prontos e recreativa. Não havia tanto como há hoje em dia, a parte do verdadeiro folclore, da recolha, dos estudos, da divulgação... pronto, servia mais no intuito social. E foi por isso que entrei, com o passar dos anos fui evoluindo e prontos e mantenho-me já numa outra vertente que é a divulgação da cultura tradicional dos nossos antepassados.

Entrevistador: De que atividades gostas mais, entre atuações, ensaios, eventos, deslocações?

Entrevistado: A atividade folclore insere tudo isso, eu gosto de todas elas, mas prontos a que gosto mais é a partilha e a comunhão com outras regiões, com todos os intercâmbios.

Entrevistador: Porque é que te manténs no grupo?

Entrevistado: Mantenho-me no grupo porque penso que é bom saber de onde viemos e para onde caminhamos e conhecer as nossas raízes culturais e passar isso também para os mais novos.

Entrevistador: Já alguma vez pensaste deixar o grupo? Se sim, porquê?

Entrevistado: Sim, mas tenho pena porque, prontos, há um trabalho feito de fundo e é um trabalho que não se deve perder e nem sempre as pessoas têm tempo para ter aquela parte do trabalho, mais permanente e prontos e vou-me mantendo porque tenho esse tempo.

Entrevistador: Já estiveste inserido em outro grupo sem ser o atual?

Entrevistado: Sim, quando entrei para o folclore era um outro grupo com um trabalho completamente diferente deste.

Entrevistador: Em relação aos restantes elementos do grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou com quase todos?

Entrevistado: Eu sempre tentei que do mais novo ao mais velho fossem todos iguais, por isso, para mim são todos iguais.

Entrevistador: Consideras o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Tentamos que seja algo mais sério com alguma ocupação também, na vertente que há muitos elementos que não têm tempo para levar as coisas tão a sério, mas prontos, são importantes porque estão cá para trabalhar e para divulgar.

Entrevistador: Tens outra ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Sim, sempre fui muito ligado, por exemplo, à vertente do futebol.

Entrevistador: Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao grupo de folclore? Podes dizer várias.

Entrevistado: A razão mais forte para pertencer, pronto, é o gosto que se foi adquirindo ao longo dos anos... e prontos... e continuar a gostar desta atividade e tentar sempre melhorá-la.

Entrevistador: Identificas-te com as tradições culturais da região?

Entrevistado: Sim, muitas delas que se vão perdendo, se calhar até deveria haver um trabalho até em termos de escolas, muito mais permanente e ativo do que não existe.

Entrevistador: Que benefícios o folclore já trouxe à tua vida pessoal e profissional?

Entrevistado: A profissional se calhar foi ficando um pouco para trás. A pessoal, prontos, eu acho que o que se tira de melhor é o convívio, o conhecimento e a amizade que se adquire com outras pessoas.

Entrevistador: Então houve algum malefício?

Entrevistado: Sim, malefícios, e como tudo na vida há prós e contras. Há coisas que nós vamos perdendo ao longo dos anos que... que não podemos recuperar depois.

Entrevistador: Aqui agora em relação ao folclore como mediador... que é uma parte mais importante da minha investigação. Eu tenho aqui uma pergunta que é: O Folclore pode, efetivamente, ajudar na integração social de crianças e jovens. Isto é uma afirmação. Concordas com esta afirmação?

Entrevistado: Sim, integralmente.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Porque vemos os nossos jovens a entrar no grupo e saem... saem com muito mais conhecimento e... do que é as raízes deles, culturais, saem com mais conhecimento até a nível regional, nacional, internacional... lembrando que este grupo já esteve nas ilhas da Madeira e Porto Santo... recordar que se calhar de 47 elementos que levámos na altura 90% nunca tinha andado de avião... até nesse patamar é muito importante para o crescimento cultural deles e prontos e não só porque o grupo também trabalha, faz angariação de verbas através de eventos, tasquinhas e outras coisas e prontos. Por exemplo vemos alguns elementos a trabalhar na restauração que muitos deles têm formação através do nosso grupo.

Entrevistador: Certo. E consegues identificar algumas práticas ou atividades de folclore, tanto com as famílias, como com as crianças e jovens para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: Práticas de folclore... há muitas... infelizmente a parte do folclore só há poucos anos é que veio tentar introduzir algumas das coisas que se usavam antigamente e já vai acontecendo muitos muitos quadros etnográficos do que havia antigamente e que vai passando, vai passando um bocadinho a mensagem do que era e que vai voltar a ser certamente.

Entrevistador: Então, que tipo de atividades é que se podem fazer com as famílias e com as crianças e os jovens, para haver essa integração social?

Entrevistado: Isso, isso é muito complexo porque nem sempre as famílias estão dispostas a isso, mas há sempre coisas que a família acaba por acompanhar os elementos mais jovens e acaba por integrar-se também sempre um bocadinho nessas cenas do quotidiano.

Entrevistador: Existem algumas práticas ou atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos? Se sim, quais?

Entrevistado: As práticas dentro do grupo?

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Os mais novos com os mais velhos acabam por interagir sempre, porque a própria atividade e tudo o que envolve a atividade do folclore, que não é só ensaiar, cantar, dançar, passear... não é isso que se trata... mas sim, acaba por haver interação entre várias faixas etárias.

Entrevistador: Então já estiveste inserido mais ativamente em algumas dessas práticas...

Entrevistado: Ahh... sim... normalmente sim... os mais novos e os mais velhos vão sempre interagindo e vão aprendendo... lembramos, por exemplo, já fizemos... já retratámos uma matança do porco, em que estavam mais novos e mais velhos e prontos... e os mais velhos também acabaram por passar esse conhecimento aos mais novos.

Entrevistador: Então, diz qual a importância dessas práticas do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência.

Entrevistado: A importância é boa porque os jovens neste momento têm uma vida completamente diferente do que era o século antepassado e já não indo ao início do século passado, mas mudaram muito e estas práticas que nós temos no folclore acabam por lembrar um bocadinho quais foram as suas raízes e o que faziam os seus antepassados.

Entrevistador: Certo. Então aqui só para terminar... Consideras, que, de facto, o folclore tem um papel importante na integração social de crianças e jovens?

Entrevistado: Sim, tem uma ação mesmo muito importante na formação dos nossos jovens e temos visto isso ao longo dos anos, quando se diz que, por exemplo, que os jovens não têm tempo para estudar... temos imenso orgulho como diretores do grupo, que muitos jovens tiram licenciaturas e sempre integrando o grupo e muitos deles ainda voltam depois de serem licenciados.

Entrevistador: Certo. Pronto, chegámos ao fim. Obrigada pela participação.

Entrevistado: De nada.

## APÊNDICE 6

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 4

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Que idade tinhas quando te envolveste no folclore?

Entrevistado: Catorze.

Entrevistador: Como é que tiveste conhecimento do grupo?

Entrevistado: Basicamente porque a família fazia quase toda parte dele.

Entrevistador: Então tens relações de parentesco com outros elementos do grupo?

Entrevistado: Não... que ideia... (ironia e risos). Marido, primos, tios/padrinhos, os avós... queres mais? Também se arranja mais...

Entrevistador: Não, está bom. Com que frequência participas em eventos e em ensaios? Costumas faltar?

Entrevistado: Só quando tem mesmo de ser.

Entrevistador: É que faltas?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Fora dos dias de ensaios, costumavas colaborar com o grupo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: De que forma o grupo ou o folclore contribuiu para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: Para além das viagens que me permitiram conhecer quase o país todo, facilita e muito a comunicação com as outras pessoas.

Entrevistador: Consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Quais?

Entrevistado: A dificuldade de conciliação com o trabalho e com a vida pessoal por vezes. Não é fácil.

Entrevistador: Quando vês uma criança ou um jovem a ingressar no teu grupo folclórico, o que é que costumás fazer em relação a isso?

Entrevistado: Acolhê-lo da melhor forma possível e ajudá-lo a aprender e a integrar-se. E a perceber o que realmente aqui está a fazer.

Entrevistador: E o grupo em geral?

Entrevistado: Penso que faz o mesmo.

Entrevistador: Qual é a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas?

Entrevistado: Acho que é importante. Para além de permitir conhecer a história da terra, da localidade, ajuda sempre a... na interação com as pessoas.

Entrevistador: O que é que costumam fazer no vosso grupo para essa integração?

Entrevistado: A atividade normal, porque a atividade normal do grupo é justamente preservar as tradições, portanto a atividade normal permite às crianças e aos jovens conhecerem a história, para além de lhes mostrar muito do país.

Entrevistador: Agora em relação às motivações... Por que motivo é que entraste no folclore?

Entrevistado: Porque tive um padrinho que me veio chatear a cabeça.

Entrevistador: De que atividades é... (interrupção)

Entrevistado: Precisava de alguém para levar o estandarte e não havia ninguém.

Entrevistador: De que atividades é que gostas mais?

Entrevistado: Dançar, sem dúvida.

Entrevistador: Porque é que te manténs no grupo?

Entrevistado: Às vezes nem sei...mas pronto, o sentido de responsabilidade fala mais alto e em cima do palco esquece-se tudo.

Entrevistador: Já pensaste alguma vez em deixar o grupo?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Justamente pela dificuldade de conciliar por vezes com a vida pessoal e com a vida profissional.

Entrevistador: Já estiveste inserida em outro grupo?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Em relação aos restantes elementos do grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou de quase todos?

Entrevistado: Até mais dos mais velhos.

Entrevistador: Consideras o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Não, sério, completamente.

Entrevistador: Tens outra ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Não sei, estudar, pintar, conta?

Entrevistador: Conta, sim.

Entrevistado: Limpar a casa...

Entrevistador: (risos) Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao grupo de folclore? Podes dizer várias...

Entrevistado: A responsabilidade, a paixão por aquilo, a história, no fundo, daquilo que estamos a representar. E tenho de dizer a verdade, o continuar a conhecer um pouco do

nosso país e neste momento é gratificante eu conseguir olhar para um grupo e conseguir dizer de onde é que ele é sem saber, só olhando para os trajes e pronto.

Entrevistador: Certo. Identificas-te com as tradições culturais da região?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Que benefícios o folclore já trouxe à tua vida pessoal e profissional?

Entrevistado: A facilidade de comunicar com as pessoas.

Entrevistador: Algum malefício?

Entrevistado: Só a dificuldade por vezes de conjugar e as trocas que obriga a fazer por vezes no trabalho.

Entrevistador: Então aqui a última parte é em relação ao folclore aqui como mediador.

Entrevistado: Essas são mais difíceis...

Entrevistador: O folclore pode, efetivamente, ajudar na integração social de crianças e jovens. Concordas com esta afirmação?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Justifica...

Entrevistado: Permite... permite acolher as pessoas, inseri-las, é uma maneira... de uma forma um bocadinho diferente mas também do acolhimento a um estudante, por exemplo, quando chega a uma universidade. Permite integrá-lo. É a forma que nós temos de conhecer as pessoas e de criar logo ali um grupo de amigos.

Entrevistador: Consegues identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias como com as crianças e jovens, para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: As atividades em geral, os convívios que normalmente são feitos... toda a atividade de um grupo folclórico envolve convívio, envolve as pessoas estarem juntas, portanto facilita sempre a integração da pessoa.

Entrevistador: Certo. Existem algumas práticas ou atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos?

Entrevistado: Volto a repetir a mesma coisa, toda a atividade do grupo, nós temos de estar juntos.

Entrevistador: Certo. Já estiveste inserida mais ativamente em algumas?

Entrevistado: Pois, que remédio.

Entrevistador: Então, aqui por fim... qual é que achas que é a importância dessas práticas, do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência?

Entrevistado: Eu volto a... estou-me a repetir um bocadinho... mas eu acho que ajuda sempre na interação com as pessoas. Eu antes de entrar para o grupo era um bocadinho bichinho do mato e neste momento vejo que foi das coisas que mais me ajudou a falar com as pessoas e estar neste momento num balcão de uma farmácia. Possivelmente seria muito mais complicado, portanto, acho que ajuda. Temos de conhecer pessoas diferentes. Para além de que nos ajuda a conhecer outras realidades e a percorrer o país e assim... pronto é repetir um bocadinho o que já disse mas é aquilo que eu sinto.

Entrevistador: Mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Então chegámos ao fim. Obrigada.

## APÊNDICE 7

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 5

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Que idade tinhas quando te envolveste no folclore?

Entrevistado: Oito anos.

Entrevistador: Como é que tiveste conhecimento do grupo?

Entrevistado: Portanto, as fundadoras do grupo foram-me buscar a casa, quase que me levaram pelas orelhas. (risos)

Entrevistador: Tens alguma relação de parentesco com outros elementos do grupo?

Entrevistado: Tenho. Mas a maioria é tudo amizade.

Entrevistador: Certo. Com que frequência participas em eventos e em ensaios? Costumas faltar?

Entrevistado: Raramente falto. Às vezes.

Entrevistador: Fora dos dias de ensaios, costumavas colaborar com o grupo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: De que forma o grupo ou o folclore contribuiu para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: Olha... conhecer a história, a nossa... a nossa tradição, a nossa história e outras... outras culturas... outros... outras culturas claro. Tão diversificada que é a cultura do nosso país e neste caso também do estrangeiro, pronto.

Entrevistador: OK. Dá-nos mais sabedoria a nível da cultura geral também, não é?

Entrevistado: Exatamente...

Entrevistador: Consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico?

Entrevistado: Às vezes a disposição da gestão do tempo, que é muito complicado.

Entrevistador: Quando vês uma criança ou um jovem a ingressar no teu grupo folclórico, o que é que costumavas fazer em relação a isso? Tu e o grupo em geral...

Entrevistado: Tentamos acolhê-lo da melhor maneira possível e encaminhá-lo para aquilo que ele se vem proposto a fazer ou que nós queiramos que ele faça. Mas se for uma criança ainda se calhar ainda não tem muita noção de... pronto, é uma escola... Acaba por ser uma escola para ele. Para eles.

Entrevistador: Certo. Qual é a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas? O que é que costumam fazer no grupo para essa integração?

Entrevistado: Tentamos acolhê-lo da melhor maneira possível com as atividades... sei lá...

Entrevistador: Paródias, brincadeiras,...

Entrevistado: Sim completamente...

Entrevistador: Certo. Em relação às motivações, porque motivo é que entraste no folclore?

Entrevistado: Para conhecer a nossa cultura, para a divulgar... sermos um veículo de conhecimento da mesma.

Entrevistador: De que atividades é que gostas mais?

Entrevistado: Sem dúvida dançar.

Entrevistador: Porque é que te manténs no grupo?

Entrevistado: Ora para continuar a transmitir essa... essa identidade, a nossa cultura.

Entrevistador: Já alguma vez pensaste deixar o grupo?

Entrevistado: Já.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Às vezes porque... justamente pela gestão do tempo e... e às vezes parece que chega a um ponto que a gente diz “BASTA!”. Parece que às vezes não nos reconhecemos no meio da... da coisa mas pronto são... são coisas de momento, são coisas pensadas com a cabeça quente, pronto.

Entrevistador: Já estiveste inserido em outro grupo?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Em relação aos restantes elementos do grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou de quase todos?

Entrevistado: Normalmente se calhar dos mais velhos.

Entrevistador: Consideras o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Não, é sério!

Entrevistador: Tens outra ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Tenho.

Entrevistador: Qual?

Entrevistado: (gestos com os dedos)

Entrevistador: Tocar piano!

Entrevistado: Tocar órgão! Mas é só assim uma coisa... (risos)

Entrevistador: Sim. Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao grupo de folclore? Podes dizer várias.

Entrevistado: Olha ser testemunha da nossa herança cultural, transmitir essa vivência...

Entrevistador: Então identificas-te com as tradições culturais da região...

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Que benefícios o folclore já trouxe à tua vida pessoal e profissional?

Entrevistado: Conhecimento de outras culturas e justamente com isso, o conhecimento do próprio país em si. De várias localidades, de outras... pronto...

Entrevistador: Algum malefício?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Não? (assenti com a cabeça) Então agora em relação ao folclore como mediador... o folclore pode, efetivamente, ajudar na integração social de crianças e jovens. Concordas com esta afirmação?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: E porquê?

Entrevistado: Porque... acaba por... por ser também um reconhecimento da... daquilo... de onde eles vêm e para onde querem ir... isto é como a história do... do futuro... têm de ter presente o... o passado como um projeto de futuro. Saber a sua identidade, as suas raízes, a sua identidade, as suas raízes, a sua cultura...

Entrevistador: Consegues identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias, como com as crianças e jovens, para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: (pensativo...) Passa! (risos)

Entrevistador: Podem ser por exemplo as atividades que o grupo tem, os convívios...

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Sim... Ahh... pronto. Existem algumas práticas ou atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Já estiveste inserido mais ativamente em algumas, certo?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: Então, por fim, diz qual é a importância dessas práticas do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência?

Entrevistado: Bem, vou-me repetir novamente... É... justamente as pessoas saberem onde estão inseridas, de onde vêm e para onde quer... pronto para onde supostamente quererão ir... de acordo com a sua matriz cultural.

Entrevistador: Ou seja, pode trazer ferramentas importantes para o futuro da pessoa, quer a nível pessoal ou profissional.

Entrevistado: Exatamente.

Entrevistador: Queres acrescentar mais alguma coisa?

Entrevistado: (abana a cabeça em sinal de negação)

Entrevistador: Então obrigada pela colaboração!

Entrevistado: (risos)

## APÊNDICE 8

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 6

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Que idade é que tinhas mesmo, quando te envolveste no folclore?

Entrevistado: 11 anos.

Entrevistador: Como é que tiveste conhecimento do grupo?

Entrevistado: Eu tive conhecimento do grupo através de pessoas amigas, quase como familiares, que pertenciam ao grupo, que eram tocadores e o, então, Diretor técnico era meu amigo e ao falar com o presidente do grupo na altura e que ainda é, o Senhor Padre Manuel Jesus, convidaram-me para, pronto, para começar a participar nas atividades do grupo.

Entrevistador: Tens alguma relação de parentesco com outros elementos desse grupo?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Não, ok. Então, com que frequência participavas em eventos e em ensaios?

Entrevistado: Os ensaios sempre foram semanais e eu procurava estar... participar em todos os ensaios e em todos os eventos, a não ser que tivesse, durante... tivesse outros compromissos, tais como, estudar para algum exame que fosse próximo, na altura em que estudava, ou outros compromissos que não podiam ser mesmo alterados. Mas o rancho sempre foi uma das minhas principais prioridades, sobretudo desde, desde a adolescência. Pronto, eu entrei no rancho já na pré-adolescência, ainda sem grande consciência do que seria mas a partir da adolescência o rancho sempre foi uma das minhas principais prioridades, quer a nível de grupo, de organização temporal do, da minha vida pessoal, e pronto e quando eu estava com a minha família nas horas de lazer ou etc, quando não estava em família, estava com o grupo.

Entrevistador: Certo. Fora dos dias de ensaios, costumavas colaborar então com o grupo também?

Entrevistado: Sempre, sempre.

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Em todas as atividades.

Entrevistador: De que forma o folclore contribui para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: O folclore contribuiu em grande medida para a minha formação pessoal, até. A nível ético, houve relações que se estabeleceram entre as pessoas do grupo e eu cresci dentro do grupo, não é?, eu tornei-me adulta, e tornei-me mais pessoa por estar dentro do grupo. A nível ético, a nível estético, os meus gostos musicais, a literatura que gosto, a área artística que mais me cativa, foram em grande medida influenciados, não pelo folclore em si, mas por aquilo que o folclore me trouxe nas laterais, tais como nas viagens, o que ouvíamos ou víamos nos autocarros, era música como (...), que alguns elementos da brigada eram da, também eram de Ançã e fizeram parte de, do grupo típico alguns deles, e ainda hoje é um dos meus grupos favoritos e esta estética até cultural foi muito influenciada pelo grupo, a nível, já disse o ético, o estético, a nível político, porque a intervenção social, ainda hoje na minha vida e aquilo que eu pretendo transmitir aos meus filhos é muito influenciado por aquilo que bebi dentro do grupo, porque o estar em grupo e fazer as coisas de forma gratuita e voluntária, é muito daquilo que, aquilo que eu sou hoje, é muito daquilo que aprendi dentro do grupo e que para mim não vejo outra forma de estar em sociedade. E também a nível educativo, porque, a nível educativo, o estar em grupo exige-nos um outro tipo de, não só de respeito, mas também de crescimento pessoal. E a educação que tive, para além de casa e para além da escola, a educação que eu tive no grupo, dentro do grupo, e o respeito por uma certa hierarquia informal ou, ou por esta pessoa ou outra, foi muito, aquilo que sou hoje, sou-o, em grande medida, pelos trinta anos que tenho do Grupo Típico de Ançã, nomeadamente o Grupo Típico de Ançã, porque o grupo, lá está... nós, como temos como presidente um padre, que desde os anos 70 sempre se envolveu muito nas dinâmicas sociais e culturais das comunidades, sobretudo para atrair crianças e jovens para um caminho que considerava e que ainda considera muito válido, que é o do respeito e a valorização pelo nosso património cultural e numa dinâmica também de...

recreativa, não é? Social e recreativa e muito daquilo que eu conheço do mundo, devo-o também ao Grupo Típico de Ançã, eu já viajei muitas horas de autocarro por esta Europa fora e conheci muitos países da Europa e fui ainda, fora da Europa fomos aos Estados Unidos. Eu fui aos Estados Unidos, o rancho também foi ao Brasil, e a outros sítios e eu não fui mas aquilo que eu conheço também a nível cultural devo-o ao rancho e àquilo que me proporcionou ao longo destes anos todos.

Entrevistador: Sim... aa., ok. Então e consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico?

Entrevistado: Opa, sim! Existe sempre... o facto de estarmos em grupo, estamos a sectarizar, não é? Ou estamos com... (risos) estamos com uns ou estamos com outros... se optas pelo... por estar no rancho, não estás, ao mesmo tempo, podes estar, há quem consiga estar na banda e possa estar no futebol e possa estar em outras atividades. Há sempre um aspeto negativo porque são opções a tomar, depende também do grupo que se encontra, se o grupo for um grupo sadio, não é... se for um grupo sadio que te, que te traga benesses para a tua formação pessoal e cívica... sim, tem muita, muita positividade, tem é alguma negatividade no sentido de estares a sectarizar, não estás noutro lado, não fazes outras coisas... etc... aa... se tiveres um rancho que, que seja mais... um rancho ou um grupo, mas isso é como qualquer grupo não é, mas se tiveres um rancho que seja mais tóxico no sentido de só se focar nas atividades de palco, que não usufrua das viagens para um enriquecimento dos seus próprios elementos... eu estou a ver aquilo que de bom que o grupo me trouxe e que se não o tivesse que era... não era tão bom não é... porque nós sempre que viajámos para uma atuação, sei lá, em Espanha, ou a França, ou a Itália, procurávamos sempre ir uns dias antes e ficar mais uns dias depois, para aproveitar isso. Agora se tomarmos um rancho como qualquer coisa semiprofissional, no sentido de ir tem umas benesses, não é?... em palco e de tipos de atuações, mas... pode ser tóxico se só se viver para, para o palco... se se... se o próprio grupo incitar, sei lá, à bebida, por exemplo, pode ser tóxico... se o próprio grupo não, não estiver em grupo, em si, ou seja, ser apenas um aglomerado de pessoas... pronto, isso é o que... a realidade que cada rancho poderá ter. E depois a... o caminho ético, estético, etc.; eu por exemplo gosto muito de arte contemporânea e não foi por influência positiva ou negativa do próprio rancho, foi um outro caminho que eu própria fiz e que fui encontrando... e é essa... pronto... os ranchos podem sectarizar,

seja a nível de grupo, seja a nível ético, estético, etc. Mas vejo mais benesses no rancho do que negatividade.

Entrevistador: Quando uma criança ou um jovem ingressa num grupo folclórico, o que é que se deve fazer em relação a isso?

Entrevistado: Se for uma criança, convém que seja com uma ligação afetiva pelo menos, ou uma relaça... se for familiar melhor. Se for uma criança, deve ter uma relação familiar, pelo menos com um elemento do grupo. E tentar que haja mais crianças ou... mais ou menos da mesma faixa etária, ali... não é... para terem outras, outros pares dentro, dentro do próprio grupo. E o que há a fazer é a integração natural de uma criança dentro de um grupo, não é sectarizar também dentro do grupo, as crianças são uma coisa, se bem que, pronto, o cuidado dentro de um grupo quando há muitas crianças, lembro-me de um grupo ou de uma atividade que tivemos, em que tivemos (risos) em que tivemos que designar alguém expressamente... um conjunto de três pessoas para ficarem responsáveis pelas crianças. Isso também é bom, não é?, porque, pronto, permitia que parte do grupo estivesse mais focado numas coisas e as crianças, não era entretidas, mas com atividades vocacionadas para a sua idade. O que se deve fazer em relação à criança é, e também ao jovem, é integrá-los com naturalidade, fazendo parte do grupo, de uma estrutura social, natural, como dentro da comunidade, como dentro da aldeia, como dentro daquele núcleo social, tal como existe na rua a criança, há o velhinho, o grupo deve espelhar isso mesmo, aliás, um rancho só faz sentido se for o espelho de uma comunidade.

Entrevistador: Pois... ok. Qual é que é a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas?

Entrevistado: Olha eu acho que podia ser com muito mais naturalidade e investirmos mais na... na integração de crianças e jovens nas atividades, porque tal como a nível de outras áreas da sociedade, nós temos muita tendência a pensar na criança e no jovem como o futuro.

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Não são o futuro, são o hoje, o agora, são crianças e jovens agora. E também pensar um bocadinho como, parece que estamos sempre a pensar com um

paternalismo, com... aa... parece que estamos sempre a pensar com um paternalismo, perante crianças e jovens que não sabem nada e que não têm nada para... mas às vezes a visão de uma criança ou de um jovem, do que seja, até pode ser tão ou mais válida do que uma pessoa com, com mais idade. Pronto, é claro que a experiência traz-nos... a roda já foi inventada e a experiência traz-nos outras, outro “know-how”, pronto... traz-nos a... sabemos que se formos por ali não vai resultar, mas, ouvir, até a maneira como as pessoas... dar, dar espaço a que possam expressar a sua opinião e fazer as coisas de maneira que se sintam integrados e que se sintam parte de, do grupo, porque senão são mais um apêndice, e um apêndice não faz parte do grupo, apesar de ser um apêndice, está ligado ao grupo, é um apêndice, não é... não faz parte do grupo. E ser grupo, é estarmos todos nivelados, dentro, dentro do mesmo. Temos todos o nosso, cada um com o seu lugar, cada um com as suas capacidades, os seus dons, etc. Uns fazem mais, fazem melhor uma coisa, e outros fazem melhor outra, mas cada um de nós deve encontrar o seu lugar no grupo e o que poderá fazer de melhor dentro do grupo. Porque olha já, já houve um psicólogo qualquer que eu ouvi já, também... olha numa das formações que fiz ligadas ao folclore... e ele disse, e isto já anos 90... ele dizia “um grupo é como o mar. Deita sempre fora a carne morta”. A imagem é horrível, mas é verdade, porque um grupo que, alguém que não se sinta integrado no grupo naturalmente, é expelido... e pronto, isto seja para um rancho, seja para o que for. Mas estar em grupo é sentirmo-nos todos parte integrante do mesmo, em diferentes medidas, em diferentes qualidades, ou... ou tarefas, ou desempenhos.

Entrevistador: Ok. Pronto. Em relação às motivações, quais foram as motivações que te fizeram ingressar no folclore?

Entrevistado: Olha, a motivação inicial para quem tem 11 anos, basicamente era estar com outras pessoas que eu já conhecia e... e ter uma experiência, de algum modo de... na altura não pensava que era uma experiência de grupo ou uma experiência social, mas era, era sair de casa para algo específico, que era ensaiar e dançar, porque eu sempre gostei de dançar, e a motivação foi de alguém que já me conhecia, que eu já conhecia e de quem até gostava particularmente, me convidar para ir para um grupo para dançar, semanalmente e depois até termos atuações. E a motivação foi essencialmente essa, a amizade por algumas pessoas que me convidaram e... e... para dançar.

Entrevistador: Sim... então, e de que atividades é que gostas mais no folclore?

Entrevistado: Olha eu gosto muito de... dos momentos (risos) de lazer em que fazemos as coisas descontraidamente, em que... em que possamos ter uma atividade lúdica e formativa ao mesmo tempo como um género de, de recriações em que possamos fazer alguma parte de gastronomia, em que se possa cantar, se possa dançar, e que ao mesmo tempo se aprenda com, com o que se está a fazer. É o que eu mais gosto das atividades, dentro das atividades do folclore. Depois também gosto muito da parte formativa em si, daquilo que se pode descobrir quando se reflete sobre as coisas, sobre as temáticas, sobre estes conteúdos que ainda há tanto ainda por trabalhar.

Entrevistador: Sem ser este Grupo Típico de Ançã, já estiveste inserida em outro grupo?

Entrevistado: Eu ocasionalmente fiz parte do grupo a que o meu marido pertence, que é o Rancho Folclórico Luz dos Candeeiros, mas a relação umbilical que tenho com o Grupo Típico de Ançã e a maneira como um grupo funciona e como o outro funciona não tem nada a ver e eu revejo-me muito mais naquilo que me construiu, não é? Aquilo que chamo casa e que é o Grupo Típico de Ançã.

Entrevistador: Em relação aos elementos desse grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou de quase todos?

Entrevistado: De quase todos. Nunca tive problemas geracionais e intergeracionais, nunca tive problemas desses, senti sempre uma proximidade com pessoas de diferentes idades.

Entrevistador: Enquanto estiveste mais ativamente no grupo, consideraste-o algo mais sério ou era apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Não, era muito sério.

Entrevistador: Então e que outras ocupações de tempos livres é que tens?

Entrevistado: Eu faço parte da direção de uma escola de música, de uma escola de artes... também a título voluntário e... e para além dessa experiência diretiva, de associativismo voluntário a nível educativo, de escola de artes, faço também... faço desporto.

Entrevistador: Ok. Pronto, eu, eu ia-te perguntar aqui, não sei se é repetir um bocadinho daquilo que tu já disseste, acabaste por responder a muitas perguntas numa só, mas eu vou perguntar à mesma...

Entrevistado: Sim, força!

Entrevistador: Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao mundo do folclore?

Entrevistado: Olha, as pessoas que conheço e o folclore em si, o conteúdo nem tanto, mas depois com o passar dos anos, sim, afirmou-se como uma área de estudo, etc., e que gosto de, de refletir até, mas... aquilo que mais me cativa... e para mim o nosso principal património, são as pessoas. E são as pessoas que me fazem estar mais ligada aqui ou menos ligada ali. E... e a noção de comunidade, lá está, está ligada à, às pessoas.

Entrevistador: Então e identificas-te com as tradições culturais no geral?

Entrevistado: Sim, no geral e muitas delas em particular. É aquilo em que me reconheço... (...) reconheço-me muito nas tradições... populares...

Entrevistador: Certo. Há pouco, umas questões mais atrás, disseste-me, pronto, alguns benefícios que o folclore já tinha trazido à tua vida pessoal e profissional. Consideras que houve algum malefício?

Entrevistado: Ah, sim! Houve, muitas vezes, depreciativo, porque o folclore e há o associativismo popular ainda, sobretudo o folclore dentro do associativismo popular, ainda é visto como, como depreciativo e... e fazer parte de um rancho é depreciativo ou foi depreciativo, apesar de todas as competências técnicas até de organização logística e de capacidade de implementação de projetos que, que o folclore ou a experiência dentro do folclore me trouxe, nem sempre é bom para o currículo.

Entrevistador: Hum hum, certo. Agora, vamos falar aqui em relação ao folclore como mediador. O folclore pode, efetivamente, ajudar na integração social de crianças e jovens. Concordas com esta afirmação?

Entrevistado: Sim! Sim.

Entrevistador: E porquê?

Entrevistado: Porque o folclore tem a parte identi... a parte... o traço da identidade e sobretudo da identidade local. E a identidade local é a fina linha que nos liga a todos dentro de uma comunidade e... e trazer esta, este conceito para crianças e jovens é integrá-los, ainda que possa não ser diretamente, mas é integrá-los dentro da sua própria história enquanto pessoas naquela comunidade.

Entrevistador: Sim... ok. Agora gostava que me enumerasses algumas atividades ou práticas no folclore, tanto com as famílias, como com as crianças e jovens, para que se consiga fazer essa integração social.

Entrevistado: Então olha, nesta fase... do ano... existem várias práticas a seguir às colheitas, aliás, mesmo dentro das colheitas, algumas recreações como do final do ciclo do vinho, do final do ciclo do trigo, dos cereais. Essas... as descamisadas, etc., são práticas muito interessantes, de recreações. Depois, agora, este final de novembro, início de dezembro, começam os ciclos do... os ciclos de... dos cantares natalícios. E os cantares natalícios dividem-se em três grandes fases. A primeira fase até ao Natal, dos cantares a Nossa Senhora. Muito este traço Mariano, que vem desde o D. João V em Portugal. E muito popularizado, sobretudo depois das aparições de Fátima, mas que já vêm de há mais de trezentos anos, esta devoção Mariana tem muitos cantares, sobretudo cantares de devoção à Virgem Maria e depois à fase em que ela estaria grávida. A segunda fase que é do Natal ao Ano Novo, são os cantares de devoção ao menino Jesus. E esta, a parte da religiosidade popular também é um conceito educativo muito importante dentro da... para... dentro das nossas comunidades e para as crianças e jovens... e menos jovens que não estejam por dentro do assunto, mas... para as crianças e jovens é fantástico e muitas delas até são trabalhadas nas escolas, passam-nos... aos grupos... passam-nos é completamente ao lado. E depois a terceira fase dos cantares natalícios que é a das boas festas, que vai do Ano Novo até aos Reis e em alguns sítios até ao final de janeiro que são, além das boas festas, alguns sítios chamam-lhe de janeiras. Pronto essas são as atividades interessantes de recreação que normalmente as pessoas, os grupos fazem uma atividade, quem faz, de recreação do ciclo de cantares... de cantares do ciclo natalício, assim é que é, e o ciclo natalício são estas três fases que enumerei. Depois existem algumas tradições ligadas à... à Quaresma... não é?!, entre o Carnaval e a Páscoa... e... depois a partir de maio, quando começa a Primavera, existe, em alguns sítios existem as Maias, depois existem algumas tradições ligadas aos Santos

Populares... e... depois, pontualmente, dentro das comunidades, as festas ligadas a alguns padroeiros. Estas são as atividades ligadas à... quer à religiosidade popular, quer aos ciclos agrícolas, que são importantes para a integração até nos conteúdos da, da identidade local para crianças e jovens. E depois, e aqui estão recriações, etc., tudo integrado. Outras atividades, para além dos festivais, não é?, porque os festivais servem também para... (...), sobretudo para a dinâmica social do grupo, não é?, este empenho num momento maior, em que se tem que dar uma refeição, às vezes, para quatrocentas pessoas, é uma logística o trabalhar em grupo, são dias até mais cansativos, mas são logísticas que são importantes para, para ser grupo, para construir o grupo em si. E... e depois as atuações, etc., muito nesta dinâmica social. Outras práticas, são as práticas formativa, seja dentro do próprio grupo, seja o grupo participar noutras ações de formação. Ou elementos do grupo participarem noutras ações de formação.

Entrevistador: Ok. Então e existem algumas práticas mais específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos?

Entrevistado: Sim, as recriações.

Entrevistador: Ok. Já estiveste inserida mais ativamente em algumas, certo?

Entrevistado: Isso mesmo, sim, sim.

Entrevistador: Pronto, então por fim, gostava só que me dissesse qual a importância dessas práticas, do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência.

Entrevistado: Estas práticas são importantes porque, por um lado, fazem-nos integrar de um modo mais informal no grupo, e fazem criar relações de proximidade com os diferentes elementos do grupo, numa dimensão informal na preparação da atividade, mas também ao usufruirmos da própria atividade. Por isso é que a recriação é importante. E do meu ponto de vista é também muito importante a parte formativa, porque me ensina que... me ensinou, quando começou e ainda ensina, muitos pontos diferenciadores se for... se for uma recriação de uma... de uma colheita... não é?... porque, por exemplo, do final do ciclo do vinho nas vindimas, métodos, práticas... antigas, que se perderam por algum motivo, até, às vezes, até de... da própria evolução da ciência e da técnica, não é?!, e isso tudo traz-me e trouxe-me, ainda, muita parte

formativa, aprende-se ainda muito, ainda há muito para aprender dentro das práticas de recriação.

Entrevistador: Ok, pronto, eu não tenho mais nada a perguntar, há mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Entrevistado: Não, eu quero agradecer a deferência e o convite e... e dizer que... que é importante também, que... que haja trabalhos como este, que possam refletir sobre... sobre esta área, dos ranchos e da sua dinâmica social e cultural, neste caso em crianças e jovens. E dizer também que é importante que dentro dos próprios grupos, não é?, porque nem todos somos a mesma coisa, para a perspetiva das crianças e jovens, que não são o futuro, são o hoje, não é?, são o hoje, hoje são crianças e são jovens... é importante dar-lhes espaço naquilo que eles sabem fazer de melhor. E tentar integrá-los, que eu acho que foi um erro aqui quase histórico na viragem do milénio, que se afastou muito ou que houve muito esta fenda entre jovens e menos jovens e depois tentou-se voltar a apanhar o comboio e acho que isso não foi muito... não foi muito bem conseguido, dentro dos grupos, e é um trabalho que há a ser feito, que se existe ainda... se esta fenda ainda está maior ou menor em muitos grupos, é culpa daqueles que já lá estão, não é dos jovens. Não é dos jovens, muito menos das crianças. É de quem não soube fazer esta ponte com o presente, com o hoje, e... é isso que queria acrescentar.

Entrevistador: Pronto, olha da minha parte também obrigada.

Entrevistado: Ora essa, e todas as felicidades...

Entrevistador: Foi muito importante, pronto... na verdade, superou aquilo que eu estava à espera, porque foi... eu acho que conseguiste dizer tudo daquilo que é da experiência de uma pessoa que vive o Folclore, e demais, há tantos anos, como tu...

Entrevistado: Obrigada!

Entrevistador: Pronto, achei que era importante e realmente foi, acho que isto já fazia quase o meu trabalho...

(Risos) (a entrevista acaba aos 30:42)

## APÊNDICE 9

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 7

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Então que idade é que tinha quando se envolveu no Folclore?

Entrevistado: 12 anos.

Entrevistador: 12 anos... como é que teve conhecimento deste grupo do qual faz parte?

Entrevistado: Tinha pessoas amigas que já estavam relacionadas com o grupo e que um dia me desafiaram para ir assistir a um ensaio e a partir daí, enfim, comecei a integrar o grupo na secção de dança e até hoje.

Entrevistador: Tem alguma relação de parentesco com outros elementos do grupo?

Entrevistado: Tenho, atualmente tenho. A minha mulher era também componente do grupo...

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Os meus filhos fazem parte do grupo... e o meu netinho que vai fazer dois anos já começa a ir aos ensaios. (risos) Embora ainda não dance naturalmente, mas já começa a ir.

Entrevistador: Pois... com que frequência participa em eventos e ensaios?

Entrevistado: Em eventos é quando surgem, são cerca de 20/25 por ano. E ensaios temos também cerca de 35 ensaios por ano.

Entrevistador: Certo. Pronto, então, sendo que é presidente da direcção colabora sempre com o grupo, certo?

Entrevistado: Todos os dias... todos os dias há coisas para fazer.

Entrevistador: Sim. De que forma é que o folclore contribui para o seu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: Bom, contribui muito especialmente na primeira fase em que me permitiu contactar com as realidades sociais e culturais, enfim, completamente desconhecidas. A primeira vez que fui ao estrangeiro, foi integrado no grupo, tinha 13 anos. E estar no grupo já me permitiu visitar mais de 20 países estrangeiros... conhecer todo o país, incluindo as regiões autónomas dos Açores e da Madeira... estabelecer laços de amizade com pessoas praticamente de todo o país e muitas espalhadas pelo mundo e deu-me, naturalmente, deu-me outra perspectiva da própria forma de estar em sociedade, assegurou-me a compreender melhor muitas coisas diferentes no mundo que eram, ao princípio, completamente chocantes para o nosso padrão cultural e, portanto, através do folclore e da constatação dessas realidades sociais e políticas e culturais, digamos que contribui para a minha valorização como pessoa. E eu não tenho dúvida nenhuma que hoje serei uma melhor pessoa muito devido àquilo que o folclore me proporcionou.

Entrevistador: Considera que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico?

Entrevistado: Em si mesmo, e só pelo facto de uma pessoa pertencer a um grupo folclórico, eu não acho que haja nenhuma circunstância negativa. Agora, admito que dentro de um grupo de folclore, onde estão 50 pessoas, cada qual a pensar da sua maneira, a terem de respeitar uma determinada conduta que é imposta pela direção, que possam haver pessoas que não se sintam bem, que não se integrem e enquadrem completamente na forma de ser e de estar no grupo. Agora, por si mesmo, o facto de se pertencer a um grupo, não traz nenhum aspeto negativo, muito pelo contrário.

Entrevistador: Quando vê uma criança a ingressar no seu grupo folclórico, o que é que costuma fazer em relação a isso?

Entrevistado: Bom naturalmente que fico sempre muito feliz, eu no meu grupo tenho uma secção infantil, portanto tenho um grupo de dança infantil, e naturalmente que sempre que entram componentes novos fico muito satisfeito. E a nossa preocupação é integrar o miúdo no seio do grupo, porque nós somos muito rigorosos em termos de conduta comportamental, disciplinar e tudo isso. E, portanto, os miúdos que estão no grupo, de resto como os adultos, têm de respeitar a conduta que é norma dentro do grupo, e, por outro lado, tento transmitir-lhes alguns conhecimentos, para além da própria interpretação das danças ou das cantigas, no sentido que eles tenham

consciência do que é que estão a fazer no seio do grupo. Compreendem o aspeto etnográfico, o significado da região do Ribatejo, das distintas sub-regiões etnográficas, pelo discurso que nós, digamos que de uma forma muito doseada, sem pressas, sem correrias, mas que nós vamos tentando fazer com que as crianças compreendam porque é que umas danças são de uma maneira, outras são de outra, uns trajes são escuros, outros são mais vivos, temos sempre a preocupação de que os componentes do nosso grupo, incluindo as crianças, tenham a consciência do que é que estão a fazer no seio do grupo.

Entrevistador: Sim. Qual é que é a sua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas?

Entrevistado: Bom, naturalmente cada grupo tem os seus projetos. Há grupos que não têm escolas infantis, portanto não têm grupos de crianças e naturalmente que vão sobrevivendo e têm a sua forma de ser e de estar. Eu entendo que como qualquer atividade cultural ou social deve estar aberta aos escalões etários mais jovens. Se no futebol há escalões para miúdos de 4 ou 5 anos, se no teatro há grupos / companhias de teatro infantis, se na aprendizagem da música há crianças que estão efetivamente desde tenra idade na aprendizagem da música e de outras atividades, porque é que no folclore não há-de haver também essa sensibilização das crianças para integrarem os grupos de folclore? Portanto, eu acho que as crianças têm necessariamente o seu papel no seio dos grupos de folclore. Agora, naturalmente que já não vejo com os mesmos olhos se, por exemplo, num grupo de folclore composto por pessoas adultas, esteja uma criança a dançar com um adulto. Enfim, já não faz muito sentido. Acho que as crianças têm o seu espaço de intervenção no seio dos grupos de folclore e é exatamente isso que deve ser feito. Admito ainda que possa haver duas abordagens na relação da criança no seio dos grupos de folclore. Ou eventualmente representarem, reconstituírem aquelas que eram as práticas, as brincadeiras e os jogos das crianças de antigamente, ou eventualmente poderem representar danças que eram outrora praticadas de uma forma espontânea pelas pessoas mais, enfim, mais adultas, mas que as crianças também as possam representar, mas com correção, sem ser a parodiar ou a fazer coisas ridículas. Portanto, em qualquer das opções que se siga, a criança deve ser sempre respeitada e a função que ela tem no seio do grupo há-de ser, também, naturalmente interessante para a criança e para o próprio grupo.

Entrevistador: Sim. Agora em relação a motivações. Porque motivo é que ingressou no folclore?

Entrevistado: Bom, eu sou de um tempo já antigo, não é? Quando eu tinha os meus 12 anos, em 1969, as crianças da minha idade, não tinham muitas opções de ter atividades culturais como hoje. E, portanto, eu ir para o grupo folclórico foi a oportunidade de ter uma atividade física, de conhecer mais pessoas, de conhecer mais terras, de contactar com outras culturas. E, portanto, digamos que, nessa altura, a principal motivação era passear, em termos de fazer as digressões com o grupo, conhecer mais pessoas e mais terras. À medida que fui tendo alguma consciência do que era o folclore, é que, digamos que tive uma outra motivação que hoje digamos que é a principal, que é ter o conhecimento sobre a etnografia e o folclore da região, do Ribatejo. Nos dias que correm, naturalmente que percebo que muitas crianças são assediadas por muitas atividades, há muitas atividades que tentam captar a atenção dos jovens, enfim, para o seu seio, e o folclore é apenas mais uma. Agora, naturalmente que aquilo que eu sinto é que, por vezes, conseguem-se captar crianças, no caso, para os grupos, através de contatos diretos de pessoas amigas e digamos que a motivação que essas crianças têm é o de ir experimentar uma realidade nova. Muitos gostam e ficam, outros não gostam e não ficam. É, efetivamente, o que acontece. Mas a motivação, para já, maioritariamente será, talvez, a de experimentar uma coisa nova e, porventura, se apreciarem continuam e se não gostarem muito, afastam-se.

Entrevistador: De que atividades é que gosta mais no folclore?

Entrevistado: Bom, eu gosto de todas, não é? As atividades que me dão muito gosto é estar num palco, a representar o folclore do Ribatejo perante um público que eu tento conquistar. Eu, enquanto apresentador do grupo e o grupo no seu todo, tentamos conquistar a atenção do público para aquilo que lhes estamos a mostrar. E, portanto, digamos que o objetivo é de natureza cultural porque estamos a representar uma região, que queremos tornar mais conhecida por pessoas, eventualmente, de outras regiões ou até, inclusivamente, da nossa região, mas, enfim, que não tenham conhecimentos sobre o tema. Também para mim é aliciante contactar com as pessoas mais idosas para fazer pesquisas e recolhas etnográficas, como forma de ficar a conhecer melhor a região, valorizar a representação do grupo, desse ponto de vista. E há ainda um terceiro aspeto que me agrada muito, que é a realização do Festival Internacional através do Folclore,

que me permite conhecer mais grupos estrangeiros, mais grupos portugueses, novos, desvendar, digamos que, desvendar novas realidades, novas culturas e, portanto, digamos que essas são as três vertentes da minha relação com o folclore que mais me entusiasma ainda hoje.

Entrevistador: O que é que o faz manter-se no grupo de folclore?

Entrevistado: Bom, sobretudo o espírito de família que se criou dentro do grupo. Eu hoje posso dizer que o Grupo Académico para mim é uma segunda família. Não só porque já tenho uma relação de 53 anos dentro do grupo, como pelo facto de ter sido no seio do grupo que eu encontrei a minha mulher com quem casei, eu tive os meus filhos, que o meu filho casou com uma componente do grupo... e, portanto, a vida do grupo e a vida da minha família, digamos que está muito entrecruzada. E, portanto, por todas estas razões eu tenho grande paixão pelo grupo e continuo a ficar nele de uma forma intensa. Acrescentadamente, há um aspeto que foi o facto de o fundador do grupo ter morrido muito novo, em 1975, eu tinha, então, 18 anos, e nessa altura fui uma das pessoas que assumiu a continuidade do grupo. Digamos que também tenho o aspeto moral de tudo fazer para que o grupo possa prosseguir de acordo com os ideais do próprio fundador Celestino Graça e, portanto, é uma outra motivação para continuar ligado ao grupo.

Entrevistador: Já alguma vez pensou deixar o grupo?

Entrevistado: Não. Objetivamente não. Tenho tentado, isso sim, até porque já sou presidente do grupo há muitos anos e já tenho, enfim, já tenho uma certa idade, tenho tentado ver se encontro alguém que me substitua como presidente da direção. Isso, naturalmente, gostaria que acontecesse. Mas ainda assim, eu com gosto deixaria de ser o presidente do grupo, mas continuaria ligado ao grupo, do ponto de vista técnico.

Entrevistador: Certo. Já esteve inserido em outro grupo sem ser este?

Entrevistado: Não. Nunca pertenci a nenhum outro grupo, embora tenha colaborado com alguns grupos na altura em que fizeram a sua reestruturação técnica e eu os acompanhei em processos de recolhas nas respetivas regiões e na reconstituição dos temas que foram aproveitados para os respetivos reportórios. E nessa circunstância envolvi-me com os grupos, mas nunca fazendo parte dos seus quadros. Sendo como amigo e como colaborador.

Entrevistador: Sim. Em relação aos elementos do grupo, sente uma maior proximidade com as pessoas da sua idade ou de quase todos?

Entrevistado: Eu direi que me dou bem com todos! Porque eu sou também, digamos, o diretor técnico do grupo. E, portanto, o facto de ser presidente da direção não constitui nenhum obstáculo para um relacionamento cordial com todos, porque nos ensaios eu estou todas as semanas com todos. E, portanto, eu tenho, digamos que, uma forma de dirigir o grupo muito próxima, em que partilho praticamente toda a informação com os componentes do grupo, o que é uma forma de os responsabilizar, inclusivamente pelas coisas que o grupo faz e que os envolve. E, portanto, digamos que eu tenho uma relação muito boa com todos. Tendo, naturalmente, uma abordagem, uma relação e um discurso diferente de uns para os outros. Evidente que quando eu estou a falar com as crianças que têm 8, 9, 10 ou 12 anos, falo de uma maneira, e quando estou a falar com adultos que têm 20, 30, 40 anos, falo de outra maneira. Mas em termos de relação, digamos que é com a mesma cordialidade e com o mesmo acesso.

Entrevistador: Então, significa que considera o grupo algo muito sério na sua vida?

Entrevistado: Sim, sim, sim, sim, digamos que, para além daquilo que é estritamente da minha vida particular e de família, o grupo é o projeto no qual eu mais me realizo. E naturalmente que eu estou envolvido em muitas outras áreas e instituições, mas se tivesse que ficar apenas com uma, e tivesse que prescindir de todas as outras, aquela de que eu nunca prescindiria seria, efetivamente, o grupo.

Entrevistador: Sim... visto que este mundo do folclore lhe ocupa tanto tempo, tem alguma ocupação de tempos livres que não tenha nada a ver com o folclore?

Entrevistado: Pois, eu tenho dificuldade em dizer isso. Porque é assim, a minha área de especialização é Antropologia. E, portanto, a Antropologia também está muito próxima do próprio Folclore. Não objetivamente do grupo, mas dos temas que interessam ao grupo. E, portanto, a minha intervenção, quer no próprio grupo, quer na Federação quer numa associação regional, anda muito em torno do Folclore, nem sempre só e objetivamente do grupo, mas digamos que, e eu tenho um programa de rádio semanal, escrevo num jornal todas as semanas, e, portanto, quase que posso considerar, também isso, uma atividade de lazer. Porque não é de carácter profissional, não recebo daí nenhum provento, por outro lado dou aulas aqui na universidade da terceira idade, mas

também é em disciplinas de antropologia e de etnografia portuguesa, portanto, também ando envolvido com o mesmo meio, e, portanto, digamos que o meu tempo de lazer é ocupado com atividades muito próximas do folclore e do Ribatejo.

Entrevistador: Qual é que é a razão mais forte que o faz pertencer ao grupo de folclore?

Entrevistado: Bom, hoje é a responsabilidade que tenho em cima das costas, digamos assim, de fazer todo o possível para que o grupo se possa engrandecer e ter sempre futuro. Portanto, digamos que essa é a preocupação maior. Daí a minha presença em todos os ensaios, em todas as atividades, e até de conseguir condicionar, digamos que, a minha própria vida pessoal em relação ao grupo, nomeadamente em termos de marcação de férias, em deslocações muitas vezes de férias para acompanhar o grupo numa atividade, e portanto, digamos que essa é a grande preocupação, é assegurar que o grupo tem uma atividade correta, uma atividade, enfim, de acordo com os nossos objetivos, que o grupo faça boa figura onde quer que se apresente, que as pessoas todas se sintam bem no grupo e que sejam bem tratadas em todas as circunstâncias em que estejam a representar o grupo, portanto, essa digamos que é a principal razão de eu, de facto, estar muito presente no próprio grupo. Depois, digamos que é o próprio espólio que o grupo já criou, inclusivamente em termos museológicos, e que me obriga também a continuar esse projeto do museu do grupo no sentido de que, de facto, possa constituir uma mais valia, não apenas para o próprio grupo, mas inclusivamente para a própria cidade.

Entrevistador: Sim... identifica-se com as tradições culturais da região?

Entrevistado: Completamente. Todas elas. Inclusivamente a Tauromaquia que é uma tradição que agora digamos que é politicamente incorreta, porque tem muitas pessoas que são detratores da Tauromaquia, mas inclusivamente é uma das minhas paixões também, é a Tauromaquia, e, portanto, revejo-me, digamos que em praticamente todas as tradições populares do Ribatejo.

Entrevistador: Que benefícios o folclore já trouxe à sua vida pessoal e profissional?

Entrevistado: Os benefícios são todos de natureza cultural e espiritual. Aquilo que há pouco dizia, eu tenho a certeza de que sou melhor pessoa, porque estou relacionado com um grupo de folclore há tantos anos. Nunca extraí do grupo quaisquer proventos materiais, muito antes pelo contrário, muitas vezes tenho colaborado com o grupo, até

do ponto de vista financeiro, para suprir algumas carências, e portanto, desse ponto de vista nunca tive expectativas nem interesses em ter retorno da parte do grupo, agora digamos que aquilo que para mim é o mais importante, e é aí que eu considero que é o meu ganho, é o poder dizer que tenho amigos praticamente em todo o país, é o poder dizer que conheço uma parte do mundo através da minha participação no grupo de folclore, que tenho mais pessoas conhecidas e amigas, inclusivamente, em Santarém, através da participação do grupo, de antigos componentes, atuais componentes, as suas famílias, os seus amigos, e portanto, digamos que esse é o grande ganho que eu tenho tido com a participação no grupo.

Entrevistador: Sim... já trouxe algum malefício?

Entrevistado: Não, malefício direto não. Às vezes é, por exemplo, se quiséssemos considerar que isso era um malefício, era, por exemplo, estar quinze dias de férias no Algarve e vir dois fins de semana a Santarém para ir acompanhar o grupo a uma atuação para o Norte ou para isto ou para aquilo. É evidente que retiro do convívio da família, nesses dias, que tenho gastos acrescidos porque tenho de pagar as deslocações do Algarve para Santarém e regresso, e portanto, há, digamos que, aqui, um prejuízo, de tempo que é roubado à convivência familiar. Portanto, esse, digamos que é o único ponto que eu posso encontrar que é eu muitas vezes subtrair à família algum tempo que lhe podia dedicar mais intensamente. Mas como tenho a sorte de a minha família nuclear também estar envolvida no seio do próprio grupo, é uma forma também de nos compensarmos uns aos outros, e, portanto, esse prejuízo não é assim tão significativo.

Entrevistador: Sim... em relação ao folclore como mediador, que é, pronto, a mediação é o que eu necessito mais de saber, tem a ver com o mestrado que eu estou a tirar... eu vou-lhe ler uma afirmação e depois quero que me responda se concorda... e que justifique a sua opinião. Então é, “o folclore pode, efetivamente, ajudar na integração social de crianças e jovens”.

Entrevistado: Essa é a afirmação...

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Concordo plenamente. Embora, naturalmente, tenhamos que ter sempre uma questão, digamos, que, de ponto de partida que é o seguinte: a responsabilidade de uma instituição, que seja um grupo folclórico, ou dos seus dirigentes, de acompanharem

o crescimento social e cultural das crianças, é muito grande. E, portanto, uma criança num seio de um grupo que bem orientado pode resultar muito benéfica até para a formação dessa criança, porque naturalmente que aquilo que eu considero que são os meus benefícios pessoais, que é conhecer muita gente, conhecer muitas terras, conhecer outras realidades... é também, naturalmente, aquilo que eu gostaria que essas crianças sentissem, o estarem no grupo porque viajam, porque conhecem pessoas, porque vão a outros sítios... mas, se porventura, o grupo não for bem orientado e se as crianças não forem devidamente acompanhadas nesse crescimento, naturalmente que já há alguma preocupação. Mas creio que ao acontecerem circunstâncias dessas, serão verdadeiramente excecionais, porque, tanto quanto sei, os grupos que têm no seu seio crianças, há uma responsabilidade da parte dos diretores, da parte dos componentes mais velhos, de os acompanharem. Há, inclusivamente, grupos de folclore em cidades maiores, em que houve uma migração de pessoas para trabalharem, por exemplo, em Lisboa, com os grupos do Minho, com grupos de Cinfães, grupos da região de Ansião e por aí uma série de grupos que se constituíram em Lisboa, de pessoas que foram trabalhar para a capital do país. E o que acontece é que as pessoas mais novas foram para Lisboa e os seus avós, os seus tios, pessoas mais idosas, ficaram na terra natal. E, portanto, digamos que o próprio grupo, constitui, de alguma forma, a substituição, dos familiares ausentes, no seio do grupo. As pessoas mais velhas que fazem parte do grupo em Lisboa são, para alguns dos componentes mais novos, inclusivamente crianças, são quase os substitutos dos seus avós ou dos seus tios. Há, portanto, aqui uma complementaridade social que se estabelece entre os componentes mais velhos e as crianças. O que resulta, naturalmente, no benefício. Porque sabemos que a nossa sociedade hoje é uma sociedade mais individualista, que as pessoas vivem um pouco mais centradas em torno de si mesmas, e não tanto no espírito de grupo e coletivo, e os grupos de folclore que de alguma forma suprem essa carência ou essa falta. Portanto, tenho para mim que, de facto, as crianças, no seio dos grupos, aprendem, evoluem, crescem de uma forma mais sadia e tornar-se-ão, também, no futuro, pessoas mais respeitadas, mais responsáveis e mais conscientes do que é viver em sociedade.

Entrevistador: Consegue identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias, como com as crianças e jovens, para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: Sim... os ensaios... os ensaios são momentos, e são, como eu costumo dizer, são, o tempo e o espaço de aprendizagem e de fortalecimento de laços entre os participantes. Quando, num grupo, como o caso do Grupo Académico, quando temos um ensaio com as crianças, os pais das crianças vão para a nossa sede, levam os seus filhos, na sala própria é realizado o ensaio, onde se transmite conhecimento às crianças, onde se ensina a dançar, onde se fala com eles, onde se explica o que é que estão a fazer e pede-se que façam, de determinada maneira, porque nos parece que é a mais correta, e esse tempo é, também, um espaço de convívio dos próprios pais uns com os outros. De modo a que, o próprio grupo, quer ao nível dos seus componentes, quer ao nível dos seus familiares, possa ser uma célula cada vez maior, em que as pessoas interagem umas com as outras. No nosso caso concreto, uma vez que temos o festival internacional, que dura uma semana, muitos dos voluntários que colaboram com a organização do festival, são os pais, os irmãos mais velhos, os amigos dos componentes do nosso grupo. E, portanto, há aqui assim um acréscimo de relacionamento pessoal entre estas pessoas, que vem favorecer, naturalmente, todos e em especial as crianças. E, por outro lado, digamos que, todos nós compreendemos que num grupo, alguém tem que, em certo momento, ceder a outro, numa atitude, numa atividade, seja no que for, de modo a salvaguardar que a vontade da maioria é aquela que prevalece e é aquela que se cumpre, e mesmo aqueles que não estão completamente de acordo, têm que colaborar porque, de facto, foi a maioria que decidiu. E isto é uma forma de construir uma mentalidade nas crianças em que não podem ter tudo e só aquilo que desejam e que querem, mas têm que cooperar igualmente também naquilo em que não são tão empenhados, ou que não lhes agrada tanto. A vida não é feita só de paraíso, nós temos coisas fáceis e coisas difíceis na nossa vida, na nossa sociedade, todos os dias nos confrontamos com coisas que nos agradam mais e com outras que nos agradam menos, e nós temos que conviver com esta realidade. Ora, transposta esta circunstância que acontece na sociedade, para o seio de um grupo, é a mesma coisa, nós às vezes optamos por determinada atuação, mas há dois ou três componentes que não lhes apetece nesse dia ou não lhes apetece ir a esse sítio. Mas de facto o grupo decidiu que vai, todos temos que ir. E, portanto, é uma forma de contribuir para que os próprios jovens cresçam com noção da responsabilidade, de respeitar a vontade da maioria do grupo. Portanto, não é uma ditadura, não é uma pessoa que impõe que seja assim, mas não, partilha-se a discussão, chega-se a um consenso, e aquilo que for consensualizado é aquilo que é praticado por todos. E, portanto, acho que

isto é muito importante e estas práticas no seio de um grupo, são fundamentais para que a mentalidade da criança saia estruturada, no sentido de que muitas vezes têm de cooperar até, com aquilo que não lhe agrada tanto quanto outras coisas.

Entrevistador: Existem algumas práticas ou atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos?

Entrevistado: Sim, nós, nós no grupo fazemos os ensaios no mesmo dia. Os ensaios das crianças são apoiados pelos componentes do grupo académico. Portanto, os componentes do grupo académico, digamos que são os transmissores dos conhecimentos para as crianças. Ajudam-nos, ensinam-nos, apoiam-nos, fazem com eles alguns movimentos específicos das próprias danças e, portanto, há aqui uma grande interação. Em muitos ensaios durante o ano, prolongamos os ensaios e fazemos uma jornada de convívio. Para petiscarmos um bocadito, para conversarmos, para estarmos em conjunto... e, portanto, são atividades que, promovem, digamos que, a aproximação, entre as crianças e a juventude ou até os mais velhos. E, portanto, quer no próprio ensaio, quer nos convívios, quer, inclusivamente, nas deslocações que fazemos para participar em festivais ou coisa assim, há sempre uma interação grande entre os mais novos e os mais velhos.

Entrevistador: Do seu ponto de vista pessoal e de acordo com a sua experiência, qual é a importância de todas essas práticas?

Entrevistado: Bom, a importância é que nós valorizamos cada componente que está no grupo. Nós não nos preocupamos apenas em que os componentes do grupo sejam carne para canhão. Ou seja, nós não queremos que os componentes do grupo sirvam apenas para ir às atuações para o grupo poder fazer determinado tipo de espetáculos ou coisa assim. Nós queremos que os componentes do grupo se sintam perfeitamente empenhados naquele que é o objetivo do grupo, mas que igualmente se sintam também a realizar-se no seu aspeto pessoal. E, portanto, nós no grupo, nomeadamente com as crianças, temos crianças que vão para o grupo, começam a assistir aos ensaios com três, com quatro anos, com cinco anos e tudo isso... e participam nas atividades do grupo, deixamos dançar uma ou duas danças que eles quiserem, às vezes há uma criança que vai experimentar e depois não gosta, e se não quiser continuar a dançar pode continuar a ir ao grupo. Portanto, não é obrigado a dançar para ir ao grupo, para ir aos ensaios, para

estar com os seus amigos. E estamos agora, também, a desenvolver uma outra área do próprio grupo que são os jogos tradicionais, para intensificar, de alguma maneira, digamos que, a oferta para as crianças do seio do grupo, em que não é apenas a sua prática na dança, mas também a prática nos jogos e nas brincadeiras. E, portanto, muitas crianças que eventualmente não queiram estar no grupo para dançar, podem ir ao grupo para participar nos jogos. E, portanto, para nós, são igualmente bem-vindos e temos nisso, também, o maior gosto. Portanto, o que é importante é transmitir e ter uma prática coerente com este espírito, que a criança como qualquer outro componente do grupo não serve apenas para dançar, para cantar ou para tocar. O estar no grupo, o ajudar o grupo, o poder ser diretor do grupo, o participar nas jornadas de convívio, o ser voluntário no festival, tem igualmente a mesma importância e, portanto, nós estipulamos todos, naturalmente, para esse tipo de relacionamento com o grupo, quem quer dançar, dança, quem não quer dançar, não dança, mas são todos bem-vindos.

Entrevistador: Hm hm.... Pronto, terminei as perguntas, obrigada... por ter respondido!

Entrevistado: Sim senhor, de nada, sempre às ordens! Sempre que precisar, disponha!

## APÊNDICE 10

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 8

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Que idade tinhas quando te envolveste no folclore?

Entrevistado: 11 anos.

Entrevistador: Como é que tiveste conhecimento do grupo?

Entrevistado: Na altura foi uma, uma prima que me levou ao ensaio e acabei por, aliás sempre foi uma coisa que gostei muito e que acho que faz muito parte do desenvolvimento de qualquer criança hoje em dia.

Entrevistador: Então tens relações de parentesco com outros elementos do grupo?

Entrevistado: Sim, sim, tenho.

Entrevistador: Com que frequência participas em eventos e ensaios?

Entrevistado: Eventos todos os que posso, tento estar sempre na linha da frente e nos ensaios acaba por ser um pouco isso. Às vezes a indisponibilidade de trabalho e às vezes até mesmo familiar é que me faz com que não possa estar presente, mas sempre que posso quero estar sempre presente.

Entrevistador: Fora dos dias de ensaios, costumavas colaborar com o grupo?

Entrevistado: Sim, sempre que é necessário estou presente.

Entrevistador: De que forma o grupo ou o folclore contribui para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: Ora, o folclore para o enriquecimento pessoal... aa... no meu caso, como entrei aos 11 anos, fez-me... aliás, o folclore é uma coisa que muitas pessoas podem não pensar mas é uma realidade; faz com que nós tenhamos um maior desenvolvimento porque no meu caso eu era uma pessoa da aldeia, pacato, sempre me dei bem com toda a gente, sempre fui uma pessoa que manteve alguma relação com as pessoas, mas o

folclore fez com que eu me abrisse um pouco mais, conhecesse várias zonas do país... o folclore tem-me dado mais a mim do que propriamente eu tenho dado a ele. Mesmo contribuindo nas minhas atividades, ou melhor, em todas as atividades do grupo, o folclore tem-me dado muito mais do que propriamente eu dado ao folclore.

Entrevistador: Consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico?

Entrevistado: É assim, todos os grupos têm altos e baixos... aa... desde elementos, desde às vezes as recolhas, que nem sempre é fácil para quem as faz... aa..., mas de certa maneira acho que atualmente o mais complicado é mesmo a juventude interessar-se porque viemos de um covid, viemos de tudo e mais alguma coisa que fez com que as crianças ficassem mais... as crianças que ainda vão permanecendo ou entrando no grupo são aquelas que já têm ligação ao grupo e isso é uma coisa que me preocupa muito.

Entrevistador: Ok. Quando vês uma criança ou um jovem a ingressar no teu grupo folclórico, o que é que costumavas fazer em relação a isso? E o grupo?

Entrevistado: É assim, no meu caso, no meu caso eu tento, tento primeiro perceber como é que a criança se vai adaptar... aa..., caso tenha que intervir, intervenho, mas normalmente eu tenho sempre com que a pessoa ou criança se aproxime e ler um bocadinho como é que a criança funciona porque todos nós somos diferentes, não conseguimos lidar sempre da mesma maneira, há crianças que são mais dadas, outras são mais fechadas... aa..., mas acabam um bocadinho por isso, é fazer uma pequena leitura e se vir que a criança está um bocadinho tímida, dar uma gracinha, tentar com que a pessoa se sinta à vontade e perceber que aquilo acaba por ser também um pouco do recolher dos nossos antepassados mas também um pouco de convívio de alegria, família, acaba por ser por aí...

Entrevistador: Qual é a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas? O que é que costumam fazer no teu grupo para essa integração?

Entrevistado: Isso é uma pergunta... que é que... como é que é a pergunta?

Entrevistador: Relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas...

Entrevistado: É assim, neste momento, nós temos uma grande vantagem. Como temos uma escola de folclore, acaba por ser uma mais valia porque amigo puxa amigo, há aquela situação de que às vezes “Epá andas ali com aqueles trajés, com aqueles fatos” (que nem dizem trajés) ..., mas acaba por puxar, quando se vê, a escola de folclore tem essa mais valia, tem uma grande facilidade em adquirir crianças para o grupo.

Entrevistador: Porque motivo é que ingressaste no grupo? Ou no folclore?

Entrevistado: Só perguntas difíceis... (alguma ironia) Porque é que eu entrei... literalmente eu era uma criança que brincava sozinho, não tinha problemas em brincar sozinho, tinha muito a minha rotina de escola... escola – ama – casa... ao fim de semana agricultura com o pai... acabava sempre por ser um bocadinho uma rotina sempre... monótona. E o folclore, quando fui ao ensaio, àquele ensaio, o dançar fez... para mim... e depois de saber o porquê daquela dança... porque nós temos de ser sinceros. Muitas das coisas que são retratadas em palco, essas coisas fazem com que... fazem-nos lembrar que hoje, se temos o que temos, deve-se muito aos nossos antepassados, às vivências, às crenças, à religião em si... todas essas coisas foram uma mais valia...

Entrevistador: De que atividades é que gostas mais?

Entrevistado: Para ser sincero, as atividades que eu gosto mais, até mesmo... os próprios festivais. Gosto muito de ter a presença dos grupos cá, embora por vezes não é fácil, porque como temos de estar a dar auxílio, não conseguimos estar tanto em contato... ou seja, eu já tive essa fase... tive essa fase quando fazia de guia... Eu todos os anos fazia parte de ser o guia de um grupo... hoje cresci, tenho de ajudar noutras tarefas, mas o que gosto mesmo é o próprio festival em si, o convívio, o ver as tradições dos outros grupos, o convívio em si, que é outra coisa que me preocupa porque hoje em dia as crianças não convivem, as crianças estão ligadas a um modernismo muito complicado, que se isolam umas das outras... pronto... acaba por aí... por ser assim... por aí.

Entrevistador: Porque é que te manténs no grupo?

Entrevistado: Porque é que me mantenho no grupo... acaba por ser um bocadinho o que disse há pouco... as coisas que eu gosto mais e acaba por ser em homenagem aos nossos antepassados, a tudo o que eles passaram, porque eles no entanto, eles eram felizes a dançar, a cantar, as desfolhadas, tudo, tudo isso fazia com que as pessoas vivessem as coisas com uma alegria, uma satisfação, e acho que isso, isso é o que me faz manter no grupo e gostar do grupo, porque posso dizer que uma das músicas quando a oiço, sei que era, quem a retratou foi um familiar meu e quando oiço o nome do familiar, não o conheci, mas ainda me dá mais força para dançar aquela música e danço com uma entrega e acaba por ser um bocadinho por aí.

Entrevistador: Já alguma vez pensaste deixar o grupo?

Entrevistado: Tenho mesmo de responder?

Entrevistador: Sim...

Entrevistado: Algumas vezes, sim! Não, não por não gostar do grupo, não por não gostar das pessoas, acaba por ser às vezes complicado a vida profissional e agora mais a constituir família, tenho uma criança a caminho, tudo isso me preocupa. Mas ao mesmo tempo gostava muito que... que a minha filha um dia pudesse pertencer ao grupo e saber que aquilo é importante para o desenvolvimento de uma criança.

Entrevistador: Já estiveste inserido em outro grupo?

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Em relação aos restantes elementos do grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou de quase todos?

Entrevistado: É assim, no meu caso, eu não tenho essa dificuldade em ser novo ou ser uma pessoa mais de idade. Porque sempre fui uma pessoa que consegui estabelecer uma grande ligação, tanto com a criança com a idade mais nova, até à pessoa com mais idade do grupo. Sempre tive essa facilidade.

Entrevistador: Sim.... Consideras o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Eu considero o grupo uma coisa séria.

Entrevistador: Que ocupação de tempos livres é que tens?

Entrevistado: Agricultura... e agricultura e agricultura e agricultura! (risos)

Entrevistador: Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao grupo de folclore? Podes dizer várias...

Entrevistado: A razão que me faz manter no grupo...

Entrevistador: Que te faz pertencer...

Entrevistado: Que me faz pertencer... acaba por ser um pouco o que eu já respondi anteriormente... as raízes, os nossos antepassados, e continuar a manter esta tradição em contacto no geral porque o folclore é uma coisa que agora ainda por cima cada vez é mais valorizada e eu acho que é uma coisa que nós não devemos deixar perder.

Entrevistador: Identificas-te com as tradições culturais da região?

Entrevistado: Sem dúvida...

Entrevistador: Que benefícios o folclore já trouxe à tua vida pessoal e profissional?

Entrevistado: À vida pessoal e profissional... acabou por fazer com que fosse uma pessoa mais aberta... lá está, eu estava habituado a estar na aldeia, neste momento estou habituado, consigo estar em qualq... ou seja conheci várias zonas do país, se calhar se não fosse o rancho não tinha essa possibilidade, desde tempos livres e a nível profissional acabaria por ser muito complicado... e acaba por ser um pouco isso...

Entrevistador: Algum malefício? O folclore já trouxe algum malefício à tua vida? É o contrário de benefício...

Entrevistado: Não.

Entrevistador: Agora em relação ao Folclore como mediador... O Folclore pode, efetivamente, ajudar na integração social de crianças e jovens. Concordas com esta afirmação?

Entrevistado: Sem dúvida.

Entrevistador: Porquê?

Entrevistado: Porque faz com que as crianças acabem por... perceber um pouco as suas raízes... aa..., e conviver com as outras crianças... acho que isso é muito importante para o futuro destas crianças.

Entrevistador: Ok. Consegues identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias, como com as crianças e jovens para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: Aa..., é assim, nós temos várias atividades ao longo do ano... aa..., agora no nosso até posso dizer... temos algumas atividades, temos, por exemplo, zumba... aa..., há uma coisa que eu ando a pensar em voltarmos aqui a fazer, jogos tradicionais, já chegámos a fazer a malha, o jogo do lenço, o jogo dos sacos... tudo isso são tradições que hoje em dia uma criança não sabe para o que é que serve. Aliás, hoje em dia uma criança toca num saco de serapilheira e é alérgica. Antigamente, era a alegria de uma criança. Acaba um pouco por ser por aí.

Entrevistador: Existem algumas práticas ou atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos? Podes dar exemplo de atividades que façam no teu grupo... que unam os mais novos aos mais velhos... em que eles possam estar em conjunto...

Entrevistado: Mas isso acaba um pouco por ser às vezes nas próprias danças... temos danças mais de roda... há algumas danças de roda em que incluimos as crianças e os próprios adultos saem e há uma... por exemplo a rapariga com o seu próprio filho, a mãe com o filho, o pai com a filha... acho que isso, isso acaba por ser a ligação para continuar o futuro do folclore.

Entrevistador: E tu já estiveste inserido mais ativamente em algumas dessas atividades...

Entrevistado: Sim!

Entrevistador: Agora para terminar, diz qual a importância dessas práticas, do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência.

Entrevistado: É assim, sendo a última pergunta, acaba por ser uma reflexão de tudo o que eu disse para trás. Ou seja, é não deixar perder estas tradições, mantermos com que as crianças acabem por dar um bocadinho de valor à sociedade e às coisas que têm hoje... aa..., a cultura em si... aa..., as raízes, as suas tradições, desde o... aliás nós já temos feito algumas atividades de fazer bolos lêvedos, o amassar do pão, todas essas coisas hoje em dia são importantes porque uma criança hoje em dia vai à padaria, sabe

que ali está o pão, hoje é tudo mais industrial, já não é o tão tradicional de que qualquer pessoa cozia o seu próprio pão... o encher as morcelas, as farinheiras, todas essas coisas... a matança do porco, hoje em dia uma criança nunca vai saber o que é que é a matança do porco, hoje em dia não podemos ter um porco à porta de casa, ou seja, a criança... ou seja, todas essas coisas que neste momento nós já não temos a capacidade de o fazer, pelo menos, contar-lhes que vivemos isto, vivemos aquilo, para que eles possam, no futuro, transmitir aos seus filhos, um pouco de todas essas tradições que é tão nosso, que é tão português e que é importante para a nossa sociedade.

Entrevistador: Certo, pronto terminei. Mais alguma coisa que queiras dizer?

Entrevistado: Não, não, está tudo!

Entrevistador: Obrigada!

Entrevistado: Obrigado!

## APÊNDICE 11

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 9

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Bom, vamos então iniciar a Entrevista. Apesar de teres feito parte de um grupo folclórico português, quis fazer esta entrevista porque atualmente e desde já há alguns anos que sei que estás num grupo formado numa comunidade de emigrantes na Suíça...

Entrevistado: Correto...

Entrevistador: Então e que idade tinhas quando te envolveste no folclore?

Entrevistado: Era miúdo, devia ter uns 13/14 anos talvez...

Entrevistador: Ok. E como é que tiveste conhecimento do grupo?

Entrevistado: Na altura, quando entrei para o primeiro grupo, era o grupo que tinha na aldeia, era ao pé de casa e era uma forma de estar com os meus amigos, que também estavam inseridos no grupo.

Entrevistador: Nos grupos onde já estiveste inserido, tinhas ou tens alguma relação de parentesco?

Entrevistado: Tive alguma família sim, ao início, mas tem sido mais a namorada ou companheira.

Entrevistador: Com que frequência participas em eventos e ensaios? Costumas faltar?

Entrevistado: Normalmente sou assíduo nos eventos ensaios, mas por vezes algumas questões pessoais ou profissionais obrigam-me a ter de faltar.

Entrevistador: Fora dos dias de ensaios, costumas colaborar com o grupo?

Entrevistado: Desde que esteja disponível, sim colaboro.

Entrevistador: De que forma o grupo ou o folclore contribui para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: O Folclore permitiu-me, desde sempre, conhecer outras pessoas, outras terras, outras culturas... e eu considero-me uma pessoa mais rica nesse sentido, também pelos conhecimentos que adquiri. Posso também dizer que quando vim para a Suíça, integrei logo o grupo através de um amigo, o que me ajudou imenso na adaptação!

Entrevistador: Consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico?

Entrevistado: Aspetos negativos acho que não propriamente, para mim só trouxe benefícios. Por vezes podem surgir alguns atritos, confrontos com a vida pessoal, mas tudo se resolve e há que saber definir prioridades.

Entrevistador: Quando vês uma criança ou um jovem a ingressar no grupo, o que costumavas fazer em relação a isso? E o grupo em geral?

Entrevistado: Eu costumo fazer o que sempre fizeram comigo, acolher bem, pô-los à vontade e ajudar no que for preciso. Já ensinei muita gente nova a dançar e gosto disso, sinto-me mais útil por ajudar. O grupo geralmente faz o mesmo, ensina tudo o que há para ensinar e acolhe bem toda a gente, nunca colocando ninguém de parte.

Entrevistador: Qual a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas? O que costumam fazer no vosso grupo para essa integração?

Entrevistado: Acho que são muito importantes, para que toda a gente se dê bem e que haja uma boa representação da cultura que estamos a representar. No nosso grupo costumamos conversar com os novos elementos, ensinar-lhes o que o grupo representa, e temos alguns convívios onde relembramos momentos de todos no grupo. É importante partilharmos as nossas vivências para que os novos não se sintam mal.

Entrevistador: Porque motivo ingressaste no grupo ou no folclore?

Entrevistado: No folclore, para o convívio com os amigos, sobretudo, e para aprender mais sobre os nossos antepassados. Gosto de representar isso em cima de um palco. No grupo atual, para me integrar na comunidade, quando vim trabalhar para cá.

Entrevistador: De que atividades gostas mais?

Entrevistado: De todos no geral, mas gosto muito das atuações que nos permitem um grande convívio e estamos mais à vontade, não temos tanto a preocupação de ter de trabalhar, como nos eventos que organizamos.

Entrevistador: Porque te manténs no grupo?

Entrevistado: Porque já é como uma família e é um escape para mim. Além disso foi no grupo que conheci a minha atual companheira, que também faz parte do grupo.

Entrevistador: Já alguma vez pensaste deixar o grupo?

Entrevistado: Não, não tenho motivos para isso. Em Portugal estive em dois. O primeiro deixei porque o grupo acabou, o segundo, deixei por ter vindo para aqui.

Entrevistador: Então estiveste em quantos grupos ao todo?

Entrevistado: Contando com o atual, em três.

Entrevistador: Em relação aos restantes elementos do grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou de quase todos?

Entrevistado: De todos praticamente, considero que somos um grupo unido e todos se dão com todos.

Entrevistador: Consideras o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Para mim é uma ocupação de tempos livres, mas que encaro de uma forma muito séria.

Entrevistador: Tens outra ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Sim, faço parte de uma rádio aqui, em que transmitimos para Portugal, via Facebook, em diretos. Foi uma experiência nova que tive também quando vim para cá e adoro.

Entrevistador: Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao grupo de folclore? Podes dizer várias...

Entrevistado: A mais forte é sem dúvida por representar as tradições de antigamente. De resto já mencionei algumas, o convívio, conhecer outros lugares, outras pessoas...

Entrevistador: Identificas-te com as tradições culturais que representam no grupo?

Entrevistado: Identifico-me, sim. Identificava-me mais com as da minha terra. Nós aqui representamos tradições de várias regiões de Portugal, é uma coisa muito diversificada, porque há aqui gente de quase toda a parte.

Entrevistador: E que benefícios o folclore já trouxe à tua vida pessoal/profissional? Algum malefício?

Entrevistado: Como já disse, benefícios trouxe-me muitos no geral. Conheci muita gente, muitos lugares... à vida profissional, acho que me ajudou em certas competências como ser mais ativo, mais aberto, mais comunicativo, dou ideias, sugestões... Malefícios, não tenho nenhum a apontar, como tenho a minha companheira comigo, se estivermos a planear ir passear ao fim de semana e tivermos algum evento do grupo, como andamos lá os dois, é fácil tomar a decisão. Quase sempre optamos pelo grupo, menos quando vimos de férias a Portugal.

Entrevistador: Agora vou entrar no tema da mediação, que é a parte mais importante desta entrevista. O Folclore pode efetivamente ajudar na integração social de crianças e jovens. Concordas com esta afirmação?

Entrevistado: Sim, concordo totalmente. Porque como disse, eu entrei desde cedo e fui sempre bem acolhido, bem integrado, desenvolvi várias coisas em mim que me fizeram crescer enquanto pessoa.

Entrevistador: Certo. Uma questão adicional que tenho para te fazer, dado que estás num grupo de uma comunidade portuguesa no estrangeiro... O que achas de um grupo assim, no que diz respeito à integração social de crianças e jovens?

Entrevistado: Bem, desde que aqui estou já acolhi no grupo várias crianças e vários jovens que, entretanto, vieram também para cá com a família. O que penso disso é que o folclore é uma mais valia para eles se integrarem na terra, enfim, no país. Não os ajudamos apenas no que diz respeito ao grupo e ao folclore, mas também em tudo o resto, o que for necessário para uma boa adaptação à nova realidade... é um país diferente, são pessoas que não conhecem, uma língua nova... ajudamos em tudo o que for preciso que pudermos. Pelo que sei de outras comunidades portuguesas em outros países, onde tenho família e amigos, os grupos folclóricos funcionam muito assim, e é

uma boa forma de integração, não só para crianças e jovens, mas também para os próprios adultos que vêm já numa idade mais tardia.

Entrevistador: Consegues identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias como com as crianças e jovens, para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: Como já referi, além de lhe ensinarmos no que consiste o grupo, as tradições e tudo o que eles devem aprender, ajudamos em tudo o que for preciso para a integração deles cá. Depois temos os ensaios, os eventos, os convívios, as atuações... e... pronto é por aí...

Entrevistador: Existem algumas práticas/atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos? Se sim, quais?

Entrevistado: De todas as atividades que eu disse antes, todas elas fazem isso... promovem a convivência entre as pessoas das várias idades, que fazem parte do grupo.

Entrevistador: Já estiveste inserido mais ativamente em algumas?

Entrevistado: Sim, em todas.

Entrevistador: Então, para terminar... diz-me qual a importância dessas práticas, do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência.

Entrevistado: São práticas muito importantes para o desenvolvimento, para o crescimento de uma pessoa, na minha opinião, de que idade for. Desde que se goste do folclore, só há benefícios. Há que saber conjugar a vida pessoal, a profissional e ainda a pertença ao grupo. Com esforço, dedicação e amor pelo que se faz, só vejo benefícios em pertencer a um grupo folclórico.

Entrevistador: Ok, mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Entrevistado: Não, penso que o mais importante já foi dito...

Entrevistador: Então obrigada por teres aceite esta conversa, foi muito importante!

Entrevistado: De nada, obrigada eu pela lembrança. Tudo de bom para ti.

Entrevistador: Obrigada, igualmente!

## APÊNDICE 12

### Transcrição de Entrevista

#### Entrevista nº 10

(A parte das apresentações foi cortada, devido à confidencialidade da identidade)

Entrevistador: Vamos começar... que idade tinhas quando te envolveste no folclore?

Entrevistado: Entrei ainda muito pequenina, desde que me lembro que ando no grupo.

Entrevistador: Como tiveste conhecimento do grupo?

Entrevistado: Foi pela família.

Entrevistador: Então significa que tens alguma relação de parentesco com outros elementos do grupo?

Entrevistado: Sim, tenho. O grupo tem uma grande parte de elementos que são famílias e acabam por ser famílias todas ligadas umas às outras.

Entrevistador: Isso é engraçado... Com que frequência participas em eventos e ensaios? Costumas faltar?

Entrevistado: Nunca falto, vou sempre, a menos que esteja doente.

Entrevistador: Isso é que é amor e entrega... E fora dos dias de ensaios costumavas colaborar com o grupo?

Entrevistado: Sim, colaboro sempre em tudo.

Entrevistador: De que forma o grupo ou o folclore contribuiu para o teu enriquecimento pessoal?

Entrevistado: Olha, para além de me transmitir mais conhecimento das tradições dos antepassados, permite-me conhecer novas pessoas, novos lugares e realidades... a mim permitiu-me ser mais aberta e aprender a estar e trabalhar em grupo, que é uma coisa muito importante.

Entrevistador: Sim... consideras que existem aspetos negativos em relação à pertença a um grupo folclórico? Se sim, quais?

Entrevistado: Para mim... não estou a ver nenhum..., mas sei que há pessoas, até de outros grupos que eu conheço fora da ilha, que por tanto se entregarem aos grupos, às vezes acabam por deixar a família um pouco para trás, ou até a vida pessoal.

Entrevistador: Quando vês uma criança ou um jovem a ingressar no teu grupo folclórico, o que costumavas fazer em relação a isso? E o grupo em geral?

Entrevistado: Bem, o que eu faço todos fazem. Damos sempre as boas-vindas, fazemos uma apresentação breve e incentivamos logo a experimentar e a fazer as coisas. É um procedimento importante que tem dado resultado no grupo e até agora todos os que entraram se integraram bem. Todos gostamos de ajudar e trabalhar em conjunto.

Entrevistador: Qual a tua opinião relativamente às práticas de integração de crianças e jovens nas atividades folclóricas? O que é que costumam fazer no vosso grupo para essa integração?

Entrevistado: É muito importante que se desenvolva um conjunto de práticas para a pessoa se integrar bem no grupo. Ninguém nasce ensinado e se estamos num grupo todos a trabalhar para o mesmo, devemos pôr a pessoa a par de tudo o que é feito e ajudar em eventuais dificuldades. No meu grupo nós fazemos isso, ensinamos a fazer tudo, com calma, vamos ensinando e o aprendiz vai pondo em prática, porque dificilmente se esquece a prática, a teoria já não é tanto assim. É importante ouvir e colocar em prática, para nós é assim que se aprende.

Entrevistador: É uma boa estratégia. Então e diz-me, por que motivo ingressaste no grupo ou no folclore?

Entrevistado: Porque tinha lá família e amigos.

Entrevistador: De que atividades gostas mais?

Entrevistado: Hmm... difícil... (risos) Gosto de todas, ensaios, atuações, convívios, passeios, eventos. O Grupo é o meu refúgio ao dia a dia de trabalho.

Entrevistador: Porque te manténs no grupo?

Entrevistado: Ora bem... pelo motivo que acabei de dizer na última pergunta e porque tenho lá algumas das pessoas mais importantes da minha vida, principalmente.

Entrevistador: Já alguma vez pensaste deixar o grupo? Se sim, porquê?

Entrevistado: Não, nunca tive motivos para isso, felizmente.

Entrevistador: Já estiveste inserida em outro grupo?

Entrevistado: Estive também num grupo de cantares, mas tive de optar e saí.

Entrevistador: Ok. Em relação aos restantes elementos do grupo, sentes uma maior proximidade com as pessoas da tua idade ou de quase todos?

Entrevistado: Dou-me super bem com todos! Somos uma família muito unida!

Entrevistador: Consideras o grupo algo mais sério ou apenas uma ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Muito sinceramente as duas coisas, em igual medida.

Entrevistador: Tens outra ocupação de tempos livres?

Entrevistado: Sim, gosto de sair à noite, gosto de ouvir música, fazer compras, ler... entre outras coisas.

Entrevistador: Qual a razão mais forte que te faz pertencer ao grupo de folclore? Podes dizer várias.

Entrevistado: Posso dizer talvez a representação das tradições culturais... Eu gosto muito de cantar e bailar, sinto uma alegria enorme em cima do palco e nos ensaios também... e tudo o resto que também já disse.

Entrevistador: Portanto, identificas-te com as tradições culturais da região?

Entrevistado: Sim, totalmente.

Entrevistador: Muito bem... Que benefícios o folclore já trouxe à tua vida pessoal e profissional?

Entrevistado: Ajudou-me a perder a timidez, aprendi muita coisa, adquiri muitas competências... acho que a pessoa que sou hoje, em grande parte devo ao folclore. Em termos profissionais, ajudou-me muito também porque eu sou esteticista e a minha carteira de clientes é em grande parte colegas do grupo e pessoas que eu conheci através do grupo. Portanto só tenho coisas boas a dizer.

Entrevistador: Algum malefício?

Entrevistado: Não propriamente, mas um dos motivos para não ter feito o ensino superior foi a falta de tempo que teria para o grupo. Foi uma escolha minha e não estou nada arrependida.

Entrevistador: Vamos entrar agora na reta final da entrevista e eu tenho aqui uma afirmação que é: O Folclore pode efetivamente ajudar na integração social de crianças e jovens. Concordas com esta afirmação?

Entrevistado: Sim... concordo.

Entrevistador: Consegues justificar a tua resposta?

Entrevistado: Pela experiência que eu tive e pelo que vejo dos meus colegas de grupo. Principalmente os jovens que integram o nosso grupo. Alguns que entram meio tímidos, meio acanhados... passado um tempo ficam mais soltos, mais participativos, mostram mais iniciativas... vê-se um progresso brutal neles. Depois é vê-los, também, a ensinar novos elementos, a integrá-los no grupo... e pronto.

Entrevistador: Consegues identificar algumas práticas ou atividades no folclore, tanto com as famílias como com as crianças e jovens, para que se consiga fazer essa integração social?

Entrevistado: Sim, nós até realizamos algumas atividades em que envolvemos as famílias com os elementos, sejam crianças e jovens ou até adultos e mais velhos.

Entrevistador: Podes dizer-me algumas?

Entrevistado: Sim. Nós fazemos algumas atividades de carácter cultural e social, sem ser as atuações propriamente ditas... fazemos um género de palestras, workshops, teatros de mostras etnográficas... depois temos os convívios abertos às famílias dos elementos, nos eventos contamos muitas vezes com ajuda dos familiares e alguns amigos dos elementos. Eu acho que essas práticas, as interações, o trabalhar em grupo, ajudam imenso na integração social dos mais jovens.

Entrevistador: Então, se calhar é estar a repetir-me, mas achas que existem algumas práticas ou atividades específicas que promovam a convivência dos mais jovens com os mais velhos?

Entrevistado: Todas as que mencionei, todas as nossas práticas e atividades promovem a convivência entre todas as faixas etárias, porque o folclore não tem uma idade específica para os envolvidos, o folclore é de todos e é para todos. Todos fazemos de tudo um pouco.

Entrevistador: Isso é muito bom, devia ser assim em todos os grupos. Então já estiveste inserida mais ativamente em algumas dessas práticas?

Entrevistado: Eu estou em todas. (risos)

Entrevistador: Bem, para terminar, diz-me qual a importância dessas práticas, do teu ponto de vista pessoal e de acordo com a tua experiência.

Entrevistado: Essas práticas são importantes, para as pessoas adquirirem mais conhecimento, desenvolver as competências pessoais, aprenderem a estarem em grupo, que é importante para saber estar na sociedade, para se construírem ou reconstruírem enquanto pessoas. Do meu ponto de vista, pertencer a um grupo folclórico só traz benefícios. Acho que quem disser o contrário é porque não vive ou não viveu o folclore na sua plenitude.

Entrevistador: Muito bem... mais alguma coisa que queiras acrescentar?

Entrevistado: Não, espero que tenhas entendido tudo, eu tentei disfarçar o sotaque para depois perceberes (risos), mas se houver alguma coisa depois, é só dizeres!

Entrevistador: (Risos) Tudo bem, não te preocupes! Muito obrigada pelo teu contributo, um beijinho grande!

Entrevistado: De nada minha querida, outro para ti!